MAISVALIA7

DEZEMBRO—MARÇO 2010 ANO III Nº 7 R$ 10,00

CINPAL: trabalhadores atropelam o sindicato

A crise e a negação da negação
Hector Benoit

Trotsky Breton e Leminski

MAISVALIA

DEZEMBRO 2009—MARÇO 2010 ANO III Nº 7

MAISVALIA Nº 7

ISSN 1982–6761
DEZEMBRO 2009—MARÇO 2010
SÃO PAULO—BRASIL

MAISVALIA é uma publicação quadrimestral

Editora Týkhe
5511 3929 4391
www.maisvalia.org
fale@maisvalia.org

Operação em bancas

Assessoria: Edicase soluções para editores Ltda
www.edicase.com.br

Distribuição exclusiva em bancas:
Fernando Chinaglia distribuidora S/A

Manuseio: Fg Press
www.fgpress.com.br

© Copyright 2009 by Editora Týkhe

CONSELHO EDITORIAL

Aldo Xavier Monteiro
Mestrando na Universidade de São Paulo (USP) – SP

André Cressoni
Mestrando na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) – SP

Carlos Alves do Nascimento
Prof. Dr. do Instituto de Economia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) – MG

Carlos Prado
Mestrando na Universidade Estadual do Oeste de Paraná (UNIOESTE) – PR

Elieser Spereta
Prof. Dr. do Dep. de Filosofia da Universidade Metodista de Piracicaba – SP

Fábio Maia Sobral
Prof. Dr. do Dep. de Teoria Econômica da Universidade Federal do Ceará – UFC – CE

Fernando Dillenburg
Doutorando na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) – SP

Hector Benoit
Prof. Dr. Livre Docente do Dep. de Filosofia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) – SP

Jadir Antunes
Prof. Dr. do Dep. de Filosofia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) – PR

Jair Antunes
Prof. Dr. do Dep. de História da Universidade Estadual do Centro–Oeste (UNICENTRO) – PR

Joanir Fernando Ribeiro
Mestrando na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) – SP

Julio Maia
FAU/USP – SP

Luiz Renato Martins
Prof. Dr. do Dep. de Artes Plásticas da Universidade de São Paulo (USP) – SP

Manoel Fernandes
Prof. Dr. do Dep. de Geografia da Universidade de São Paulo (USP) – SP

Rafael Padial
FFLCH/USP – SP

Ricardo Melo
Prof. Ms. do Dep. de Ciências Econômicas da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) – MG

Rodrigo Brancher
FAU/USP – SP

Urbano Nojosa
Prof. Ms do Dep. de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC) – SP

“Das Kapital ist verstorbne Arbeit, die sich nur vampyrmässig belebt durch Einsaugnung lebendiger Arbeit, und um so mehr lebt, je mehr sie davon einsaugt.”

(Marx, *Das Kapital*, MEW, livro I, “Der Arbeitstag”, p. 247)

“O capital é trabalho morto que, como vampiro, somente vive sugando trabalho vivo, e vive mais quanto mais trabalho vivo suga.”

(Marx, *O capital*, livro I, “A jornada de trabalho”, p. 247 da edição alemã)

ÍNDICE

6 EDITORIAL

10 REVOLTA CONTRA FÁBRICA-QUARTEL E SINDICATO
Entrevista com trabalhadores da Cinpal em greve

16 “O SINDICATO É COMO A ESTÁTUA DA JUSTIÇA: CEGO”
Entrevista com trabalhador da Volks

20 GREVES SE ESPALHAM POR TODO O PAÍS
Joanir Ribeiro

28 A CRISE E A NEGAÇÃO DA NEGAÇÃO
Hector Benoit

36 O MITO DA “PRODUÇÃO SIMPLES DE MERCADORIAS”
Christopher J. Arthur

42 LENIN E A TEORIA NEGATIVA DA DEMOCRACIA
Carlos Prado

56 A GUERRA CIVIL ESPANHOLA E A FRENTE POPULAR
Ann Talbot

70 TROTSKY, BRETON E LEMINSKI
Trotsky como símbolo para uma poética futura
Alexandre Benoit

73 Trotsky por Breton

77 Poeta Paulo Leminski: reflexo brasileiro de uma poética futura

81 Poema-gibi: Leminski-Trotsky

EDITORIAL

O primeiro número da revista *MAISVALIA* foi publicado em novembro de 2007, com uma tiragem de apenas 1000 exemplares que se esgotou rapidamente. Com este número que agora apresentamos, válido de dezembro de 2009 a março de 2010, entramos no nosso quarto ano de existência, mantendo a periodicidade quadrimestral proposta inicialmente e sua linha editorial de combate teórico e prático.

Consolidaram-se as suas principais seções: uma primeira, focada em entrevistas com trabalhadores que participam das lutas de sua classe. Como dissemos no primeiro número, e como nos ensinou Marx, consideramos que o marxismo nada mais é do que a expressão teórica de classe da própria classe operária. Nesse sentido escreveu Marx no posfácio da segunda edição do livro I de *O capital*:

A compreensão que O capital *rapidamente encontrou em amplos círculos da classe operaria alemã é a melhor recompensa de meu trabalho. Um homem, economicamente situado numa perspectiva burguesa, o Sr. Mayer, industrialista vienense, afirmou com acerto, numa brochura publicada durante a Guerra franco-alemã, que o grande senso teórico, considerado patrimônio hereditário alemão, teria desaparecido completamente das assim chamadas classes cultas da Alemanha, para ressucitar, em compensação, na sua classe trabalhadora.*[1]

Assim, se isso já era verdadeiro no século XIX, que dizer e aprender das nossas "classes cultas atuais"? Portanto, nada mais importante do que ouvir e aprender o marxismo com a própria classe operária em luta, como sempre realizou e realiza esta nossa primeira seção que abre a revista.

Uma segunda seção de artigos mais teóricos também se consagrou nas nossas páginas nestas sete edições. Em geral, alguns artigos voltam-se mais para problemas conceituais de interpretação do marxismo e outros para análises históricas das grandes experiências e lutas que a classe operária realizou no passado. Por exemplo, neste número, estudamos em um artigo o conceito de negação da negação utilizado por Marx, relacionando-o com a crise contemporânea do capitalismo. Procuramos então mostrar que esse conceito não consiste em nenhum mistério filosófico, mas sim, num movimento objetivo para o qual se encaminha, segundo Marx, o modo de produção capitalista em sua agonia. Em outro artigo dessa mesma seção, estudamos os limites do conceito de democracia e procuramos mostrar o seu significado contraditório a partir de Lênin. No artigo "O mito da produção simples", Christopher Arthur—ao qual agradecemos a autorização de publicá-lo—procura demonstrar que se trata de um grande mito a divulgada interpretação segundo a qual Marx começaria *O Capital*—em sua *Seção I*, sobre a mercadoria e o dinheiro—, pela exposição do conceito de produção mercantil simples—como uma forma de produção historicamente existente que teria precedido a forma capitalista—e que apenas na *Seção II* Marx avançaria para a exposição da produção mercantil capitalista enquanto tal. O quarto artigo desta seção volta-se mais para um importante processo histórico do passado, aquele da Guerra Civil Espanhola, que nos permite extrair grandes ensinamentos a respeito de uma forma de governo—a Frente Popular—que tantas derrotas amargas causou à classe operária mundial.

1. *O capital*, ed. Abril, 1983, p.15-16.

Finalmente, numa terceira seção, mais voltada para aspectos culturais, também já consagrada nestes números da *MAISVALIA*, refletimos agora sobre a importância de Trotsky como símbolo para todos os artistas que perceberam e percebem a necessidade histórica do socialismo, mas que, ao mesmo tempo, se recusam a submeter-se aos padrões burocráticos gerados pela cultura stalinista, tais como o chamado "realismo socialista". Mostramos, ao contrário, como Trotsky, desde antes de suas relações com André Breton, surgia como símbolo de uma arte libertária que, posteriormente, sobreviveu, tendo seguidores até no Brasil, como nosso grande poeta Paulo Leminski.

A *MAISVALIA* vai assim para mais um número e para mais um ano de existência, muito mais forte do que antes e sem qualquer concessão em seu conteúdo, mostrando que a crise do capitalismo a torna mais necessária e procurada pelos trabalhadores, pela juventude revolucionária e por todos aqueles que lutam por um mundo melhor, um mundo socialista, sem o vampiro que só sobrevive graças à extração de tempo de vida dos homens, trabalho, sangue.

Esse fortalecimento da *MAISVALIA* se expressa claramente em números. Temos hoje uma tiragem de 3.500 exemplares e uma distribuição nacional que atinge mais de 500 bancas de revista e as principais redes de livrarias do Brasil.

Parafraseando Maiakóvski, podemos dizer:

Camarada vida,
vamos,
para diante,
galopemos
pelo qüinquênio afora.
as revistas MAISVALIA(s)
para nós
não deram rublos.
nem mobílias
de madeiras caras.
Umas camisetas
lavadas e claras,
e basta,—
para nós é tudo.

REVOLTA CONTRA FÁBRICA-QUARTEL E SINDICATO

Entrevista com trabalhadores da Cinpal em greve

Na Cinpal, fábrica de autopeças em Taboão da Serra, na região da Grande São Paulo, durante muito tempo os trabalhadores aguentaram calados seu cotidiano maçante. As reclamações sobre a repressão dentro da fábrica e as condições de trabalho são constantes.

Não era difícil ouvir trabalhadores reclamarem da existência de baratas e outros insetos na comida, das condições dos ônibus que os transportam de casa até a fábrica ou, ainda, das precárias condições do banheiro que a fábrica disponibiliza. Relatos de abuso de chefetas, os chamados "líderes", também são recorrentes. Um operário sintetizou o que significa a fábrica para os trabalhadores: "O pessoal fala que é regime de quartel, são bem rigorosos. São bem radicais!"

Toda essa revolta, antes adormecida, manifestou-se de forma explosiva na última campanha salarial, ao final de outubro. A proposta de acordo apresentada pelo sindicato e pela empresa foi atropelada pela grande maioria dos metalúrgicos da Cinpal, o que surpreendeu a eles próprios. A primeira greve depois de 18 anos foi uma derrota para o sindicato (vinculado à Força Sindical), que há muito tempo não defendia o interesse dos trabalhadores, e foi obrigado a seguir a decisão da grande maioria que estava na assembleia.

Reunimos aqui relatos de diversos trabalhadores da Cinpal, recolhidos antes e durante a mobilização, sobre as péssimas condições de trabalho e a repressão dentro da fábrica. A seguir publicamos entrevista realizada pouco após a deflagração da greve, no calor do momento, com metalúrgico que trabalha há quatro anos na Cinpal. Os trabalhadores pediram para não serem identificados, a fim de que seus empregos fossem preservados.

Trabalhadores em assembleia na frente da fábrica Cinpal, em Taboão da Serra, na Grande São Paulo.

Trabalhadores relatam as péssimas condições de trabalho

Comida

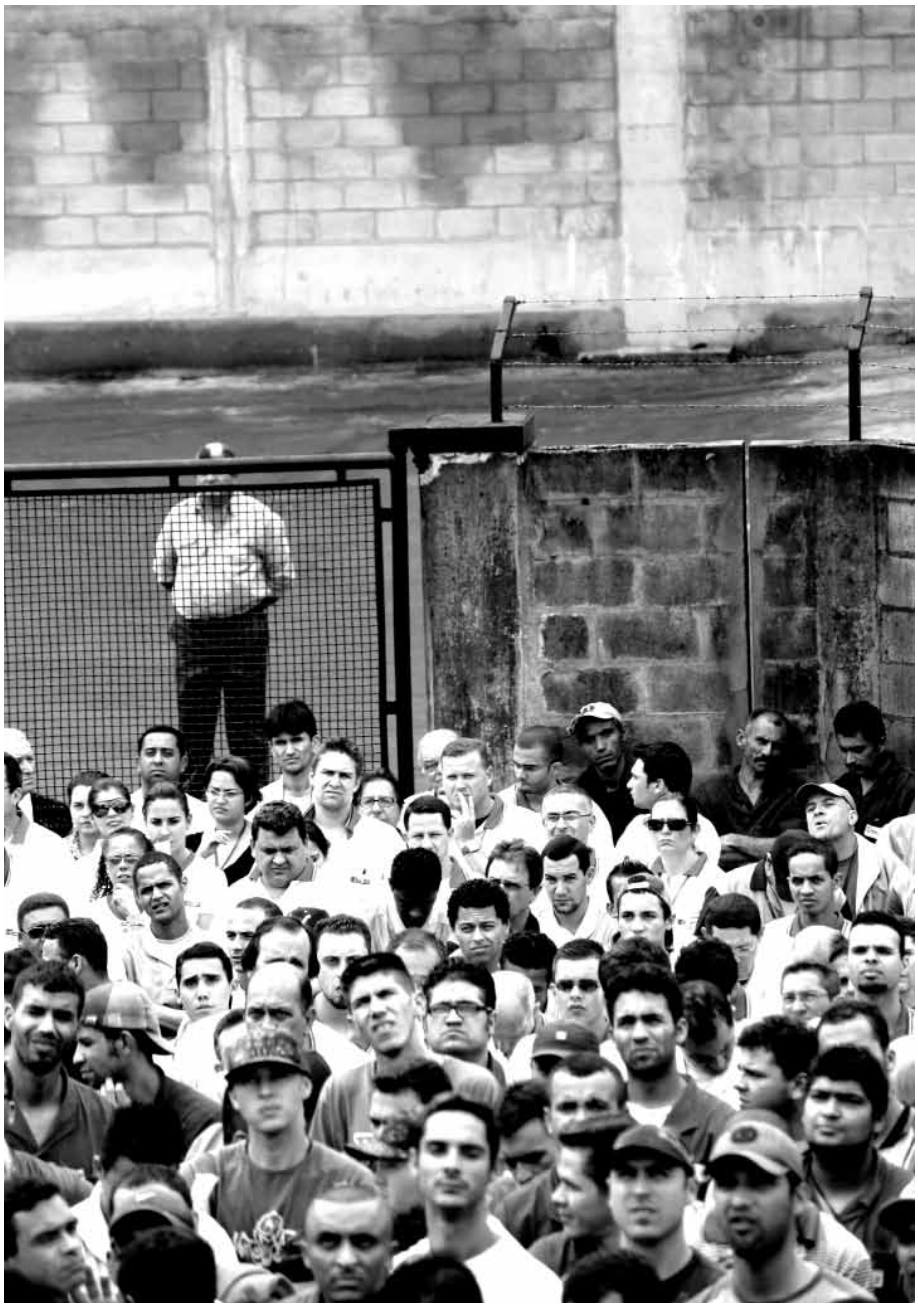
"A alimentação é ruim demais. Não dá. Isso sem falar que eu já fui parar no hospital duas vezes, por intoxicação alimentar. Barata no arroz, lagartinha no alface, tá ruim demais. Barata no arroz, não dá! Imagina o cara pegar uma barata no arroz...

"Tem colega que nem come, todo o dia traz um lanche de casa e come escondido, porque não pode entrar, você é obrigado a comer o que tem aí. Ou você vai e dá um jeito na administração pra trazer sua marmita e ver se eles esquentam. Mas isso eu nunca vi acontecer.

"No sábado a gente come na máquina. Sábado não tem hora de almoço, é dois lanches e tem que comer rápido.

"Eu ainda acho que eles colocam algum produto químico na comida, na refeição. Salada, assim, eles não lavam. Uma vez eu encontrei um grilo dentro da salada. Eu peguei a salada pra comer e encontrei grilo na salada. E o quê? Isso é coisa que se faça com o funcionário? Não é! Eu acho que o diretor de empresa não tem esse privilégio de encontrar um grilo na salada. E também tacaram produto lá, cloro parece, na salada. Só que eles não lavaram a salada. Deram pros trabalhadores assim, com cloro e tudo. E não é só eu que reclamo, todo funcionário pode falar isso aí".

Sindicalista discursa no alto do carro de som.



Trabalhadores pouco antes da votação da greve.

Transporte

"Os ônibus, pelo menos o que eu pegava era o melhor de todos de lá. Só que o resto, em compensação, é tudo meia-boca. Tudo ônibus de mil novecentos e tralálá. Ônibus velho que precisa de reforma ainda, tipo, só quando tem que comprar outro. Pra eles, eles pensam: 'Peão só serve pra trabalhar e foda-se com o que eles estiverem andando'.

"Uma vez chegamos atrasados por causa desses ônibus velhos. Sabe o que eles fizeram? Descontaram as horas de todo mundo do atraso do ônibus".

Vigilância

"Geralmente, quando o encarregado via o operador demorar no banheiro, o que que eles pensavam? Opa, ele tá dormindo. Olham por cima da porta ou por baixo da porta pra ver se o cara ta dormindo. E se tá dormindo ele pega a câmera pra tirar foto. Chegou a acontecer isso!

"Reclamação de nada pode ter. Se reclama você fica suspenso. Por exemplo, se reclamar da comida fica suspenso do refeitório, se reclamar do ônibus, fica sem transporte. É brincadeira?

"Inclusive, pra gente poder entrar pra trabalhar tem uns detectores de metal como se fosse pra entrar em banco. Você entra, aí além da guarda da Cinpal tem uma guarda particular e que olha tudo. Se toca o detector a pessoa tem que voltar. Teve gente que perdeu até algum pertence no local, porque às vezes coloca lá na caixinha e depois, com pressa de embora, esquece lá. Aí, quando é no outro dia vai ver não tá mais, às vezes um outro pegou. Tem catraca pra entrar na empresa e depois tem outra catraca pra sair do vestiário e ir trabalhar. Nem celular entra lá!

"Os chefes fazem uma marcação cerrada. Fica a guarda a uns 50m lá na hora de entrada e saída. É tipo quartel mais ou menos... O pessoal fala que é regime de quartel, são bem rigorosos. São bem radicais".

A explosão da revolta contida

MAISVALIA Como eram as condições de trabalho quando você entrou?

C. Ah... Já era ruim, não mudou nada. O que tinha antes tem agora e eu acho que dificilmente vai mudar.

MV Por que?

C A administração acha que a gente não tem atitude, mas o que acontece aí? Às vezes ela nem sabe o que acontece, fica só lá dentro, como se fosse outra empresa.

Trabalhadores aguardam a apresentação da proposta da empresa.

MV Mas o que acontece, acidente?

C Acidente não acontece. São os líderes que passam toda hora na sua máquina: "E aí, como é que tá?" Vai lá olhar toda hora, toda hora fala "vamos mais rápido". Mesmo fazendo certo os caras enchem o saco, estando errado enchem o saco.

Roupa dão só duas por ano, se rasgar tem que comprar. Bota, se furar, eles não querem saber, tem que comprar, é uma bota por ano só. Se precisar de mais tem que pagar bota, camisa e óculos.

MV Agora que parece que tá mudando?

C Tá. Um pouco mais. Até aquele dia eu fiquei surpreso. Tá mudando um pouco mais, acho que os que puxam mais o saco foram embora, e agora só estão os mais novos, que querem mudar e querem condição melhor.

MV Aquele dia... É o da assembléia que você tá falando? Como foi?

C Foi uma surpresa. Pra mim, pra todo mundo. Ninguém esperava ter essa paralisação. Nem que o sindicato aceitasse isso. Então foi uma surpresa pra todo mundo.

MV Deflagraram a greve na quinta-feira. Você achava que o sindicato não ia aceitar?

C Eu achava que ele ia dar uma maquiada ali, pra ver se a gente entrava. Tanto é que na sexta queria adiar a greve lá pra terça-feira, depois do feriado [do dia 2 de novembro]. Ninguém aceitou. Greve já! Pra fazer uma pressão maior na empresa. Porque pra eles o sábado é sagrado. Se o cara não trabalhar no sábado, é como se acabasse o mundo.

MV E a próxima semana, terça e quarta, é importante pra empresa?

C Vai ter auditoria da outra empresa, da filiada da Volks, e é um contrato que eles já falaram que é importante. Já tão arrumando, pintando caixa, limpando tudo lá dentro.

MV E pros trabalhadores, o que a empresa fez?

C: Apareceu um comunicado falando que a gente era porco, que o operador da máquina fedia. Tava bem claro: fedia, de porco, imundo, com o uniforme rasgado, roupa suja. E na seção, se você tiver oportunidade de entrar um dia vai ver que não tem uma vassoura, uma pá. Não tem nada. Você tem que procurar. É uma pra cem caras. Aí fica difícil. Até falei com o cara: "Pô, quer que limpe essa merda, mas não tem nada. Então vai ficar sujo!". Ficaram de providenciar, mas tá indo devagar, engatinhando.

MV E tudo isso por causa dessa outra empresa?

C Por causa da outra empresa que vai vir visitar. Só por isso. Depois que ela passar e for aprovado, vai voltar a mesma coisa. Não tem problema ficar imundo, se não tiver ninguém pra olhar, ninguém liga pra isso não. Eles querem peça.

MV E você acha que tudo isso contribuiu para, agora, os trabalhadores se revoltarem?

C Ah, a gente ficou muito revoltado de ser chamado de porco. A gente trabalha aí, não tem 5 minutos pra limpar a máquina, não pode. Foi isso que passaram pra gente. O uniforme é duas calças e duas camisas por ano. E você trabalha o ano inteiro, ela desgasta. Daí você passa sem querer na máquina, ela suja. Você não vai ficar lavando roupa da Cinpal todo o dia. Ninguém trabalha pra comprar sabão. Aí colocaram esse papel lá, esse comunicado há umas duas semanas.

MV E aí, na semana passada, teve assembléia na quinta...

A grande maioria dos trabalhadores vota pela greve imediata na Cinpal.

C Falaram sobre reajuste, sobre a inflação. Foi razoável, mas a gente quer um pouco mais. Queremos 10% aí, no mínimo.

MV Na sexta, a empresa disse que não dava esse aumento...

C Foi. Na sexta não teve acordo. Ninguém entrou pra trabalhar.

MV E o sindicato queria isso também, que ninguém entrasse na sexta?

C Ah, a opinião minha é que eles não queriam isso não. Eles queriam que a gente entrasse pra trabalhar. Tanto é que um deles falou: "Vamos entrar pra trabalhar, se reunir ou no domingo ou na terça-feira, pra fazer a greve". Só que a gente não quis fazer a greve na terça, e na sexta a gente viu que tava mobilizado pra parar.

MV E também pra empresa não assinar o contrato antes, que ela queria...

C Lógico. Tanto é que o Vitor [dono da empresa] falou: "Semana que vem a gente vê isso aí". Depois que tiver assinado, acabou "a gente". A gente não serve mais pra nada. Pega, manda embora e pega uns novatos, treina. Acabou. Pra eles, depois que tiver fechado, é lucro... Tem que ver, tirar um pouco a mão do bolso, pra gente sobreviver também, né?

MV No início do ano, no primeiro semestre, teve demissão?

C Teve. Muita gente foi mandada embora. Voltaram a contratar agora e eles estão pegando só por indicação. Agora estão contratando, tá voltando ao que era antes. Mas mandou muita gente embora.

MV Tem idéia de quantos?

C Não. Mas foi muita gente embora.

MV E teve mobilização, alguma coisa? O sindicato não apareceu?

C Teve nada. Nem apareceu.

MV O pessoal falava com o sindicato das demissões, e eles falavam o quê?

C Não falavam nada. Até o sindicato veio aí, falou que tava em crise, que poderia ter uma baixa no salário. Pô, a gente já ganha isso, ainda vai abaixar mais? Aí o cara diz: "Não, é pra segurar um pouco o emprego de vocês". Mas aí, com salário ainda mais baixo, ia ficar mais difícil também.

MV Mas você falou que antes a maioria baixava a cabeça?

C A gente não sentia firmeza no sindicato. A gente ficou mais revoltado e falou: "Agora a gente tem que brigar pelo que a gente quer".

MV Segundo o próprio sindicato, foi 90% dos trabalhadores que foram contra a proposta de reajuste da empresa...

C Acho que foi até mais, foi 100%.

MV Diante disso, você acha que o pessoal vai ficar mais confiante pra reclamar das condições?

C Olha, tenho certeza que, quando a gente voltar, vai ser difícil... Porque os caras vão querer mandar embora de qualquer jeito. Principalmente os que eles viram lá agitando, esses vão ser os primeiros. Com certeza, muita gente vai embora.

MV Só por ter feito greve?

C Que é um direito.

MV O que aconteceu na Cinpal? Os trabalhadores atropelaram o sindicato?

C Essa greve aqui não foi decisão do sindicato, foi decisão dos trabalhadores. Então, depois que a gente falou: "Não, a gente não vai trabalhar por isso, a gente quer mais", aí eles não disseram: "Vamos parar hoje". Entendeu? Eles queriam parar semana que vem. Semana que vem, pra gente... Já tamo ferrado.

MV É a sua primeira greve?

C Primeira greve. Até falei pra um colega meu, fiquei meio com medo: "Ó, quando a gente voltar, muito colega nosso vai embora". Quem sabe eu não tô no meio, mas... Se é um bem maior.

MV Quando eles querem, eles humilham os caras, forçam os caras a pedir as contas, o que fazem?

C Humilham também. Por exemplo, eu já vi umas três vezes mandarem o líder pra máquina. Fazer ele trabalhar, humilha ele. E depois, manda embora. O cara que manja das máquinas, voltar a fazer produção, ter que limpar o chão. E ainda leva uma comida de rabo: "Faz isso direito!", de um cara que talvez nem sabe o que ele sabe. É humilhante.

MV E o que pode dar certo?

C Pode dar certo a gente ter um aumento real, a empresa pode ver que a gente tá mobilizado e vai mudar o jeito de falar com a gente. Pode melhorar, eu acho que pode.

MV Você acha que virou uma luta entre os trabalhadores mobilizados e a empresa?

C Eles têm que ver que a gente é do chão de fábrica. Mas é o chão de fábrica que sustenta todo o resto. Que se você for ver bem, se a gente não fizer peça, não paga o salário de ninguém. Nenhum dos chefes nem o dono da empresa vai pra máquina fazer peça. Então, a gente quer o mínimo respeito e condição de viver também. Condição de trabalhar, sem encheção de saco. Só isso. Trabalhando sossegado, sair o que tem que sair, sem ninguém ficar nervoso. Só isso que a gente quer. ■

SINDICATO DOS
ABC
METALÚRGICOS
FILIADO À CUT

“O SINDICATO É COMO A ESTÁTUA DA JUSTIÇA: CEGO!”

Entrevista com trabalhador da Volks

Conversamos com metalúrgico que trabalha há 26 anos na planta da Volkswagen Anchieta, em São Bernardo do Campo. Ele nos contou como foi seu envolvimento na luta e no sindicato e fala sobre as mudanças que ocorreram nesse período.

A entrevista foi realizada no mês de setembro, quando a campanha salarial da região apenas começava. Naquele momento, ainda não era possível saber como seria seu fim. Pouco depois, assistimos o seguinte desfecho: o sindicato dos Metalúrgicos do ABC, berço do presidente Lula e dirigido pela CUT, foi um dos primeiros a fechar o acordo da campanha salarial, por 6,35% de reajuste, e comemorou como sendo “o melhor acordo do Brasil!”.

Mal eles podiam esperar que outras regiões atropelariam o “melhor acordo” e o transformariam no menor (ou pior) do Brasil. A própria CUT foi obrigada, diante da pressão dos trabalhadores, a voltar atrás. Em Taubaté, após uma greve, foram obrigados a rediscutir o acordo fechado (que tinha como base aquele do ABC). Como há muito tempo não se via, a movimentação espontânea dos trabalhadores conseguiu superar a burocracia sindical!

Por motivo de segurança o operário pediu para não ser identificado.

MAISVALIA Você trabalha há 26 anos na Volks. Chegou a ser do sindicato?

E Eu sou associado ao sindicato. Participei de uma greve lá, em 84, cheguei a ser dirigente, só não fui quadro diretor. Porque eu vi a cúpula como era... Nessa época o sindicato já não era mais trabalhador, tava mais pra empresa.

MV Quando era essa época mesmo?

E Em 84, inclusive foi a época em que cortaram as nossas compras na cooperativa do sindicato, onde a gente comprava com desconto. E eu fui um dos membros que ajudou a organizar a resistência contra esse corte. Peguei o nome de todo o pessoal das duas alas e entregamos lá pro pessoal do sindicato, da advocacia, que entrou com uma ação pra cooperativa para voltarmos a comprar. Eles [o sindicato] abriram as portas pra nós, participei de várias reuniões lá do sindicato, mas eu vi que não dava pra mim não, porque os caras tinham controle de tudo... É como você ter o que quer e aí fazer o que quer. E eu vi que aquilo ali não era pra mim, era muita podridão.

A gente via que tava errado e questionava: “Pô, isso tá errado, e isso, e isso...” Eles ouviam, mas não faziam nada. Em seguida, nós tínhamos o troco. E de onde vinha o troco? Da empresa. Mas como a empresa soube? O sindicato tinha passado pra ela.

Colegas que saíram de lá falavam também o que acontecia. Até que eu falei: “Não, chega!”, dei baixa [do sindicato] e saí fora, não queria saber mais. Em muitas greves fui participante mesmo, fui pra cima, fizemos arrastão. Fizemos tantas coisas ali, mas dali por diante, quando comecei a ouvir e ver as atitude dos caras, aí eu caí fora. Falei: “Deixa quieto, isso não dá pra mim, esse tipo de política não é a que eu acredito”, aí saí fora. Sou conhecido por eles até hoje, mas não tem como continuar junto!

MV Qual tipo de podridão você mais via?

E Poxa, a gente vivia numa época em que a gente sabia que aquilo ali era nosso, a gente sabia o nosso direito. Nas assembléias nós íamos, na reunião lá no sindicato... Todo mundo sabia: “É isso, por isso, isso e isso”. A gente falava os números pra eles, eles já tinham tudo nas mãos. Em resumo, no final nunca vinha aquilo que a gente pedia. Por exemplo, a gente pedia 5% de aumento e vinha 2% da

Sindicato faz assembleia da campanha salarial em frente à sede do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, em São Bernardo.

empresa, então a gente falava: “Não, mas tá errado!”. Aí, em seguida, a gente sabia que eles ganhavam um abono por fora em cima de nós e empurravam os 2% da proposta pra nós. E isso tá errado! Quantos brindes não ganharam lá? Quantos carrinhos eles não ganharam? Na época do Marinho, então... Nem se fala.

MV Em 1984 você ajudava a organizar os trabalhadores?

E Assim, eu participava de uma ala, na nossa turma tinha uma ala, que era na parte de baixo. Era a ala 1, ala 2, ala 3... Então, a gente subia e se juntava. A gente se juntava e fazia a assembléia ali no pátio. Cada um pegava um grupo pra tomar uma atitude, tinham as explicações, chegava em cada ala e dizia: “É por isso, por isso... Vocês de tal grupo vejam quais vão ser as decisões na prática pra nós, vamos resolver”.

MV E como que vocês se organizavam, vocês faziam reunião?

E A gente fazia reunião. Na época a gente fazia às escondidas, mas fazia reunião.

MV Aí vocês paravam as alas como?

E A gente chegava e falava pro pessoal: “Vamos parar, parar, parô...” E depois juntava o pessoal pra ver onde tavam trabalhando: “Ó, tem um pessoal que tá trabalhando lá”. Aí ia com um grupo lá, conversava e fazia parar... E ia parando. A gente chegava na sala da chefia, pedia licença e tirava tudo, tirava tudo fora! O pessoal ia no banheiro, na época, com carteirinha na mão, ia fechando as portas e parava tudo!

MV Nessa época você lembra quantos dias que ficou parada a fábrica?

E Se não me engano foi 30, de 28 a 30 dias, era campanha salarial!

MV E agora tá começando a campanha salarial, né?

E Vai ser em outubro...

MV Mas você acha que tem alguma chance de mobilização?

E Olha, com certeza não. Vai fugir do nosso objetivo, eles não vão dar o que tem que dar de aumento pra gente, mas com certeza não vai ter nada.

Porque uma boa parte que tá na fábrica já são aposentados. Eles só estão contratando pessoal novo agora, temporário, e um pessoal que já estão efetivando agora. E pelo motivo de ser novo, a fábrica tá manipulando muito. O pessoal que tá entrando agora já está fazendo uma função que não era pra fazer. Por exemplo, eles tão fazendo uma função de grau 8, de grau 9, e tão recebendo grau 6, grau 5. Aí eles vão ficando na mão da fábrica e também têm medo de ir pra rua.

MV Você acha que nesses últimos anos tem uma substituição dos trabalhadores pra diminuir o salário?

E Sim, tem isso mesmo. Tá claríssimo.

MV E desde que você entrou, até agora, tem uma mudança grande?

E A mudança é grande. Muito, muito grande mesmo. Quando eu entrei lá era uns 48 mil, hoje estamos em uns 9 mil.

MV É menos de um quinto, menos de 20%!

E E desses daí, ainda tem que tirar uns 3 mil que é essa turma nova que tá entrando, tudo gente nova com o salário reduzido. Tem pessoas lá que entram como engenheiros, que são engenheiros, e não ganha o que eu ganho. É um absurdo!

E em todas as fábricas acontece isso aí, gente que tá fazendo o mesmo trabalho e ganha bem menos. Daqui pra frente acho que é difícil ter alguma coisa.

MV E o que você acha do papel do sindicato nisso?

E Teve toda essa ajuda do sindicato, que colocou as pessoas numa situação que agora ela tá pensando mil vezes antes de fazer qualquer coisa...

E outra, a pessoa agora tá pensando tudo individual, não é que nem antes, que pensava como um só. O sindicato não deixa a pessoa se juntar, debater, vamos lá e chegar junto... Mesmo se isso acontecer, a gente vai lá e eles não vão por nós. Eles não vão lutar por aquilo que nós queremos lutar.

MV Eles também ajudam a empresa a reprimir a organização dos trabalhadores?

E A chapa 2 cola na parede, como quadro, uns panfletos... Eu cansei de ver a falta de ética, um pessoal da chapa 1 chegar lá e arrancar. Já tivemos atritos... Já tive até que chamar segurança pra intervir. Porque tá errado, tá fazendo sua parte, mas deixa a gente fazer a nossa... Mas eles têm medo de ficar frente a frente. Já cansei de ver isso aí.

E eles denunciam quem faz alguma coisa também, isso é certeza, tem denúncia mesmo.

MV A crise econômica já dura mais de um ano. Como você viu a crise dentro da Volks? Qual foi o reflexo da crise, como as coisas mudaram?

E Pra Volkswagen o efeito foi pequeno, continuamos vendendo tudo o que fabricamos.

MV A Volks foi uma das únicas montadoras que não diminuiu as vendas. Mas teve algum processo de aumento de trabalho?

E Aumento de trabalho teve justamente por falta de mão de obra. Teve demissão no PDV. Dessa vez não teve aqueles casos que ela mandou cartinha, foi só o PDV mesmo. Saiu gente e isso acarretou mais trabalho ainda. Tanto é que folgamos 2, 3 sábados, 4 sábados no ano inteiro, ela comprou todos os nossos sábados.

MV E o que você espera que vai acontecer agora?

E Enquanto nosso “querido” presidente manter a redução da taxa de IPI, a produção vai estar sempre alta. Nós tememos o momento em que ele tirar isso aí. Aí sim, aí pode demitir: “Se eu faço x carros, com x funcionários, se eu diminuir x, eu vou diminuir outro x também. Eu vou manter ali no cabresto”.

MV Mas você acha que hoje você trabalha muito mais do que há 20 anos atrás?

E Trabalho muito mais, muito mais. Com toda a facilidade que nós temos, a gente trabalha muito mais. É muito menos gente trabalhando, diminuiu bastante o quadro de funcionários.

MV E como que eles conseguiram diminuir o quadro de funcionários?

E Com a modernização. Tem o famoso PPP, tem um nomezinho lá, mas entra uma equipe na fábrica chega numa ala e olha quantos funcionários tem, começa aqui e acaba ali, aí eles vêem como podem juntar funções e, no lugar de 10 trabalhadores, ficam 5, talvez até 3. E vai assim, diminuindo cada vez mais. Eles tão enxugando e a produção tem que sair. Hoje eu trabalho mais, tem menos gente e com pior salário em relação a anteriormente. E eles falam que tem que dar conta, senão vai pra rua.

MV Apesar das máquinas pro trabalhador, é mais trabalho? Isso reflete diretamente no problema de doenças e acidentes?

E Com certeza. Você passa a trabalhar mais, o serviço vai ser mais pesado, então doenças com certeza vêm. Eu nunca vi tanta gente doente igual eu to vendo hoje. E olha que antes os maquinários eram antigos, era na picareta e não tinha tanta doença como tem hoje. Hoje é tudo moderno e tá tudo ferrado. Ombro, coluna, pulso...

MV E o sindicato finge que não vê?

E O sindicato é cego, é igual a estátua da justiça, tem uma venda nos olhos, é cego... É a mesma coisa que nada.

Trabahadores votam pela ocupação da rodovia Anchieta em manifestação contra a crise em 2009.

MV E você acha que tem alguma chance de mudar o sindicato?

E Olha, vou te fazer uma pergunta: nós conseguimos mudar os nossos políticos lá em Brasília? Até hoje, não. E nós lutamos, né? E sempre são os mesmos! A mesma coisa é aí. A mesma coisa! É idêntico! É igualzinho, não tem como tirar aquela máfia.

MV E hoje o interesse deles é só o bolso deles mesmos?

E O interesse deles é o próprio umbigo. E fazem campanha pro Lula, tanto é que nós chamamos eles não de sindicato dos trabalhadores, mas de "sindicato do Lula", isso que a gente fala. O jornalzinho deles todo dia só fala bem do Lula. Não fala sobre o nosso trabalho, não fala sobre a empresa, o peão, a peãozada. Só fala sobre política, sobre o PT! Campanha do PT. Isso todo mundo vê na fábrica, é bem estampado, é bem claro.

MV Tiveram os casos recentes de demissão de representantes da oposição ao sindicato dentro da Volks.

E Teve a demissão do rapaz que parou a linha né? Foi suspenso e depois demitiram por justa causa. Mas é assim, chapa 1 pára a linha e não acontece nada. Chapa 1 faz o que bem quer e não é punido, quando os outros param vem demissão. E aí, quem manda lá? Nós temos representantes? Não temos!

MV Mas você acha que de dentro da fábrica dá pra sair alguma resposta?

E Poderia, mas é difícil porque eles [o sindicato] cortam. Em reunião eles não aceitam a chapa 2 entrar. Mas tem que entrar, é representante, pega a reunião deles lá, é RH, RT. Por que a gente não pode participar? Eles não deixam. É aquela coisa, empresa e sindicato tão aliados.

MV Mas você acha então que uma greve igual a de 84...

E Não, não. Quer dizer, quando eu entrei lá, poxa, eu entrei em uma das maiores greves. Foi quando o Figueiredo deu o partido pro Lula. Porque aquilo foi dado, assim de mão dada mesmo.

Greve igual aquela não vai ter nunca mais. De lá pra cá só foi caindo. Depois do Lula entrou o Meneguele, entrou o Vicentinho. Depois dele... Pronto, o sindicato foi começando a cair, cair que chegou onde tá hoje. Hoje só existe o prédio. Pra nós o sindicato hoje é só o prédio.

MV E dentro da fábrica? O sindicato não aparece?

E Nem aparece. Em assembléia que eles fazem lá já não é mais como era, tá sempre vazia. Eles fecham as portas pra ninguém entrar mas ficam falando sozinhos, deixam eles falando sozinhos!

Tinha um pessoal antes que chegava lá o caminhão, falava, falava, o pessoal ficava ali. Hoje... O pessoal diz: "Deixa esse cara pra lá, quem tá falando ali não é mais nosso representante". E ele falando as palavras, lendo o livrinho que a fábrica deu pra ele. Depois começaram a induzir as pessoas, mas não tem moral nenhuma. O sindicato tá desacreditado.

MV É como acontece em outras fábricas. Na Mercedes, já disseram que a mobilização é difícil pelo fato do sindicato barrar.

E Quando tavam terceirizando a ala 21, nós saímos em passeata com uma fé. Nessa época, o Lula tava no apartamento dele, fomos lá, fomos escoltados pela polícia, só o grupo da ala. Chegou lá, subiu o Sassá, mais uma pessoa e o Feijóo pra falar com ele. E depois dessa conversa, os três desceram. Em seguida dali nós íamos pro sindicato pra gente fazer a reunião lá.

Chegamos lá, fomos recebidos com jagunços todos na porta. Os caras não queriam deixar a gente entrar no sindicato. Pô, é nosso! É nosso e não queria deixar a gente entrar! Eles ficavam todos lá em frente. Eu tentei empurrar um da porta. Aí você sabe... Um pôs a mão, o resto vai em cima. Eles não deixaram a gente fazer a nossa assembléia, a gente teve que entrar. Os próprios trabalhadores tiveram que invadir o sindicato! Invadimos nossa casa e, lá dentro, não deixaram a gente fazer o que nós tínhamos que fazer. No fim, a gente não conseguiu fazer a assembléia porque o safado não deixou. Ele e a gangue dele não deixou.

MV E você vê alguma saída pra mudar as coisas?

E Vamos ver, agora tá renovando. Tem um pessoalzinho bom ali na oposição, aí a gente dá o suporte pra eles, eles estão com a gente, a gente tem que se juntar, alguma coisa tem que fazer. Senão, ali cada vez vai ser mais demissão e salário menor! ▪

aumento já!

A JORNADA

GREVES SE ESPALHAM EM TODO O BRASIL!

Joanir Ribeiro*

Nos últimos meses, presenciamos no mundo todo algo que há muito já ocorre, mas que agora assume proporções nunca vistas. Milhares de trabalhadores são jogados diariamente no desemprego, muitos enfrentando uma situação de absoluta miséria. Fábricas são fechadas, outras incorporadas. A natureza agoniza. Esse processo avassalador de destruição das forças produtivas geradas no período recente é a manifestação da irracionalidade do capitalismo.

Ao mesmo tempo em que o vampiro capital avança em sua sede insaciável por lucro, diversos setores da classe trabalhadora no Brasil e em todo o mundo se mobilizam, realizando greves e manifestações. No entanto, como veremos, a reação legítima dos trabalhadores contra a destruição de seus empregos e o rebaixamento de seus salários é hoje bloqueada pelas burocracias sindicais que, pelo contrário, deveriam conduzi-los à luta em defesa de seus interesses.

Metalúrgicos

Um dos setores mais atingidos pela crise econômica mundial foi o dos metalúrgicos, que têm enfrentado fechamento de fábricas, demissões em massa e o rebaixamento de salários. Apesar de sua disposição para defender seus empregos e salários, os metalúrgicos têm diante de si direções passivas e vacilantes. Esse é o primeiro obstáculo encontrado pelos trabalhadores.

Destacamos o caso da Embraer, que em 4 de fevereiro de 2009 demitiu 4.270 trabalhadores, cerca de 20% de seu efetivo. A fabricante de aeronaves já havia apresentado um prejuízo líquido de R$ 40,6 milhões no último trimestre de 2008, contra um lucro líquido de R$ 399,7 milhões no mesmo trimestre de 2007.

Após algumas tentativas de mobilização da categoria, representada pela central sindical Conlutas, a disputa pela reintegração dos demitidos foi parar no TRT, o velho conhecido carrasco das disputas trabalhistas, controlado por cinco desembargadores e três juízes. Depois de uma série de reuniões de conciliação fracassadas entre sindicato e empresa, em 13 de março, o TRT emitiu seu parecer mantendo as demissões. Depois das 4.270 demissões, a Embraer ainda ameaçou continuar demitindo.

Os trabalhadores das empresas que fornecem peças para a Embraer enfrentaram o efeito em cascata da retração da produção de aeronaves. No final de março de 2009, trabalhadores da Winnistal entraram em greve devido à demissão de 16 operários.

Mais uma vez, os fatos mostram como é impossível manter as mínimas condições atuais, como o nível dos empregos, através dos julgamentos em tribunais burgueses, através de cartas às autoridades e através de caravanas aos gabinetes de Brasília.

Destacamos também o caso da Amsted-Maxion, a fabricante norte-americana de componentes ferroviários, que diante da crise anunciou no dia 15 de dezembro de 2008 a demissão de 1.750 trabalhadores, de um total de cerca de 4.500, divididos nas três unidades instaladas em São Paulo. Já no primeiro corte foram demitidos, somente na unidade de Osasco, 600 trabalhadores, um dia antes do início das férias coletivas impostas aos trabalhadores em decorrência da necessidade de redução da produção.

Como reação a essa primeira onda de cortes, os trabalhadores do 1º turno optaram espontaneamente por paralisar as atividades na manhã do dia 16 de dezembro, independentemente da convocação do sindicato. No dia 19 de dezembro, quarto dia de greve, vários

*Mestrando em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Trabalhadores da Amsted-Maxion fazem assembléia em frente à fábrica em Osasco-SP em janeiro de 2009.

Metalúrgicos cruzam os braços em Taubaté-SP.

sindicalistas e deputados ligados à Força Sindical participaram da assembléia, afirmando que os trabalhadores não precisavam se preocupar, pois tudo estava sob controle, visto que o Tribunal Regional do Trabalho (TRT) estava do lado dos trabalhadores, levando a questão diretamente para Brasília. Utilizando esses frágeis argumentos, os sindicalistas e deputados só conseguiram aprovar o fim da greve após duas votações, pois os operários resistiam. Muitos trabalhadores ficaram revoltados com a decisão de encerrar a greve.

Durante o período de férias coletivas realizaram-se sucessivas audiências entre o sindicato e a empresa no gabinete do TRT. Apenas alguns dias antes do final das férias coletivas, o sindicato convocou uma assembléia onde uma nova proposta da empresa foi apresentada aos trabalhadores: pagamento de R$ 1.500,00 aos trabalhadores demitidos ou três meses de plano de saúde e seis meses de vale-cesta no valor de R$ 60,00 apenas durante o período em que o trabalhador permanecesse desempregado. Em troca disso, as 600 demissões teriam que ser aceitas. A direção do sindicato apoiou a proposta da empresa, afirmando que isso era o máximo que poderia ser alcançado.

A convocação da assembléia foi bastante duvidosa por ter sido feita durante as férias coletivas. Diversos trabalhadores não ficaram sabendo da convocação. O resultado foi aquele esperado pelas direções do sindicato e da empresa. Dos 1.400 trabalhadores, cerca de apenas 300 participaram. Isso facilitou a aprovação da proposta da empresa, causando a demissão 600 trabalhadores de uma única vez.

Mas isso não foi tudo. Foram anunciadas mais férias coletivas, houve redução dos salários até que, em agosto de 2009, o presidente da Amsted-Maxion anunciou o fechamento da planta de Osasco, com a demissão de mais de 700 trabalhadores. Diante desse golpe fatal, a reação do sindicato foi semelhante à anterior: negociou com a empresa alguns benefícios, que representam nada mais que migalhas, como cesta básica ou plano de saúde por um determinado tempo.

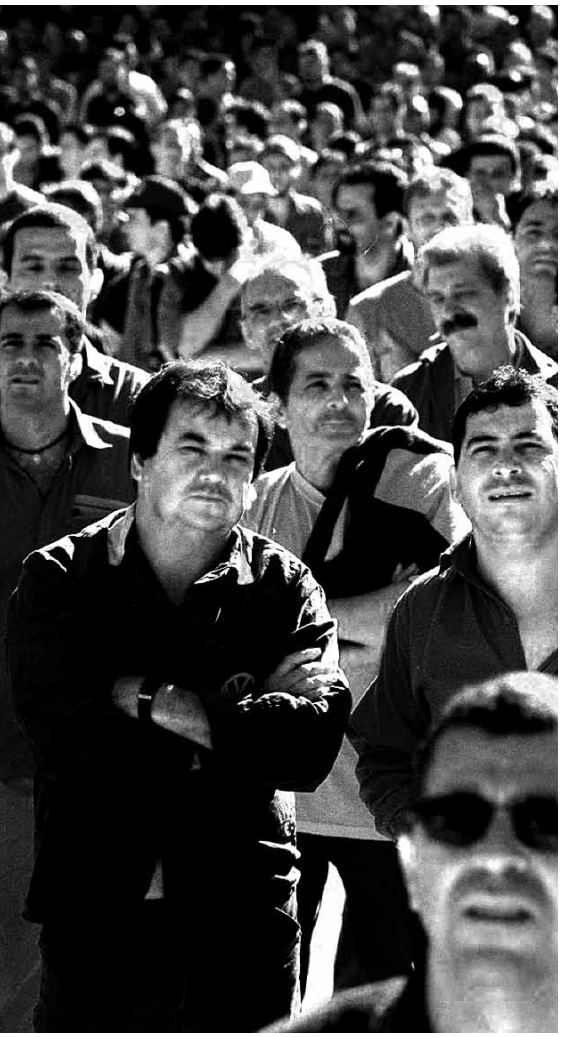
Ainda em Osasco, a fábrica da Arvin-Meritor também demitiu em massa. Em janeiro de 2009, um dia após o retorno das férias coletivas, foi realizada uma assembléia dos trabalhadores em que o próprio sindicato, cumprindo o papel de porta-voz da empresa, anunciou a demissão de 206 trabalhadores. Para os sindicalistas, não havia razão para questionar a proposta da empresa, sendo apresentada como a única alternativa. Com esse frágil discurso, o sindicato conseguiu aprovar a demissão imediata de 206 trabalhadores.

Na região do ABCD, na Grande São Paulo, várias fábricas também demitiram em massa no início de 2009. Dentre elas a Magnetti Marelli, que cortou 800 empregos em três plantas: Mauá, Santo André e São Bernardo do Campo. Houve alguns dias de paralisação em reação às demissões, mas o Sindicato dos Metalúrgicos do Grande ABC, filiado à CUT, negociou apenas os “benefícios” aos demitidos, aceitando as demissões.

Outra empresa do grande ABCD a demitir foi a produtora de auto-peças Arteb, que demitiu cerca de 150 trabalhadores que estavam em férias coletivas. Suas demissões foram anunciadas por telegrama. O sindicato disse que faria uma manifestação contra a atitude da empresa, porém, nada de contundente foi feito.

Ainda outro caso foi da TRW, de Diadema, que no fim de 2008 anunciou a demissão de 210 trabalhadores. Segundo o sindicato, uma mobilização na fábrica conseguiria facilmente reverter as demissões. Não foi o que aconteceu. Pelo contrário, a mobilização acabou e o sindicato só apareceu para negociar com a empresa e tentar fechar um acordo a qualquer custo.

Em todos esses casos e em milhares de outros em todo o mundo, onde diversas fábricas e empresas fecharam



Cerca de 28 mil petroleiros paralisaram as atividades em outubro de 2009.

as portas ou diminuíram a produção, os trabalhadores arcaram com o ônus da crise que não foi provocada por eles. As direções sindicais, por sua vez, ao invés de conduzir a classe à luta, traem-na descaradamente, bloqueando as greves e transferindo as decisões para a esfera burocrática da justiça burguesa.

Petroleiros

Os trabalhadores da indústria do petróleo enfrentaram as traições dos dirigentes sindicais de forma escancarada no último período. As constantes traições fizeram os trabalhadores perderem a paciência, o que proporcionou um fato inédito na atual campanha salarial. Trabalhadores de bases sindicais dirigidas pela FNP (Frente Nacional dos Petroleiros—da qual alguns sindicatos são ligados à Conlutas e outros à Intersindical) entraram em greve no mês de outubro, atropelando a maioria numérica dos sindicatos da categoria, dirigidos pela FUP (Federação Única dos Petroleiros)—composta por sindicatos filiados à CUT e à CTB. No litoral paulista, a adesão à greve chegou a 100% no setor operacional e 70% no setor administrativo da importante Refinaria de Cubatão e de terminais. O fato da FUP não ter defendido a greve nos demais Estados acabou isolando o movimento, que foi encerrado com uma mera promessa de negociação.

Enquanto os trabalhadores lutavam pela defesa de seus salários, os governistas da FUP e da CTB tentavam desviar a atenção da categoria para questões que, segundo eles, seriam mais importantes do que o salário. Um petroleiro entrevistado pela *MAISVALIA*, que por motivos de segurança pediu para não ser identificado, contou onde estavam os sindicalistas durante os importantes dias da greve. Revoltado com os três meses de pífias negociações sem nenhuma movimentação nas bases da FUP, ele desabafou:

Petroleiros mobilizados durante a greve em Cubatão-SP.

Greve nacional dos bancários fechou praticamente todas as agências do país.

"No boletim do sindicato só tem notícia sobre audiência do pré-sal em Brasília. Assim não dá! Ao invés de estarem aqui, pra lutarem com a gente, estão lá, defendendo o projeto do Lula no Congresso!".

Apesar das infinitas tentativas de bloqueios, ficou demonstrado que a realidade está impulsionando os trabalhadores a superarem as direções conservadoras, principalmente aquelas que têm mostrado subserviência aos governos e aos patrões. Até o fechamento dessa edição, a campanha dos petroleiros ainda estava em curso, sem avanços.

Bancários

Na data-base deste ano, a Federação Nacional dos Bancos propôs um reajuste salarial de 4,5% para os bancários. Mas, diante dos índices bem superiores conquistados por outras categorias, os bancários não tiveram dúvida e entraram em greve no dia 07 de outubro.

A greve dos bancários foi marcada pela repressão, pela truculência policial, pelos interditos proibitórios e pela pressão dos gerentes, que usaram até de helicópteros para fazer com que os trabalhadores furassem a greve para, assim, enfraquecer o movimento.

Segundo os bancários entrevistados pela *MAISVALIA*, a pressão das direções sindicais para encerrar a greve era extrema. Um deles falou: "A assembléia é marcada pra um horário e ela vai sendo postergada pra 18h30, 18h45, pra chegar um maior número de trabalhadores comissionados, a maioria gerentes, pra ter maior número de pessoas que votam contra a greve". Outro bancário explicou: "Nós, a gente da base, já estamos acostumados com o horário das 17h nas assembléias durante a greve, então nos últimos dias eles alteraram esse horário pra dar tempo do pessoal comissionado chegar lá". A empresa obriga os comissionados a ir à assembléia votar contra a greve. O sindicato muda o horário para garantir a aprovação do fim da greve. É um trabalho orquestrado entre empresa e sindicato.

Além disso, na última assembléia, no dia 22/10, o sindicato dividiu os trabalhadores de diferentes bancos em diversas assembléias. Um dos bancários comentou essa divisão, revoltado: "Isso nem é discutido em assembléia, não tem uma assembléia que decidiu. É uma decisão unilateral. No início e no meio da greve tem assembléia unificada, no final, com o objetivo de acabar com a greve, eles separam todos os bancos". Como se não bastassem todas essa manobras com relação ao horário e à divisão das assembléias, os sindicalistas chegam no carro-som e ameaçam: "Essa é a última proposta! Se for para dissídio vai ser pior ainda!".

Como se vê, os sindicalistas usaram todas as formas para forçar o fim da greve. Diante da vacilação da direção sindical, os trabalhadores decidiram aceitar a proposta da Fenaban, que consistia em reajustes diferenciados de 10% para quem ganha até R$ 2.500,00 e 8,15% para quem ganha mais de R$ 2.500,00.

Portanto, assim como os sindicatos de outras categorias, os sindicatos dos bancários também cumpriram um papel de defesa dos interesses dos patrões.

Trabalhadores dos Correios

Outra categoria que tem se manifestado freqüentemente contra a defasagem salarial foi a dos trabalhadores dos Correios (ECT). Em março de 2008 os carteiros decretaram greve contra a proposta da empresa de suspender o pagamento do benefício adicional de risco, que corresponde a 30% do salário. A greve durou 4 dias e a pressão dos carteiros fez a empresa e o governo recuarem.

Em junho de 2008 a ECT e o governo federal voltaram a atacar, propondo a substituição do pagamento do adicional

por um valor fixo de 260 reais, que, caso fosse instituído, seria corroído rapidamente pela inflação. Como se não bastasse, a empresa apresentou ainda uma nova proposta de Plano de Carreira, Cargos e Salários (PCCS) na qual todos os trabalhadores seriam igualados a um único cargo—o do Agente de Correios. Isso significaria que os carteiros teriam de se submeter a qualquer função, em qualquer lugar dentro de sua região, o que representaria uma enorme degradação das condições de trabalho. Diante disso, no dia 1 de julho de 2008, os trabalhadores dos Correios decretaram greve para se defender dessas duas propostas da ECT.

Após 21 dias de greve, o governo e a ECT recuaram e atenderam a um dos pontos da pauta, cedendo a incorporação definitiva do adicional de risco ao salário dos carteiros e do adicional de R$ 260,00 ao salário dos trabalhadores internos da empresa. Quanto ao PCCS, o governo recuou na proposta inicial com a condição de abrir negociações.

Em 2009, no dia 15 de setembro, os trabalhadores dos correios decretaram nova greve, rejeitando a proposta de reajuste salarial de apenas 4,5%. O governo e a ECT fizeram a contra-proposta que representava uma cilada para os trabalhadores. Propuseram que as negociações salariais passassem a ser realizadas somente a cada dois anos e não mais anualmente, como acontecia até então. Para estimular os trabalhadores a aceitarem a proposta, eles ofereceram 9% de reajuste salarial (referente a dois anos) e um aumento real de R$100,00.

O Presidente Lula interveio diretamente no processo, chamando os sindicalistas de covardes por não terem coragem de encerrar a greve. No dia 02 de outubro, os sindicalistas de vários estados fizeram de tudo, inclusive fraude nas votações, para forçar a aprovação da contra-proposta da ECT e por fim à greve nacional. Apesar dos trabalhadores estarem convictos de que a proposta da empresa era inaceitável, pois impunha a prorrogação da campanha salarial para dois anos, a greve foi minada pela ação conjunta da direção da empresa e das direções de vários sindicatos estaduais. Com o acordo bianual não haverá negociação salarial em 2010, o que é extremamente perigoso, considerando a possibilidade de uma escalada inflacionária no próximo período.

A *MAISVALIA* entrevistou alguns carteiros. Assim como o petroleiro, eles também pediram para não serem identificados.

MV O que você achou desse acordo assinado pelo sindicato?

J Eu acho que esse acordo bianual aí é um retrocesso, porque nós tinhamos o acordo anual. Dava pra todo ano reivindicar as coisas, agora... Só de dois em dois anos... Com esse acordo bianual, todo dissídio cai sempre em ano que não

Bancários durante assembléia em São Paulo.

Carteiros erguem GREVE contra o sindicato na Praça da Sé, em São Paulo, em setembro 2009.

Professores de todo o estado de São Paulo durante

tem eleição. Pra eles, não é interessante que tenha greve em ano eleitoral porque queima os partidos.

MV E qual a posição do sindicato na greve?

J Em todas as assembléias eles demonstraram que eram contra a greve. Só entramos em greve porque forçamos muito mesmo. O sindicato não deu suporte nenhum pros piquetes. Nós tinhamos que tirar grana pra condução, pro almoço... Tudo! No almoço, a gente tinha que pegar a nota pra depois da greve o sindicato te pagar, mas como? Com que grana!?! O sindicato é meio vendido. Foram pagos pra dizer que esse acordo foi uma vitória.

Depois da greve eles levaram o jornal lá no CDD. No jornal eles usaram a foto de uma assembléia, mas a foto não era deste ano não! Era da assembléia do ano passado, que tava entupida de gente, quando a gente teve mesmo uma vitória. Isso é piada! Acham que a gente é besta. Eles levam o jornal de tarde quando todo mundo tá na rua entregando carta. Eles fogem da gente.

manifestação na Praça da República em 2008.

Professores

Após quase uma década de recuo diante da degradação das condições de trabalho nas escolas e salas de aula, a partir de 2007 os professores de São Paulo voltaram a fazer massivas greves, saindo às ruas para lutar em defesa de seus empregos e dos seus salários. No mês de abril desse mesmo ano, em uma assembléia que contou com cerca de 20 mil professores no centro de São Paulo, a palavra de ordem era unânime: greve!

Porém, a direção da Apeoesp (sindicato da categoria dos professores estaduais, filiada à CUT) impediu que a greve iniciasse, aprovando um prazo de 5 dias para que o governo tomasse uma posição. Tal decisão não agradou aos professores. A conseqüência foi que, diante do descrédito em relação à direção de seu sindicato, eles não atenderam a convocação para nova assembléia cinco dias mais tarde.

Diante do aprofundamento da degradação das condições de trabalho, cerca de um ano depois, em 13 junho de 2008, cerca de 30 mil professores decretaram, por unanimidade, greve por tempo indeterminado. Durante as três semanas seguintes, a greve ganhou força e adesão de muitos professores. Nas duas assembléias que se seguiram à do dia 13 de junho, cerca de 70 mil professores tomaram as ruas de São Paulo e ocuparam a Avenida Paulista em passeata até a Secretaria da Educação.

Após 3 semanas de greve, no dia 4 de julho, a direção do sindicato conseguiu aprovar o fim da greve, em troca de algumas migalhas, que incluía 5% de reajuste salarial e a promessa do governo de abrir negociações pelos demais pontos. A verdadeira luta dos 70 mil professores em greve tomando as ruas em passeatas foi substituída por reuniões burocráticas, que não resultaram em nenhuma conquista significativa.

Em 2009 os ataques do governo Serra contra a categoria dos professores se acirraram. Dois projetos de lei complementar, os PLCs 19 e 20, foram levados à Assembléia Legislativa para aprovação. Esses PLCs instituíam novas regras para contratação e tempo de contrato dos professores e, se aprovados, poderiam causar a demissão de milhares de profissionais em todo o Estado. Em 29 de maio deste ano, inconformados com a péssima condição de trabalho e salário e com os PLCs 19 e 20, os professores decretaram novamente greve por tempo indeterminado, mesmo contra a vontade da direção majoritária do sindicato. No entanto, a direção da Apeoesp, que já havia tentado, sem êxito, dar um golpe na aprovação da greve dia 29, conseguiu quebrar a greve na próxima assembléia, no dia 3 de junho, propondo que os professores entrassem em "estado de greve". A greve que iniciou dia 2 de junho durou apenas um dia e foi bloqueada pelos burocratas. Mais uma vez o bloqueio da greve resultou na vitória do governo contra os professores, com a aprovação dos PLCs 19 e 20 no dia 23 de junho de 2009. ■

Das Kapital.

Kritik der politischen Oekonomie.

Von

Karl Marx.

Erster Band.

Buch I: Der Produktionsprocess des Kapitals.

Das Recht der Uebersetzung wird vorbehalten.

Hamburg
Verlag von Otto Meissner.
1867.

New-York: L. W. Schmidt. 24 Barclay-Street.

Titelblatt der Erstausgabe

A CRISE E A NEGAÇÃO DA NEGAÇÃO

A crise mundial contemporânea e o movimento de negação da negação como tendência objetiva e subjetiva a partir de *O capital* de Marx

Hector Benoit*

"No final de semana, o grupo financeiro americano CIT, especializado no financiamento de pequenas e médias empresas, comunicou que vai se colocar sob a proteção da lei de falências de seu país (o equivalente a entrar em concordata no Brasil). Com os ativos de US$ 71 bilhões, a quebra do CIT é a quinta maior da história dos Estados Unidos, após as do Lehman Brothers (2008), Washington Mutual (2008), WorldCom (2002) e General Motors (2008".
Noticiado em 03 de novembro de 2009, reproduzido de *Folha/Uol*

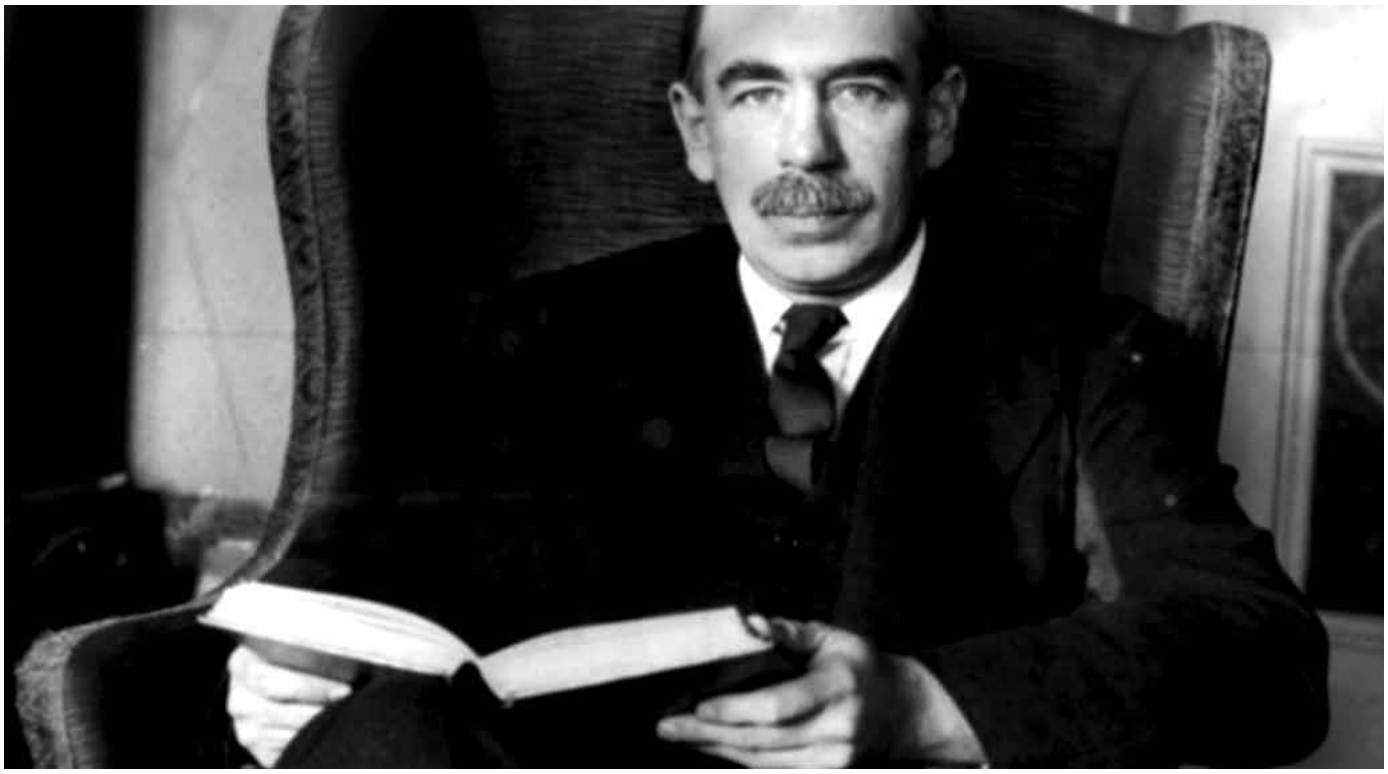
"Já estou com o pijama passado".
Declaração de Cícero Junqueira Franco, usineiro que ajudou a idealizar o Proálcool na década de 70; *O Estado de São Paulo*, 01 de novembro de 2009, p. B13

"Para Marx, só importa uma coisa: descobrir a lei dos fenômenos de cuja investigação ele se ocupa. (...) E para ele é importante não só a lei que os rege, à medida que eles têm forma definida e estão numa relação que pode ser observada em determinado período de tempo. Para ele, o mais importante é a lei de sua modificação, de seu desenvolvimento, isto é, a transição (*der Übergang*) de uma forma para outra, de uma ordem de relações para outra".
O Correio Europeu, de Petersburgo, maio de 1872; trecho citado por Marx, em *Posfácio da segunda edição de O capital*, 1873

Como se sabe, Marx apreciou muito a resenha russa do primeiro livro de *O Capital*. Na continuidade desse último texto citado acima, o articulista de Petersburgo dizia ainda que Marx considera "o movimento social como um processo historicamente natural (*einen naturgeschichtlichen)*, dirigido por leis que não apenas são independentes da vontade (*den Willen*), da consciência (*dem Bewusstsein*) e da intenção (*Absicht*) dos homens, porém, muito mais, pelo contrário, lhes determinam a vontade, a consciência e as intenções..."[1] E acrescenta o mesmo comentador, de forma coerente, que caso "o elemento consciente desempenhe papel tão subordinado na história da cultura, é claro que a crítica que tenha a própria cultura por objeto não pode, menos ainda do que qualquer outra coisa, ter por fundamento qualquer forma ou qualquer resultado da consciência". Concluindo

*Professor Livre-Docente do departamento de Filosofia da UNICAMP.
À esquerda, frontispício da primeira edição de *O capital*.

1.Marx-Engels Werke (MEW), Das Kapital, I, p. 26; edição Abril Cultural, 1983, p. 19.



Mesmo um economista burguês como Keynes reconheceu a necessidade de intervenção do Estado na Economia.

de forma clara esse raciocínio, afirma: "Isso quer dizer que o que lhe pode servir de ponto de partida não é a idéia, mas apenas o fenômeno externo".[2]

Realmente, a crítica de Marx à Economia Política possui como ponto de partida o fenômeno externo, a economia política burguesa, ou seja, não a "ciência" burguesa chamada "Economia", mas sim, a própria economia política burguesa enquanto um determinado modo de produção, o modo de produção capitalista. Se a obra *O capital* de Marx, como *crítica da economia política burguesa*, sempre retorna, chegando a esgotar em suas reedições recentes na Alemanha e em outros países, é exatamente porque o "fenômeno externo" (o modo de produção capitalista) do qual ele partiu mostra-se cada vez mais coincidente com a forma contraditória e perecível descrita por Marx, ainda no século XIX.

Apesar do fracasso de muitas das revoluções ditas "socialistas" no século XX, apesar das múltiplas falsas inovações teóricas da chamada "esquerda", apesar da queda da União Soviética, apesar dos vinte anos agora completados da "Queda do Muro de Berlim", fato este que foi propagandeado mundialmente como o símbolo do enterro definitivo da teoria marxista clássica, esta última crise conjuntural do modo de produção capitalista, iniciada em 2007, mostrando-se equivalente àquela de 1929, manifestou amplamente o rigor da crítica de Marx ao modo de produção capitalista e ao saber ideológico da "ciência" Economia Política. Caiu agora por terra toda a teorização recente sobre o chamado "neoliberalismo", cujos conceitos foram tão adotados pela própria "esquerda" na Sociologia e na Economia. O neoliberalismo mostrou-se, afinal, não como uma nova fase do capitalismo, mas sim, como uma mera casca de ideologia que apenas encobria as velhas contradições já apontadas por Marx. Do ponto de vista da burguesia, retornou-se a Keynes, que apesar de procurar salvar o capitalismo, ao menos estudou a obra de Marx, defendendo o planejamento e a intervenção do Estado regulando o mercado. Parte da chamada "esquerda" descobriu que precisava ainda ler Marx e que *O capital* não era uma obra do passado.

Hoje, mais do que nunca, aparece quase como inexorável a realização daquilo que Marx anunciou como "a tendência histórica da acumulação capitalista", a expropriação dos expropriadores. Como escreve ele: "Essa expropriação se faz por meio do jogo das leis imanentes da própria produção capitalista, por meio da centralização dos capitais. Cada capitalista mata muitos outros".[3] Mas, sustenta Marx que, de forma paralela a esse processo de centralização ou à expropriação de muitos capitalistas por poucos, "desenvolve-se a forma cooperativa do processo de trabalho em escala sempre crescente".[4] Esse processo imanente conduz ao "entrelaçamento de todos os povos na rede do mercado mundial e, com isso, ao caráter internacional do regime capitalista".[5] Afirma ainda nessa passagem que o "monopólio do capital (*das Kapitalmonopol*) torna-se uma cadeia (*Fessel*) para o modo de produção que floresceu com ele e sob ele".[6] Com isto, chegando a esse ponto, afirma Marx que a centralização dos meios de produção e a socialização do trabalho atingem um patamar máximo "em que se tornam incompatíveis com seu invólucro capitalista".[7] Nesse momento, esse "invólucro" (*Hülle*) não resistirá mais e "será destruído" (*wird gesprengt*): "Os expropriadores são expropriados".[8] Virá "a negação da negação".[9]

A atual crise do capitalismo reviveu *O capital* (para os que o acreditavam morto) e confirmou que o modo de produção capitalista é um sistema, de fato, em agonia, como sustentaram Marx, Lênin e Trotsky. Se, por outro lado, realmente, agora, é inegável que a atual crise conjuntural mundial do capitalismo que começou em 2007, portanto, há cerca de quase três anos, começa a dar sinais de que se aproxima relativamente de um certo processo de calmaria, ou, ao menos, de uma suspensão relativamente provisória, isso não alenta muito os economistas burgueses e os capitalistas mais atentos. De fato, a Alemanha, a França, o Japão e outros países apresentaram leves elevações no PIB (Produto Interno Bruto). No último trimestre, os EUA apresentaram crescimento de 3,5% no PIB, fato alardeado como o fim definitivo da crise. Similarmente, o Brasil deve fechar o ano com uma certa taxa de crescimento do PIB. Porém, como sabem todos os economistas burgueses, esses índices de crescimento são

2.Ibidem.

3.Ibidem, MEW, Livro I, capítulo XXIV, p. 790; Abril Cultural, p. 293.

4.Ibidem.

5.Ibidem.

6.MEW, p. 791.

7.Ibidem.

8.Ibidem.

9.MEW, p. 791; Abril Cultural, p. 294.

Queda do Muro de Berlin.

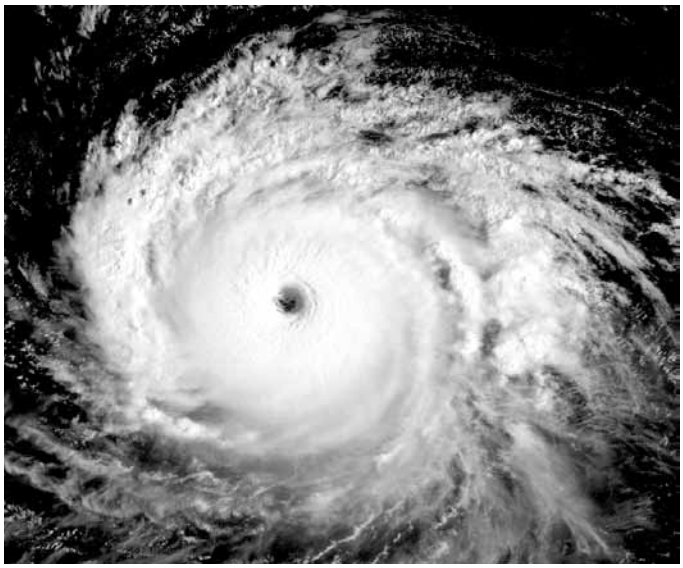
de difícil ou mesmo impossível sustentação, pois foram produzidos graças aos grandes pacotes de ajuda dos diversos governos, que salvaram bancos, que renunciaram à cobrança de impostos, que abriram linhas especiais de crédito, que aumentaram os programas de ajuda aos milhões e milhões de desempregados, em suma, que incentivaram artificialmente a economia. Porém, com isso, levaram a um crescimento astronômico, em escala mundial, da dívida dos Estados. Os governos nacionais e o FMI (Fundo Monetário Internacional) sabem que precisam elaborar um processo de saída das injeções e pacotes salvadores, mas, não sabem exatamente quando nem como realizar tal processo. Segundo alguns economistas, como Nouriel Roubini, da Universidade de Nova York, uma nova curva em queda brusca maior já está em gestação no interior dessa subida relativa do PIB de alguns países. Além disso, como observou até o sociólogo burguês (portanto, não-marxista) e ex-presidente da república, Fernando Henrique Cardoso, não é possível deixar-se enganar por números: "O número vazio não diz nada. Temos de politizar o número. Cresceu 5%, mas cresceu sobre zero", disse ele.[10]

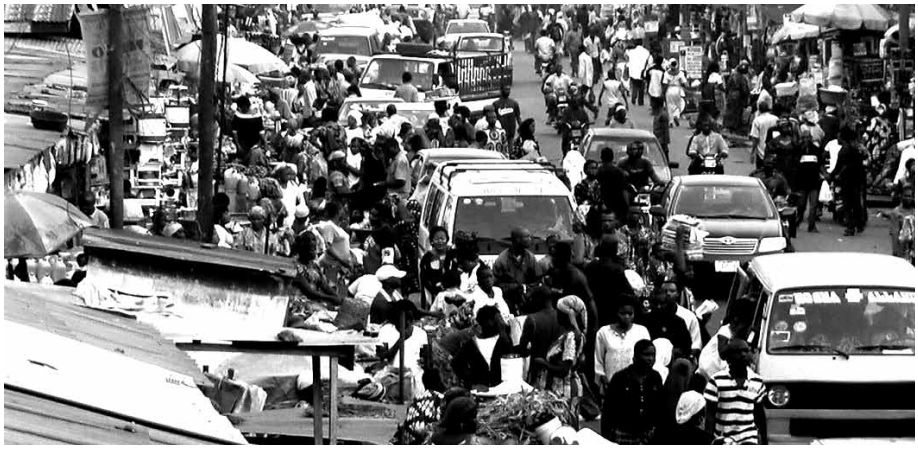
Porém, mais do que diz FHC, não se trata de "politizar o número" e sim, o mais correto seria dizer que todo dado quantitativo deve possuir um embasamento qualitativo, ou seja, conceitual, como nos ensinou Marx. A verdade é que os dados somente quantitativos e estatísticos, ou com frágil embasamento conceitual, com os quais trabalha a Economia Política e a Sociologia, em geral, servem apenas para mascarar o processo real da economia capitalista e, sobretudo, o grau de exploração da classe trabalhadora. O capitalismo vive uma crise estrutural desde, pelo menos, 1929, que é mascarada por números e índices de pouco valor conceitual. Por exemplo, as taxas de desemprego são calculadas somente considerando aqueles trabalhadores que no momento da pesquisa estão procurando emprego e não sobre a base real de desempregados existentes. Índices como o PIB de um país são inflados com programas sociais como o Bolsa-família e outros. Os índices de inflação são manipulados através de conceituações ideológicas que trabalham com médias de preços etc... Nesse sentido, do ponto de vista conceitual, o "crescimento" do período após a Segunda Guerra Mundial é relativamente falso. Não poderia haver ocorrido sem a grande destruição massiva de forças produtivas realizada durante a própria guerra, sem as guerras localizadas permanentes que se sucederam após 1945 e sem os ganhos da indústria bélica que se alimenta desses conflitos e da destruição bárbara de forças produtivas que precisam ser repostas. Assim, a rigor, do ponto de vista de uma análise realmente marxista, o sistema capitalista agoniza como modo produtivo mundial, portanto, há várias dezenas de anos.

No entanto, sem dúvida, alguns sinais, aqui e ali, de superação relativa da crise conjuntural iniciada em 2007, são agora bastante evidentes. Principalmente porque, como em toda crise capitalista, segundo o próprio Marx, enquanto milhões e milhões de trabalhadores perdem os seus empregos e milhares de capitalistas perdem as suas empresas, alguns sempre saem ganhando: são aqueles que, aproveitando a situação específica, devido a diversas circunstâncias conjunturais, ocupam os lugares deixados pelas empresas mais fragilizadas pela crise; e mesmo parte dos empregos dos trabalhadores demitidos são preenchidos, ainda que com salários menores. Nesse sentido, a cada crise conjuntural ocorrem sempre demissões em massa, rebaixamento em média dos salários, redução média das folhas de pagamento e, sem dúvida, massacre de parte da força de trabalho ativa que jamais será reposta. Mas, também, como dissemos, particularmente, falências, fusões, compras e expropriações de capitalistas por capitalistas.

Quanto aos sinais evidentes da relativa recuperação conjuntural, podemos citar o Goldman Sachs Group, um enorme grupo financeiro norte-americano que anunciou recentemente um lucro de US$ 3,19 bilhões no terceiro trimestre de 2009. Da mesma forma, uma das mais tradicionais instituições bancárias dos EUA, JPMorgan, anunciou um lucro de US$ 3,6 bilhões. O grupo Goldman Sachs, inclusive, já devolveu ao governo US$ 10 bilhões que havia recebido de ajuda no auge da crise. No Brasil, a filial do Santander obteve um lucro líquido de R$ 1,47 bilhões, no último trimestre, em relação a igual período de 2008, atingindo um crescimento de 75,9%. Essas recuperações, porém, não são acompanhadas por todas as empresas. Vinculam-se, em geral, a bancos que não atuam tanto com os consumidores diretos,

10.*O Estado de São Paulo*, 05/11/09, p. A4. Sem dúvida, numa economia em recessão, o crescimento de 5% num trimestre pode significar ainda crescimento zero ou mesmo negativo em relação a um semestre, a um ano inteiro, a uma década ou a um período cíclico maior.





CHOQUE

sendo assim, não são atingidos pelos altos índices de desemprego e insolvência, que continuam aumentando na economia norte-americana e mundial.

Nesse sentido, lembramos o Citigroup, grupo financeiro norte-americano, que teria também saído de um balanço negativo, mas apenas através de uma manipulação relativa dos dados, não contabilizando certos pagamentos. Conforme analistas, o Citigroup, caso contabilizasse tais despesas, ainda teria prejuízo de US$ 3,2 bilhões, perdas maiores àquelas de US$ 2,9 bilhões ocorridas em um dos trimestres de 2008. Segundo certas fontes, o banco ainda deve ao Tesouro norte-americano grande parte das "injeções" que o salvaram no auge da crise. Calcula-se que as dívidas atinjam cerca de US$ 45 bilhões ao governo. A situação ainda deficitária do Citigroup seria ocasionada porque, justamente, muitas das suas linhas de crédito estão atreladas a consumidores diretos, isto é, àqueles que foram atingidos pelo desemprego massivo que continua aumentando na economia dos EUA. O banco teve e ainda tem grandes prejuízos com cartões de crédito e hipotecas não pagas, que são resultado direto também dos cerca de 10% de desempregados que atinge a economia norte-americana e que devem continuar crescendo em 2010, atingindo a taxa provável de 11%. Em situação similar ao Citigroup se encontra o Bank of America, que estaria longe de sair dos débitos não pagos, reflexos do desemprego massivo crescente.

Mais dramática ainda, manifestou-se no dia 01 de novembro último a situação do CIT Group, que não tem relação direta com o Citigroup. Tratam-se de grupos diferentes. Porém, o CIT Group, com mais de cem anos de existência e mais de 1 milhão de clientes, pediu concordata no dia 29 de outubro último, apesar de ter recebido ajuda de US$ 2,3 bilhões do governo norte-americano. Conforme o jornal *O Estado de São Paulo* e as agências noticiosas internacionais, essa seria a quinta maior quebra da história dos Estados Unidos, após as do Lehman Brothers (2008), Washington Mutual (2008), WorldCom (2002) e General Motors (2008). Sua dívida chega a US$ 30 bilhões.[11] Também esse banco foi atingido mais diretamente por operar com pequenos investidores que, certamente, foram as maiores vítimas do desemprego massivo e das falências de empresas expropriadas por grupos maiores. O CIT, justamente, financia cerca de 1 milhão de pequenos e médios negócios e dezenas de milhares de universitários que pagam os seus estudos com suas linhas de crédito.

Nesse sentido, como se vê, a crise conjuntural já passou ou se apaziguou relativamente somente para os setores que ganharam com a crise expropriando outros grupos capitalistas. Por exemplo, a Berkshire Hathaway noticiou no dia 03/11 a aquisição da ferrovia Burlington Northern Santa Fe (BNSF), em um negócio gigantesco. O grupo comprador vai pagar US$ 26 bilhões por 77,4% das ações da Burlington, já havia comprado 22,6% das ações da mesma companhia e ainda assumiu uma dívida de US$ 10 bilhões da BNSF. Com isso tudo, o montante da transação chega aos US$ 44 bilhões.[12] Um negócio menor, mas ainda no setor ferroviário dos EUA, ocorreu no ano passado, quando a InBev, cujos maiores acionistas são brasileiros, comprou por US$ 1,5 bilhão 8,3% de uma grande ferrovia norte-americana, a CSX.

Mas, para amplos setores, mesmo do grande capital, a crise está longe de ser superada e não aparecem boas perspectivas a curto ou médio prazo. Quanto aos trabalhadores, sobretudo nos países mais poderosos, como os EUA, a crise não só continua, como também se aprofunda sem grandes perspectivas de saída, desaparecendo empregos diariamente, empregos que, em grande parte, jamais retornarão. O mesmo cenário vivido nos EUA, em certo sentido, ocorre na Economia Européia e no Japão. Alguns aspectos dessa situação mundial se repetem também nos exemplos do Brasil, da Índia, China e Rússia, porém, nesses países ocorre uma situação diferenciada. Grande parte das máquinas ociosas na economia européia e norte-americana vem sendo transferida para esses locais. Na Europa do leste, às vezes, são transferidas fábricas inteiras até com parte dos trabalhadores que aceitarem mudar de país e, evidentemente, a redução dos seus salários. A Índia, a China e o Brasil vêm recebendo um volume bastante alto de capitais que se deslocam. Também no Brasil, fábricas inteiras têm sido transferidas, onde, sobretudo, uma mão de obra mais barata e uma estrutura produtiva relativamente razoável facilitam os custos de produção, tornando os produtos mais competitivos no mercado mundial.

Por outro lado, no próprio Brasil, repete-se o processo de expropriação de grupos capitalistas. As transferências de fábricas estrangeiras vêm destruindo setores inteiros de produção anteriormente realizados inteiramente no Brasil. Particularmente, o setor produtivo voltado para máquinas industriais vem sendo reduzido substancialmente com a entrada de máquinas estrangeiras e mesmo com essas fábricas inteiras que realizam a sua migração para o país. Não por acaso, o número de falências no Brasil tem batido recordes históricos. Ocorrem também, em grande escala, a compra de grandes empresas brasileiras por grupos maiores ou fusões, variantes de concentração de capital. Um exemplo é aquele da CSN (Companhia Siderúrgica Nacional) que vai retomar investimentos de R$ 9,5 bilhões que havia adiado em 2008, devido à crise mundial. Haverá um grande acréscimo na produção siderúrgica da CSN, que passará a fabricar aços longos, chapas grossas e trilhos. Porém, ao mesmo tempo, a CSN criará uma nova empresa dedicada somente à extração de minério, como explicou o presidente do grupo, Steinbruch, os ativos das minas de Casa de Pedra, em Congonhas, e da Namisa formarão uma nova empresa voltada só para a mineração. No entanto, a Namisa, recentemente, teve 40% do seu capital adquirido por um grupo de empresas japonesas e uma coreana. O resultado foi extraordinário, segundo noticiou o *UOL-Economia*: "A Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) obteve lucro líquido de R$ 1,150 bilhão entre julho e setembro de 2009, um aumento de 2.775% em relação aos R$ 40 milhões registrados em igual período de 2008". Conforme a CSN declarou à mesma fonte, o avanço expressivo na base trimestral foi reflexo exatamente da melhoria no resultado operacional, bem como, justamente, da venda "de uma fatia da Namisa para o grupo nipo-coreano Big Jump Energy Participações". Hoje em dia, segundo estudo recente, realizado pela consultoria *Economática,* a CSN é a maior empresa do setor de siderurgia e metalurgia da América Latina e Estados Unidos, com valor de mercado de US$ 20,524 milhões. Duas outras empresas situadas no Brasil ocupam lugar entre as dez maiores do setor: a Gerdau (ocupando o terceiro lugar) e a Usiminas (sétimo), mostrando o grau de concentração de capital desses grupos situados no Brasil.[13]

Diversos outros exemplos de concentração de capital ocorridos no Brasil podem ser lembrados. Mas, particularmente, é interessante, em sentido contrário àquele da CSN, o caso de empresas que foram, de fato, "incorporadas" —como dizem os economistas, para não dizer "expropriadas". Lembremos o caso dos Junqueira Franco e da família Biagi, do setor sucroalcooleiro, que controlavam grande parte do setor no Brasil, a partir da gigante Santelisa Vale, criada ainda em 2007. Naquela época, o usineiro Cícero Junqueira Franco que coordenava a Vale do Rosário, recusou propostas como aquela da Cosan e preferiu se unir com a Santa Elisa, da família Biagi. Com isso surgiu a Santaelisa Vale (fusão da Santa Elisa com a Vale do Rosário e com mais cinco outras usinas paulistas). A empresa passou a ter a capacidade de moagem de quase 20 milhões de toneladas de cana-de-açúcar por safra. Os Junqueira e os Biagi procuravam

11.Jornal *O Estado de São Paulo*, 02/11/09, p. B3.

12.Idem, 04/11/09, p. B16

13.Cf.http://epocanegocios.globo.com/Revista/Common/0,,EMI91909-16355,00-CSN+E+A+MAI

bloquear o crescimento da Cosan. Veio, no entanto, a crise internacional ainda em 2007 e a Santaelisa Vale começou a se dar mal. Naquele ano Rubens Ometto, presidente da Cosan, prevendo o futuro próximo, declarou: "Graças a Deus", por não ter conseguido a aquisição da Vale do Rosário! De fato, de lá para cá, a situação somente piorou para a Santaelisa Vale, que realizou grandes empréstimos, apesar de já ser o segundo maior grupo sucroalcooleiro do país. Pretendia ainda expandir-se através de um processo de abertura de capital que iria injetar dinheiro na empresa já endividada. Com o aprofundamento da crise em 2008, o projeto foi adiado e as dívidas da Santaelisa Vale superaram R$ 3 bilhões. Finalmente, agora em outubro de 2009, a Santaelisa Vale passou às mãos da multinacional francesa Louis Dreyfus Commodities (LDC), que controlará 60% da empresa. O acordo cria a segunda maior companhia mundial de açúcar, etanol e bioenergia, com capacidade para moer 40 milhões de toneladas de cana-de-açúcar por ano.

Como noticiou a imprensa, a operação foi tratada como uma associação. No entanto, entre os atuais sócios e conselheiros da Santaelisa, não se conseguia esconder a decepção, reconhecendo que aquilo que ocorrera com a Louis Dreyfus Commodities fora uma "incorporação". Um conselheiro da Santaelisa declarou a *O Estado de São Paulo*: "É triste falar isso, mas no fundo foi uma incorporação, que não só ocorreu por questões tributárias, já que é mais fácil uma empresa com maior prejuízo comandar a operação".[14] Era isso ou a recuperação judicial, caminho que foi trilhado por dezenas de usinas do setor. Nesse sentido, compreende-se que ao usineiro Cícero Junqueira Franco, da Santaelisa, como citamos em epígrafe, somente restou "passar o pijama".

Trata-se ainda da expropriação dos expropriadores, capitalistas engolindo outros capitalistas menores. São os elementos que caracterizam o processo clássico de acumulação de capital e da assim chamada, por Marx, "acumulação originária" (*ursprüngliche Akkumulation).*[15]

A acumulação originária sempre retorna e é reposta de forma incessante, levando à morte de certos grupos

Classe Trabalhadora em luta no Brasil.

capitalistas, à proletarização sempre crescente da maior parte da humanidade, assim como a fantásticos lucros daqueles que realizam a expropriação controlando maiores setores do mercado mundial. Assim, cada crise conjuntural deve ser vista como necessária e benéfica para muitos capitalistas e para muitas regiões. O Brasil, sem dúvida, no cenário mundial, foi relativamente beneficiado com a crise, recebendo investimentos. Não somente a Louis Dreyfus Commodities apostou no Brasil. A General Motors, que recentemente pediu concordata, fechando seis fábricas e demitindo 18 mil trabalhadores, considera o Brasil como uma das regiões onde pode conseguir reestruturar-se. Fritz Henderson, atual presidente da GM, veio agora ao país e afirmou que vai reinvestir os dividendos da empresa no Brasil: "Estamos investindo pesadamente. Podemos lucrar e crescer no Brasil, por isso vamos manter os recursos aí", declarou ele em entrevista ao *Estado.*[16] Da mesma forma, Trevor Edwards, vice-presidente global da Nike, que esteve no Brasil agora ao final de outubro, afirmou que o Brasil é um dos mercados que mais cresce no mundo e, com a Olimpíada, assim como com a Copa do Mundo, essa tendência deve se acelerar, disse à mesma fonte.[17]

Evidentemente, como mostrou Marx, o grande capital não tem pátria. Como escreveu ele, a acumulação originária foi se deslocando sempre numa certa ordem mais ou menos cronológica, "a saber, Espanha, Portugal, Holanda, França e Inglaterrra".[18] Em outra passagem, comenta que, com as dívidas do Estado, surgiu o sistema internacional de crédito, "que freqüentemente oculta uma das fontes da acumulação originária neste ou naquele povo".[19] E acrescenta que a decadente Veneza emprestou grandes somas para a Holanda, depois o mesmo ocorreu entre a Holanda e a Inglaterra, apesar desta ser o seu mais poderoso concorrente. Na seqüência, afirma que uma "relação análoga existe hoje entre a Inglaterra e os Estados Unidos. Muito capital que aparece hoje nos Estados Unidos, sem certidão de nascimento, é sangue infantil ainda ontem capitalizado na Inglaterra".[20] Sem dúvida, o mesmo processo ocorre no presente: muito capital que aparece hoje, com ou sem certidão de nascimento, na Índia, na China e no Brasil, nada mais é do que mais-valia extraída anteriormente pelos EUA.

No entanto, como na Europa e nos EUA, também no Brasil e em outros países, mesmo naqueles que recebem novos investimentos, sobretudo neste período de agonia do capitalismo, não há motivo para júbilo, particularmente, para a classe trabalhadora. Em cada processo de crise, se alguns capitalistas acumulam mais capital, os trabalhadores terminam perdendo e pagando a conta.

14.Publicado 27/10/2009, p. B11.

15.É uma tradução equívoca aquela de *ursprüngliche Akkumulation* por "acumulação primitiva". A noção de "originária" está presente na palavra alemã etimologicamente e coincide com o sentido conceitual dado por Marx: a "origem" é o fundamento, a *arkhé*, o princípio que funda e é sempre reposto, comandando a estrutura de funcionamento do modo de produção capitalista até a sua superação. Na noção de "primitiva", ao contrário, parece que o processo de expropriação que o comanda seria algo lá do começo do capitalismo e, portanto, algo já esgotado historicamente e logicamente.

16.Edição de 28/10/09, p. B9.

17.Edição de 02/11/09, p. B7.

18.Das Kapital, I, p. 779; ed. Abril, p. 285.

19.Ibidem, p.783; ed. Abril p. 289.

20.Ibidem, p. 784; ed. Abril, p. 289.

Por exemplo, no Brasil, sobretudo nas regiões mais industrializadas, como São Paulo, devido ao avanço do movimento da acumulação originária capitalista, o desemprego e a miséria aumentam de maneira alarmante. Sem dúvida, para os trabalhadores, a crise continua e de forma cada vez mais aguda. Como nos EUA, muitos dos empregos perdidos no Brasil jamais voltarão a existir!

Nesse sentido, afirmava Marx em *O capital,* capítulo XXIV, Livro I, que esse processo de expropriação dos expropriadores, ou seja, a expropriação dos capitalistas pelos próprios capitalistas é uma tendência irreversível do capitalismo, mas, conforme o mesmo autor, a expropriação dos expropriadores vai aprofundando o processo de crise, polarizando a contradição entre o capital e o trabalho, levando a um novo processo de expropriação dos expropriadores. Nessa outra fase desse processo, pelo aumento das contradições, a expropriação começa a voltar-se contra o próprio capitalismo. Nesse momento, os produtores diretos, os primeiros expropriados pelo capitalismo nascente, os trabalhadores, são levados objetivamente a expropriar os próprios expropriadores, os capitalistas.

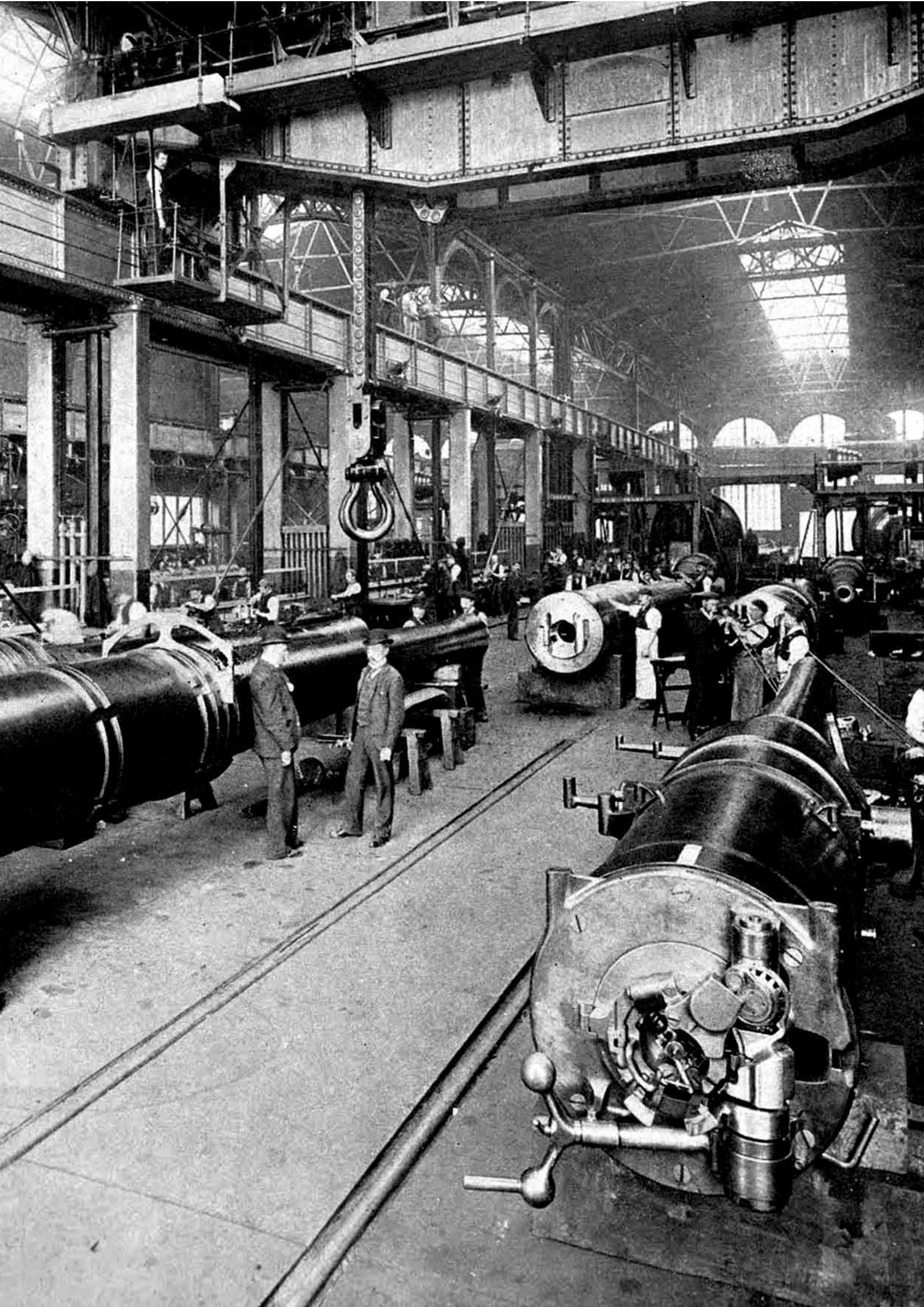
Este movimento objetivo seria o movimento de negação da negação, ou seja, os produtores diretos negados pelos primeiros capitalistas passariam a expropriar os próprios capitalistas, aqueles que realizaram a primeira negação. Este seria o movimento de negação da negação. Este movimento de negação da negação não seria, assim, um movimento ideológico ou moral, muito menos uma herança metafísica da dialética hegeliana, mas sim, muito mais, a expressão objetiva de um processo contido no próprio desenvolvimento do capitalismo e de suas crises sucessivas.

Evidentemente, no entanto, cabe aos trabalhadores realizar esse processo objetivo até o fim e, para isso, a classe trabalhadora tem no marxismo a compreensão teórica desse processo de expropriação da expropriação ou, se quisermos, a expressão teórica consciente do movimento de negação da negação, que pode transformar-se em partido político de massas pois estaria apoiado num processo posto objetivamente pelo próprio desenvolvimento lógico e histórico do capitalismo.

Curiosamente, sem compreender essa análise marxista, muitos setores identificam o *Movimento Negação da Negação*, hoje existente, como um movimento anarquista, ideológico, filosófico ou moral, um movimento que seria contra tudo e contra todos. Na verdade, o *Movimento Negação da Negação* é a expressão teórica de um processo objetivamente posto pelo próprio desenvolvimento do capitalismo e de suas crises sempre inevitáveis e sempre crescentes. Procurar tornar consciente (e, assim, subjetivo) esse movimento de negação da negação é um esforço que torna-se cada vez mais necessário.

O capitalismo do século XX e deste começo do século XXI somente nos mostrou e nos mostra crise atrás de crise, guerras, epidemias, aumento da miséria e da fome, em uma palavra, barbárie. A expropriação dos expropriadores, a negação da negação, apesar do seu caráter objetivo precisa receber a sua forma teórica consciente, caso contrário, as contradições objetivas desse processo somente podem levar os trabalhadores, a humanidade e a própria Natureza (da qual fazemos parte) à destruição mais catastrófica jamais vista na história. O processo de negação da negação terminaria, assim, como negação indeterminada. Nesse sentido, a obra de Marx, *O capital*, é ainda o grande guia objetivo para a construção da subjetividade do século XXI. ▪

Bandeira do Movimento Negação da Negação nas ruas de São Paulo em ato por sua legalização partidária.



O MITO DA "PRODUÇÃO SIMPLES DE MERCADORIAS"

Christopher J. Arthur*

O *Dictionary of Economics* de 1987, publicado pela Editora The New Palgrave, demonstrou bem a refinada e profissional sabedoria dos economistas. O artigo "Karl Marx" foi escrito pelo reconhecido teórico marxista Ernest Mandel. Este trabalho de múltiplos volumes inclui um número suficiente de artigos sobre marxismo para que fosse extraído e publicado um volume à parte: The New Palgrave: Marxian Economics — 1990, no qual a visão geral de Mandel obteve um lugar privilegiado. Mandel referiu-se "ao que Marx chama de 'produção simples de mercadorias' — 'einfache Waren-produktion'".[1] Nesta expressão semi-oficial foi declarado o mais duradouro mito da marxologia.

Mandel seguiu uma tradição muito longa e antiga. Paul Sweezy, em seu difundido texto clássico *A teoria do desenvolvimento capitalista,* diz que "Marx começa analisando a 'produção simples de mercadorias'...".[2] (Note-se que, como Mandel, Sweezy não cita nenhuma prova referencial em Marx). Antes de Sweezy, nos anos 30, Oskar Lange, explicando a teoria do valor de Marx, diz que este começa com a tal noção: "Marx a chamava de 'einfache Warenproduktion'"[3], diz Lange. A última e mais recente autoridade, R. L. Meek, em seu ensaio de 1967 sobre o "Método Econômico de Karl Marx", alegou que Marx tinha um modelo "chamado de 'produção simples de mercadorias'".[4]

Mas a verdade é que Marx nunca chamou nada de "einfache Warenproduktion" e que este termo não pode ser encontrado em seus escritos.[5]

Quem, então, o introduziu? O termo aparece no *Prefácio* e *Suplemento* de Engels em sua edição do Volume III de *O capital*, e foi interpolado por ele no interior do próprio texto de Marx (como o bom leitor poderá deduzir a partir dos parênteses do editor que circundam o termo).

Em seu prefácio, Engels declarava que no começo do Volume I de *O capital* "Marx toma a produção simples de mercadorias como seu pressuposto histórico, e somente mais tarde, partindo desta base, chega ao capital": a vantagem disso era que ele poderia proceder "da mercadoria em sua forma simples e não historicamente secundária: a mercadoria como uma coisa já modificada pelo capitalismo".[6] Isto é de fato um erro de leitura: Marx nunca usou a expressão "produção simples de mercadorias" n'*O capital*. Além disso, é certo que Marx nunca se referiu à produção capitalista de mercadorias como uma forma secundária e derivada.[7] Marx certamente não desenvolveu a idéia da "produção simples de mercadorias" ao ponto colocado

1. Mandel: *Karl Marx*, p. 4.

2. Sweezy: *Theory of Capitalist Development*, p. 23.

3. Lange: Marxian Economics and Modern Economic Theory. In: *Review of Economic Studies*, volume II, 1935-35, p. 195. Ele usa continuamente a mesma expressão no resto do artigo. Mas há algo de estranho sobre isto: a) ele nunca cita a frase; apenas as palavras "produção simples de mercadorias" aparecem; b) esta é a única expressão germânica no artigo; como se fosse um peculiar e intraduzível termo técnico de Marx; mas o termo não apenas não é intraduzível, como na verdade não pertence a Marx.

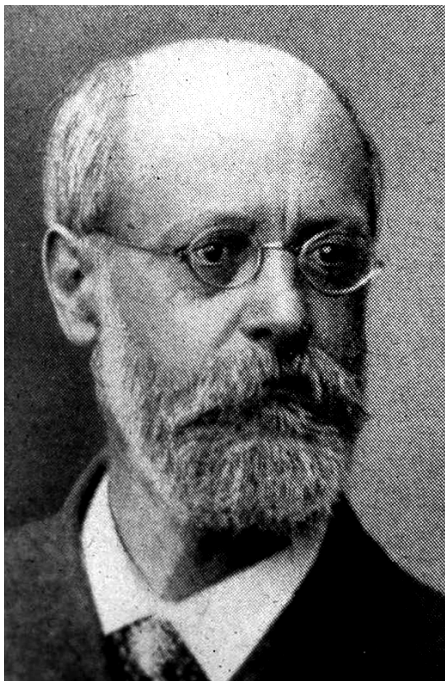
4. Meek: *Studies in the Labour Theory of Value*, (segunda edição de 1973). Apêndice, p. 3.

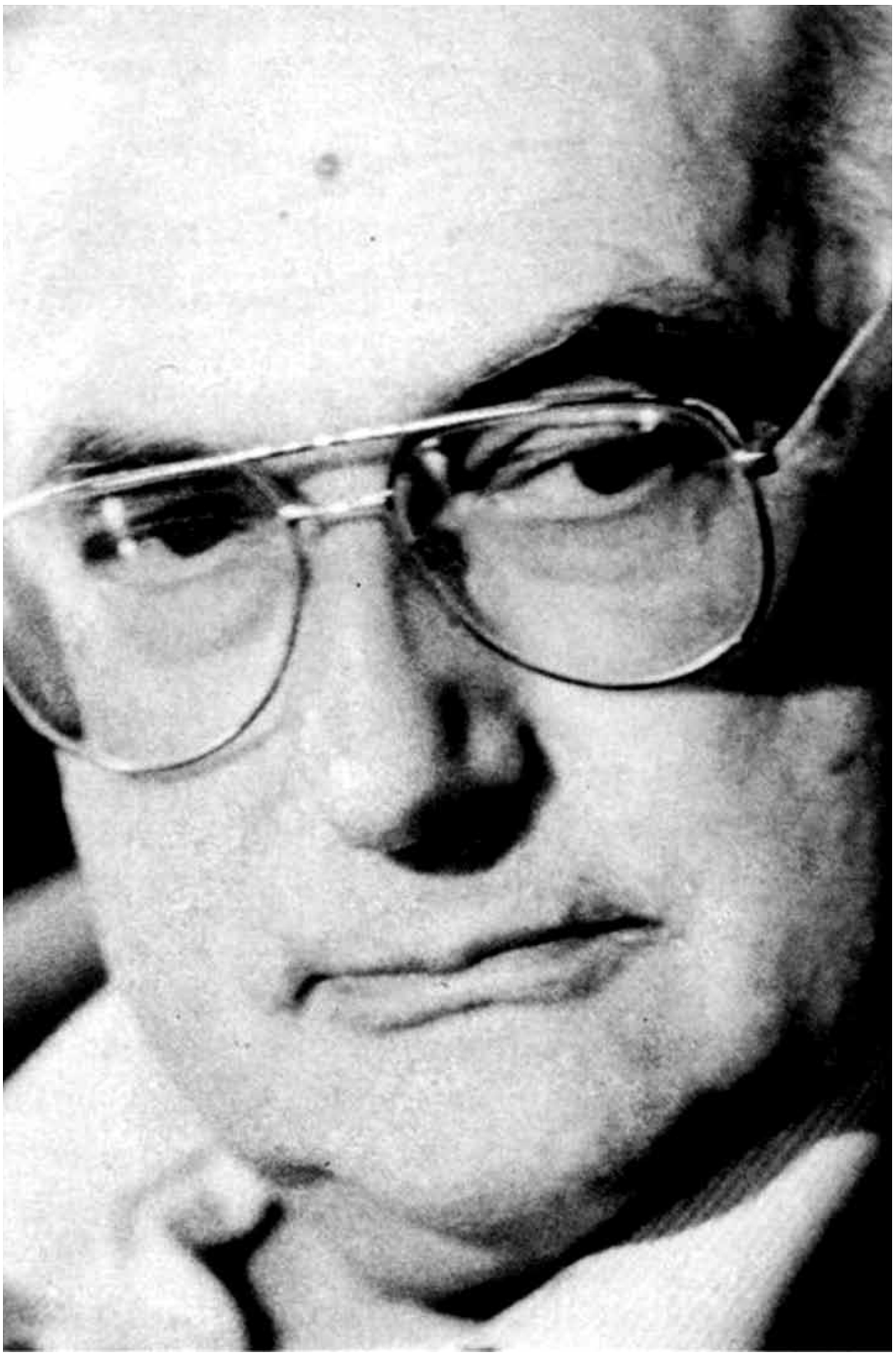
5. Em inglês nós encontramos uma referência para ele em Teorias sobre a mais-valia, Parte II, p. 501 —Marx-Engels Collected Works (MECW), volume 32, p. 132. Mas no original alemão está escrito "blose Waarenproduction", isto é, "produção pura de mercadorias": Marx: "Para a crítica...". Marx-Engels Gesamtausgabe (MEGA). Seção II Tomo 3.3., p. 1.123.

6. Marx: *O capital*, Volume III, Prefácio de Engels, p. 103.

7. Há uma passagem em que Marx pressupõe o trabalhador como proprietário de seu próprio produto (Marx: *O capital*, Volume I, p. 729-30). Mas esta passagem está escrita de um modo hipotético. Eu argumento que isso vai contra os fatos reais em Arthur: *The New Dialectic and Marx's Capital* - capítulo 6.

*Professor de filosofia aposentado da Universidade de Sussex (Inglaterra). Este artigo foi publicado originalmente no site marxmyths.org e traduzido, com a autorização do autor, pelo Prof. Dr. Jadir Antunes, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste).





Em sentido horário, do alto, esquerda:
Karl Kautsky, Ernest Mandel, Paul Sweezy, Wilhem Hegel, Oskar Lange.

por este nível de discussão, especialmente nos primeiros capítulos de *O capital*. Mais exatamente, como a primeira sentença do Volume I deixa claro, a circulação simples discutida nos primeiros capítulos já é a circulação da economia capitalista.

A única ocorrência do termo "produção simples de mercadorias" no conjunto dos três volumes de *O capital* ocorre no volume III, mas está em uma passagem dada a nós após o trabalho editorial de Engels, como ele próprio nos diz numa nota.[8] Hoje isso é possível de ser verificado conferindo o próprio manuscrito, que foi publicado na *Marx-Engels Gesamtausgabe* (MEGA). Ali fica claro que o parágrafo inteiro foi inserido por Engels (como, certamente, estava na página seguinte sobre a "missão histórica" do capital).[9] Mais tarde Engels inseriu a frase "e produção de mercadorias em geral".[10]

Não é muito comum que um editor imponha sua própria leitura ao texto. Por que, então, Engels teria feito isso? A razão pode ser estabelecida com alguma precisão. Contudo, primeiro, notemos que o espírito de Engels era primariamente histórico. Em sua revisão da *Contribuição para a crítica da economia política* de 1859 de Marx, ele propôs o que veio a ser conhecido como o método "lógico-histórico" (a propósito, outro termo nunca usado por Marx). Quando respondeu às primeiras provas tipográficas de *O capital*, Engels reagiu propondo a adição de um apêndice especial na questão da forma-valor, advertindo que o valor tomava a forma de uma prova tirada da história.[11] (Marx ignorou esse conselho). Contudo, quando Engels veio a escrever os *Prefácios* para *O capital* em 1883, 1886 e 1890 ele não sugere que a primeira parte seria histórica. Nem faz referência à "produção simples de mercadorias" em seu Prefácio para o Volume II. Foi somente em 1894, no Prefácio para o Volume III, que ele apareceu com a idéia, no contexto de julgar o que tem sido chamado de "the prize-essay competition" [concurso de ensaios] (no qual Engels lança o desafio, em seu Prefácio para o Volume II, para que as pessoas resolvam o problema da geração de uma taxa de lucro uniforme sobre a base da lei do valor). Isso nos dá o contexto necessário para compreendermos sua intervenção.

Engels envolveu-se na discussão da "produção simples de mercadorias" porque semeou a idéia de que no terceiro volume de *O capital* Marx abandonara a lei do valor em favor de outro princípio de determinação dos preços. No método de Marx os valores são um estágio no processo geral de formação dos "preços de produção" do Volume III. Mas, se tais valores não estão empiricamente presentes porque estão superados por esses preços de produção, não seriam eles meramente fictícios? Engels reagiu a esta possibilidade interpretando historicamente os estágios da exposição de Marx de forma a assegurar que os valores estavam, de fato, empiricamente visíveis, mas, naturalmente, no passado, antes que o capitalismo modificasse as relações envolvidas no processo.

Assim, quando em resposta ao Volume III de *O capital* Conrad Schmidt apresentou a tese de que o "valor" discutido no Volume I era uma "ficção necessária", Engels escreveu a ele argumentando que o valor era real apenas para propósitos práticos no estágio da "produção simples de mercadorias".[12] Antes ainda de escrever para Schmidt, Engels escreveu para Werner Sombart no mesmo sentido, argumentando que "o valor tinha uma *existência direta e real*" somente "quando a troca de mercadorias começou", mas "esta realização direta do valor... Já não acontece mais", uma vez que "o valor do modo de produção capitalista... Está completamente escondido".[13] Engels estava tão fortemente convencido disso que escreveu um artigo especial sobre essa questão, que foi colocado como um suplemento à segunda edição do Volume III de *O capital*. O artigo estava ali inserido exatamente para dissipar qualquer dúvida de que "o que está envolvido é não somente um processo lógico, mas também histórico". Após desenvolver consideravelmente esse ponto, Engels conclui que "a lei do valor de Marx aplica-se universalmente, tanto quanto se aplica qualquer lei econômica, para o período inteiro da produção simples de mercadorias, isto é, até o tempo em que é submetida a uma modificação com o início da forma de produção capitalista".[14]

É verdade que Engels era capaz de citar uma passagem extraída do manuscrito do terceiro volume na qual algo como a idéia de um estágio da produção simples de mercadorias fora mencionado por Marx. Agarrando-se entusiasticamente a isso, Engels reclamou que "se Marx tivesse sido capaz de avançar também até o terceiro volume, sem dúvida teria elaborado esta passagem significativamente".[15] Contudo, é tão certo quanto possível que Marx teria decidido ser esse um falso caminho e o teria eliminado! Certamente, as numerosas referências n'*O capital* à produção pré-capitalista são usadas por Marx sem nenhum intento *sistemático*.

Engels, Sweezy e Meek, todos (erroneamente) acreditavam que *O capital* iniciava pela "produção simples de mercadorias", e ainda caracterizavam seu status. Para Sweezy, a virtude da "produção simples de mercadorias" era sua clareza teórica como ponto de partida para uma derivação lógica, e não sua suposta realidade empírica como parte de uma "história corrigida" como era para Engels. Meek colocara-se numa posição ambígua: a "produção simples de mercadorias" não era um *mito*, argumentava ele, mas uma *mitodologia.*[16] A crença de que Marx começara com alguma coisa que chamava de "produção simples de mercadorias", isto sim era o mito real!

A economia de Marx vem sendo ensinada a gerações de estudantes sobre a base de uma distinção entre produção capitalista e "produção simples de mercadorias". Contudo, essa distinção vem de Engels, e *não de Marx*. Retornemos ao presente e vejamos o mais popular e lido trabalho sobre Marx: *O capital de Marx*, de Ben Fine, que já passou por quatro edições desde 1975 e foi reimpresso diversas vezes. Até a terceira edição de 1989 ainda podia se ler o seguinte: "Marx chamou tal situação de produção simples de mercadorias".[17] Somente na quarta edição de 2003 essa passagem é modificada por "denominado freqüentemente de produção simples de mercadorias".[18] A mais comumente usada edição inglesa de *O capital* atualmente tem uma Introdução de Mandel que diz que Marx não poderia começar pela produção capitalista, isto é, pela "produção generalizada de mercadorias", porque esta surge, lógica e historicamente, da "produção simples de mercadorias".[19]

Como pode ninguém nunca ter olhado para ver se Marx teria mesmo afirmado que a Seção I de O capital partia da produção simples de mercadorias? Face à completa ausência de

8. Marx: *O capital*, Volume III, pp. 370-71.

9. Compare a versão do Volume II em Marx-Engels Werke, Tomo 25, pp. 271-73, com o manuscrito de 1863-65 dele na MEGA, Seção II, Tomo 4.2, pp. 334-36.

10. Marx: *O capital*, Volume III, p. 965.

11. Carta de Engels para Marx de 16 de junho de 1867; em *Marx-Engels Selected Correspondence*, p. 186.

12. Carta de Marx para Schmidt de 12 de março de 1895; em Marx-Engels Selected Correspondence, p. 481-85.

13. Carta de 11 de março de 1895; em *Marx-Engels Selected Correspondence*, p. 481.

14. Marx: *O capital* III, Suplemento de Engels, p. 1.033 e 1.037.

15. Marx: *O capital* III, Suplemento de Engels, p. 1.034; a passagem inteira de Marx está nas páginas 277-78.

16. Meek: *Studies in the Labour Theory of Value* — segunda edição de 1973, Apêndice, p. 304.

17. Fine: *Marx's Capital*, terceira edição, p. 11.

18. Fine: *Marx's Capital* (quarta edição com A. Saad-Filho), p. 22. Isto foi resultado da publicação de minha exposição sobre o mito, começando primeiro com "Engels como intérprete da economia de Marx", 1996, e ainda com "Contra o Método Lógico-histórico: Derivação Dialética versus Lógica Linear", 1997.

19. Marx: *O capital* I, Introdução de Mandel, p. 13-14. Possivelmente Mandel criou a expressão complementar "produção generalizada de mercadorias".

referências seguras em Marx sobre tal situação, resta a falência extraordinária dessa falsa escola marxista. A explicação é que por trás desse mito há outra mentira: que Marx e Engels eram a mesma pessoa! O grande testemunho disso é o absurdo da edição de uma *Collected Works* com 50 volumes devotados aos dois autores que mal publicaram trabalhos conjuntos. Meek, em toda sua obra, estava absolutamente confiante em relação a tratar Marx e Engels como uma única pessoa. Durante todo seu trabalho, Meek cita livremente palavras de Engels quando se propõe a mostrar o ponto de vista de Marx. Por exemplo, diz ele citando Engels:

*Eu ainda penso que estava certo em dar ênfase ao "método lógico-histórico" de Marx: certamente, se alguma vez eu pensei assim, foi porque subestimei a extensão pelo qual o trabalho econômico de Marx era guiado por ele... A transição lógica n'*O capital *de Marx (da relação mercantil como tal para a forma "capitalisticamente modificada" desta relação) é apresentada por ele como "imagem-espelhada" de uma transição histórica (da produção "simples" para a produção "capitalista" de mercadorias)...*[20]

O "por ele" nessa citação é simplesmente falso, porque todo o material citado nessa passagem não vem de Marx, mas de Engels.

Contudo, se Engels em seu *Prefácio* estava seguro de que todo mundo sabia que Marx começara com a produção simples de mercadorias, isso pode parecer ter sido causado pelo pequeno livro *Doutrinas econômicas de Karl Marx*, de Karl Kautsky.[21] O livro de Kautsky apareceu em 1887 e teve um sucesso imediato vendendo 5 mil cópias rapidamente.[22] Nesse livro, a "produção simples de mercadorias" é mencionada no primeiro capítulo.[23] Também há referências sobre ela durante todo o último capítulo. Sem dúvida, a interpretação de Kautsky teve uma influência duradoura, pois o livro foi reimpresso várias vezes. Mas seria antecipado dizer que Kautsky teria inventado o termo. Engels chamou a atenção de Kautsky para a importância da "produção simples de mercadorias" numa carta de 26 de junho de 1884.[24] Por isso, a prioridade do termo pertence a Engels.

A autoridade de Engels como intérprete do pensamento de Marx é tão evidente que os textos oficiais básicos de marxismo por muito tempo repetiram seus pontos de vista sobre a matéria.

Agora, tenhamos compaixão da situação do organizador "ortodoxo". Desde que Engels disse isso, parece ser verdadeiro que a Parte 1 do *Capital* I trata da produção simples de mercadorias: mas não há nenhuma menção dela ali por Marx. Isso não preveniu Dona Torr, por exemplo, de indexar não menos que vinte páginas do Volume I sob o título "Produção Simples de Mercadorias". Se não há referências sobre isso então se inventa uma ficção. Isso estava assim em uma edição de 1938 d'O *capital* baseada em uma reedição da edição de Engels. Qualquer um hoje que queira seguir minhas observações sobre a "produção simples de mercadorias" poderá descobrir por conta própria um fato muito estranho. Na *Marx-Engels Collected Works* os três volumes do *Capital* estão indexados juntos no fim do volume 37. Quando consultamos esse índice, podemos ver que há uma referência direta relacionada com a "produção simples de mercadorias", e outra relacionada com a produção capitalista. Essas duas referências estão nas páginas do Volume I, *mas nada desse tipo aparece ali*. Por contraste, as três ocorrências do termo do Volume III, mencionadas acima, *não estão listadas*. (Como pode alguém conduzir a pesquisa sobre essa base). A solução para esse mistério é que esse índice foi compilado simplesmente juntando o índice existente dos volumes separados e previamente preparados por Moscou; algumas poucas adições falsas foram suprimidas, mas nenhuma tentativa foi feita para se obter a necessária concordância. Os índices para os Volumes II e III foram compilados nos anos 50 para a *Foreign Languages Publishing House*. A pessoa que compilou o índice para o Volume II e que evidentemente conhecia o termo "produção simples de mercadorias" não é digna de ser mencionada (um fato interessante por si mesmo). O Volume I, publicado em 1954, não tinha qualquer índice remissivo, mas quando os três volumes foram novamente publicados pela *Progress Publisher* o Volume I ganhou um índice mais tarde; e dessa vez a pessoa responsável introduziu um par de termos fictícios.

Devemos lamentar que os índices da nova edição do *Volume I* da MEGA também fazem concessões para o mito da "produção simples de mercadorias". Para a primeira edição (1867), a MEGA fornece três páginas de referências para a *"Warenproduktion—einfache"*. Mas em nenhuma dessas páginas aparece o termo, e, na minha opinião, nada ali aparece com esse significado. Contudo, quando a MEGA fornece o manuscrito original do

Christopher J. Arthur

Volume III, muito corretamente não lista o termo em seu índice.

Tratei aqui do problema das edições em seu âmbito estritamente filológico.... Eu infelizmente acredito que Engels estava seriamente errado. Contudo, está aberto para qualquer um sustentar a leitura de Engels em um ou em ambos os aspectos. Mas espero que no futuro as pessoas não se refiram àquilo "que Marx chamou de produção simples de mercadorias", mas àquilo "que Engels chamou de produção simples de mercadorias".

Argumentei em outro momento que a leitura d'*O capital* de Engels estava equivocada.[25] Mas, sendo assim, como pode ocorrer que o mito passou sem qualquer questionamento? Enquanto a autoridade de Engels foi importante nessa questão, deve ter havido uma predisposição presente nos leitores de *O capital* para considerar o conceito de "produção simples de mercadorias" congênito.

Há três considerações que ofereço para explicar essa questão.

a) A primeira geração de marxistas, tais como Engels e Kautsky (que estavam também entusiasmados com Darwin), acreditava que Marx fizera uma contribuição excepcionalmente poderosa à crítica da economia política, tanto que diferenciou sistematicamente os modos de produção sobre uma base histórica. O capitalismo era uma formação social historicamente específica. Ambos confundiram essa genial idéia de Marx com um imperativo metodológico para explicar as coisas em termos de suas origens e desenvolvimento históricos, apesar de apropriadamente dialético. O que faltou a Engels e Kautsky foi aceitar a possibilidade de que Marx tendia para uma ordem rigorosamente *lógica* de conceitos, empregando não uma dialética histórica, mas uma *dialética sistemática* do

20. Meek: *Studies in the Labour Theory of Value*, Introdução para a Segunda Edição (1973), p. xv.

21. Paul Hampton chamou minha atenção para o trabalho de Kautsky.

22. De acordo com Engels em uma carta para Sorge de 16 de setembro de 1887; em Engels 1887-90, MECW Volume 48, p. 104.

23. Kautsky: *Economic Doctrines of Karl Marx*, p 19-20.

24. *Marx e Engels Selected Correspondence*, p. 377.

25. Arthur: *The New Dialectic and Marx's Capital* — capítulo 2.

tipo fundada na lógica de Hegel, onde um começo abstrato é seqüencialmente concretizado.

b) A geração seguinte de marxistas incluiu aqueles educados nos departamentos "Econômicos", que absorveram uma metodologia diferente, chamada de *modelo*. Eles naturalmente "encontraram" n'*O capital* um número grande de tais "modelos", começando pela "produção simples de mercadorias". Eles leram *O capital* como uma seqüência de modelos mais e mais complexos que se aproximavam mais e mais do objeto real.

c) Antes d'*O capital* aparecer, Hegel era um "cachorro morto" a tal ponto que ninguém estava em condições de entender a extensão da influência de seu pensamento sobre Marx. A dialética de Marx em *O capital* não era nada familiar até mesmo para os leitores mais inteligentes. Mesmo que Marx tivesse providenciado um guia de leitura ou uma introdução mais didática metodologicamente, os leitores teriam encontrado muitas dificuldades para entendê-lo. Sem isso, ficaram perdidos. No *Posfácio* à segunda edição do Volume I, Marx certamente pôs mais problemas que soluções. Isso me sugere que o próprio Marx não tinha muita clareza sobre essas questões. A "obscuridade" do sistemático método dialético de argumentação pode não estar ali meramente pelo interesse de popularização, de alguma forma ele pode ter sido obscurecido pelo próprio Marx. Qualquer tentativa de recuperá-lo pode bem requerer alguma reconstrução de nossos argumentos.

Mas isso nos leva para muito além do ponto pretendido neste artigo.

Referências Bibliográficas

Arthur, Christopher J. *'Engels as Interpreter of Marx's Economics'*, in: *Engels Today: A Centenary Appreciation*, editado por C. J. Arthur (Basingstoke: Macmillan Press) 1996.

Arthur, Christopher J. *'Against the Logical-Historical Method: Dialectical Derivation versus Linear Logic'*, in: *New Investigations of Marx's Method,* editado por F. Moseley e M. Campbell (New Jersey: Humanities Press) 1997.

Arthur, Christopher J. *The New Dialectic and Marx's 'Capital'.* Leiden: Brill, 2002.

Engels, Friedrich. *Letters 1887-90*. Marx, Karl and Frederick Engels *Collected Works* Volume 48. London: Lawrence & Wishart, 2001.

Fine, Ben. *Marx's Capital*, third edition. Basingstoke: Macmillan Education, 1989.

Fine, Ben (com A. Saad-Filho). *Marx's 'Capital'*, quarta edição. London: Pluto Press,2003.

Kautsky, Karl. *Economic Doctrines of Karl Marx*. Tradução inglesa de H. J. Stenning. London: A. & C. Black Ltd, 1936.

Lange, Oskar. *Marxian Economics and Modern Economic Theory*, in: *Review of Economic Studies* Vol. II 1934-35.

Mandel, Ernest. *Karl Marx,* in: *The New Palgrave: Marxian Economics*, editado por J. Eatwell *et al*. Basingstoke: Macmillan, 1990.

Marx, Karl. *Capital* Volume I. Tradução de B. Fowkes. Harmondsworth: Penguin,1976.

Marx, Karl. *Capital* Volume III. Tradução de D. Fernbach. Harmondsworth: Penguin, 1981.

Marx, Karl. *Capital* Volume I, in: Marx, Karl and Frederick Engels *Collected Works* Volume 35. London: Lawrence & Wishart, 1996.

Marx, Karl. *Capital* Volume III, in: Marx, Karl and Frederick Engels *Collected Works* Volume 37. London: Lawrence & Wishart, 1998.

Marx, Karl. *Das Kapital: Dritter Band*, Karl Marx und Friedrich Engels *Werke, Tomo* 25. Berlin: Dietz Verlag, 1964.

Marx, Karl. *Das Kapital. Drittes Buch. Die Gestaltungen des Gesamtprozesses*, in: Karl Marx und Friedrich Engels *Gesamtausgabe* (MEGA). *Abteilung* II, Band 4.2. Berlin: Dietz Verlag, 1992.

Marx, Karl. Das *Kapital Erster Band* 1867: Karl Marx und Friedrich Engels *Gesamtausgabe* (MEGA), *Abteilung* II Band 5. Berlin: Dietz-Verlag, 1983.

Marx, Karl. *Economic Manuscript of 1861-63*: Marx, Karl and Frederick Engels *Collected Works* Volume 32. London: Lawrence & Wishart, 1989.

Marx, Karl. *Theories of Surplus Value,* Part II. London: Lawrence & Wishart, 1969.

Marx, Karl. *Zur Kritik der politischen Ökonomie* (Ms. 1861-63) - Karl Marx und Friedrich Engels *Gesamtausgabe* (MEGA), *Abteilung* II Band 3.3. Berlin: Dietz-Verlag, 1978.

Marx, Karl and Frederick Engels *Selected Correspondence.* Moscow: Progress, 1965.

Meek, Ronald L. *Studies in the Labour Theory of Value*, 2nd ed. London: Lawrence & Wishart, 1973.

Sweezy, Paul M. *The Theory of Capitalist Development*, 1942. New York: Monthly Review Press, 1970. ▪

LÊNIN E A TEORIA NEGATIVA DA DEMOCRACIA

Carlos Prado*

Um importante debate sobre o conceito de democracia foi travado em decorrência do triunfo da revolução russa. Quando o Czar Nicolau II caiu em fevereiro de 1917 e os bolcheviques tomaram o poder em outubro, a questão do Estado foi posta em jogo. A Rússia ainda não conhecia a democracia, pois apenas nos países da Europa ocidental as revoluções burguesas já a haviam implantando. Nesse período, a Rússia ainda era comandada por um regime autoritário, um Estado monárquico e absolutista.

Nesse momento em que o poder do Estado, bem como a sua forma, esteve em questão, Lênin travou inúmeras polêmicas sobre o conceito de Estado e democracia, lutando teoricamente contra os revisionistas da II Internacional, contra os democratas constitucionalistas e seus seguidores mencheviques e social-revolucionários que defendiam a implantação de uma república parlamentar burguesa.

Diante dessa encruzilhada histórica, Lênin tentou desvelar o caráter aparente e mistificador da república democrática burguesa. O líder soviético escreveu vários textos abordando, com uma clareza peculiar, o papel do Estado e suas formas na organização e manutenção das relações de produção.

O presente artigo tem o objetivo de expor e analisar as concepções de Lênin em torno da democracia. Evidenciando que a democracia é apenas uma forma sob a qual o Estado burguês pode se metamorfosear, forma essa que cria uma liberdade e igualdade aparente e abstrata, camuflando a luta de classes e legitimando a dominação burguesa.

Num primeiro momento, tentaremos expor as concepções revisionistas de teóricos como Kautsky e os defensores da democracia como *valor universal*. Posteriormente tentaremos compreender como Lênin coloca a questão, observando a democracia como forma de Estado e dominação. Também destacaremos o conceito de democracia de classe e, por fim, analisaremos como Lênin compreende a negação e morte da democracia, mediante a supressão das classes antagônicas.

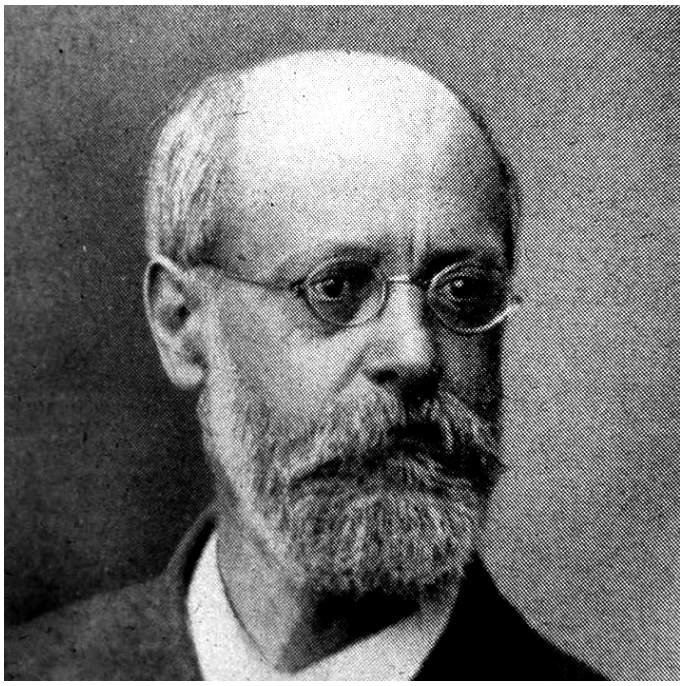
Concepções revisionistas

Diante das transformações colocadas em curso pela revolução russa, Lênin, Kautsky e outros líderes travaram um importante debate teórico acerca do Estado. As divergências entre Lênin e Kautsky não surgiram nesse período, os dois já trilhavam diferentes caminhos teóricos e práticos desde muito antes da tomada do poder pelos bolcheviques. Mas as discussões sobre o Estado se estenderam de 1917 até 1920, e giraram em torno de conceitos importantes como democracia e ditadura.[1]

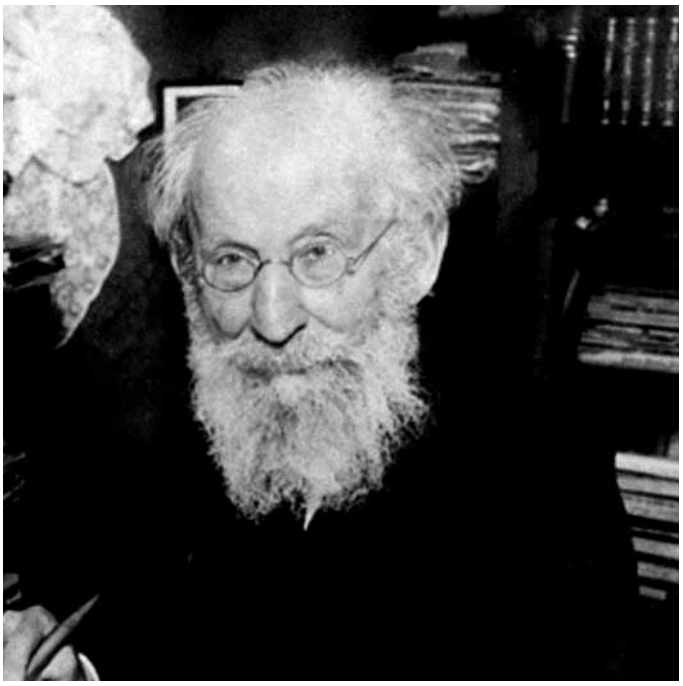
1. Prevendo uma situação revolucionária na Rússia, Lênin escreveu *O Estado e a revolução* em agosto de 1917, no qual destacava a centralidade do Estado no período de transição. Por sua vez, Kautsky, escreveu *A Ditadura do Proletariado* (1918), na qual tratou de analisar e criticar a experiência revolucionária russa. O que provocou uma rápida resposta de Lênin, o conhecido *A revolução proletária e o renegado Kautsky* (1918), em uma nova crítica ao poder bolchevique, Kautsky escreveu *Terrorismo e Comunismo* (1918–1919), que foi objeto de resposta de Trotsky, em uma obra que levou o mesmo título (1920), e a réplica de Kautsky ao texto de Trotsky foi dada em *Da democracia ao trabalho escravo* (1920). Outros líderes bolcheviques, como Bukharin, publicaram *A teoria da ditadura do proletariado* (1919). Radek também participou do extenso debate com a obra *Ditadura do proletariado e terrorismo* (1920).

*Mestrando em Filosofia pela Unioeste.

À esquerda, tomada do Palácio de Inverno, Petrogrado, 1917.



Karl Kautsky



Eduard Bernstein

A polêmica surgiu logo após a tomada do poder pelos bolcheviques. Uma Assembléia Nacional Constituinte havia sido convocada pelo governo provisório para redigir a nova constituição e elaborar a forma do novo Estado russo. As eleições haviam sido convocadas em setembro e se realizaram em novembro, mas beneficiaram justamente parte das forças que haviam sido derrotadas pela revolução de outubro. Os bolcheviques tinham a maioria entre os operários urbanos e nos sovietes, no entanto, conquistaram apenas 25% dos votos totais, contra uma maioria de social-revolucionários, mencheviques e liberais. A constituinte caminhava para a consolidação de um Estado burguês democrático, seguindo os padrões do mundo capitalista da Europa ocidental. No entanto, em janeiro de 1918, a constituinte foi dissolvida pelos bolcheviques.

O partido de Lênin foi veementemente criticado e criminalizado quando dissolveu a constituinte, negando o Estado moderno democrático. A revolução de outubro triunfou sob a palavra de ordem de *Todo o poder aos Sovietes*, e Lênin compreendia que uma democracia aos moldes ocidentais, parlamentarista ou presidencialista, entraria em contradição com as transformações que a revolução proletária precisava colocar em curso. Tal democracia só poderia sufocar os sovietes, arrancando o poder das bases, dos conselhos de fábricas e levando para o parlamento, para a representatividade burguesa.[2]

Jean Jaurés (centro)

Kautsky foi um dos principais críticos do poder soviético e da supressão da república democrática na Rússia revolucionária. Em suas obras, Kautsky critica o poder soviético e o partido bolchevique por monopolizarem o poder, afirmando que a ditadura do proletariado está em oposição direta com a democracia. No livro *A ditadura do proletariado* Kautsky defende o sufrágio universal, as eleições livres e condena o partido bolchevique por ter dissolvido a Assembléia Constituinte, aniquilando a democracia, instaurando uma ditadura.

Para criticar o governo soviético, Kautsky faz referências à experiência da Comuna de Paris e afirma que

a primeira tarefa do novo regime revolucionário foi a consulta pelo sufrágio universal. A eleição, realizada com a maior liberdade, deu em todos os distritos de Paris, com raras exceções, grande maioria a favor da Comuna.[3]

Em outra passagem, se referindo à revolução proletária, Kautsky evidenciou que

um regime que conta com o apoio das massas só empregará a força para defender a democracia, e não para aniquilá-la. Ele cometeria verdadeiro suicídio se quisesse destruir seu fundamento mais seguro: o sufrágio universal, fonte profunda de poderosa autoridade moral.[4]

As passagens citadas deixam claro que Kautsky é defensor dos princípios democráticos alcançados pelo Estado burguês. Ele cita o sufrágio universal e a liberdade eleitoral, afirmando que é

2. "[...] esta Assembléia Constituinte, que devia ser a coroação da república parlamentar burguesa, não podia deixar de atravessar o caminho da Revolução de Outubro e do Poder Soviético. [...] As classes trabalhadoras tiveram de se convencer pela experiência de que o velho parlamentarismo burguês estava ultrapassado, de que ele é absolutamente incompatível com as tarefas da realização do socialismo". LENIN. *Projeto de decreto sobre a dissolução da Assembléia Constituinte*. In: Obras escolhidas. V.2. São Paulo: Alfa-omega, 1980, p. 451.

3. KAUTSKY, Karl. *A ditadura do proletariado*. São Paulo: Ciências humanas, 1979, p. 32.

4. Idem.

Antonio Gramsci

preciso assegurar a liberdade civil e a igualdade jurídica de todos os cidadãos. Para Kausky a função do Estado socialista seria a de garantir a vigência e o exercício da democracia, construindo um Estado a partir dos princípios democráticos da liberdade e da igualdade entre todos os cidadãos.[5]

Kautsky é um dos principais teóricos de uma corrente revisionista do marxismo. Ao lado de Bernstein na Alemanha e de Jean Jaurès na França, refutaram as principais teses de Marx e se renderam ao liberalismo burguês. Tais teóricos elaboraram uma concepção de que a luta pelo socialismo se travaria no plano da legalidade burguesa, no plano da democracia.[6] O proletariado realizaria a revolução por meio da conquista

Palmiro Togliatti e, no topo, Enrico Berlinguer

gradual e legal do poder da produção e do poder do Estado. Tendo ao seu lado o sufrágio universal, o proletariado não precisaria mais utilizar métodos violentos para a conquista do poder.

Mas antes de voltarmos nossa atenção para as concepções de Lênin, vejamos como outros teóricos do século XX desenvolveram essas concepções revisionistas da II Internacional. Uma importante corrente é a dos pensadores da democracia como *valor universal*. Essa corrente surge mais especificamente na Itália, a partir da década de 1950. Abandonando as teses de Marx, presos à legalidade burguesa e inspirados nos estudos de Gramsci[7],

Francisco Weffort, à direita.

os líderes do Partido Comunista Italiano, Togliatti e Berlinguer, desenvolveram uma teoria pacifista e legal que se desenvolvia a partir dos princípios da democracia burguesa.

No Brasil, essa corrente aglutinou inúmeros seguidores. Entre eles se destacam Carlos Nelson Coutinho[8], Francisco Weffort[9] e Luiz Bicca. De maneira geral esses teóricos afirmam que:

As objetivações da democracia [...] tornam-se valor na medida em que contribuíram, e continuam a contribuir, para explicitar os componentes essenciais contidos no ser genérico do homem social. E tornam-se valor universal na medida em que são capazes

5. Ruy Fausto, escrevendo sobre a construção do poder bolchevique, cita esse importante debate e se posiciona a favor dos argumentos desenvolvidos por Kautsky. Segundo Fausto, "a essência dessas teses [se referindo a Lênin e Trotsky] é a recusa da democracia em nome de bem curioso mecanismo proletário". FAUSTO, Ruy. *A polêmica sobre o poder bolchevista (Kautsky, Lênin, Trotsky)*. In: *Revista Lua Nova*, nº 53. São Paulo: CEDEC, 2001, p. 58. E acrescenta: "Só a democracia no plano global é uma garantia de democracia dentro do partido dominante, de novo, só a democracia pode senão garantir em absoluto, pelo menos oferecer alguma garantia, de que o inevitável arrefecimento do ethos revolucionário não degenere em puro e simples ethos burocrático". FAUSTO, Ruy. *Trotski, a democracia e o totalitarismo (a partir do Trotsky de Pierry Broué)*. In: *Revista Lua Nova*, nº 62. São Paulo: CEDEC, 2004, p. 124.

6. Em um ensaio publicado em 1901, Jaurès afirma que "não é pelo contragolpe imprevisto das agitações políticas que o proletariado chegará ao poder, mas por meio da organização metódica e legal de suas próprias forças sob a lei da democracia e do sufrágio universal". (JAURÈS, Jean. *O manifesto comunista de Marx e Engels*. In: MARX; Engels. *Manifesto Comunista*. São Paulo: Boitempo, 2005, p. 157).

7. Apesar de Gramsci não haver se preocupado em investigar sistematicamente o conceito de democracia, ou ter desenvolvido esse conceito de maneira explícita, o conceito de democracia como valor universal e o de democracia progressiva se forjaram inspirados em sua obra. Segundo Coutinho: "O conceito togliattiano de 'democracia progressiva' concretiza a teoria gramsciana da guerra de posições, da necessária luta prévia pela hegemonia e pelo consenso". (COUTINHO, Op. cit., p. 67.)

8. No plano político, Coutinho foi militante do Partido Comunista Brasileiro, posteriormente ingressou no Partido dos Trabalhadores e, atualmente é membro do Partido Socialismo e Liberdade. Já no plano teórico, foi um dos principais divulgadores da obra de Gramsci e Lukács no Brasil, traduzindo e editando vários textos.

9. Foi secretário-geral do Partido dos trabalhadores e mais tarde ingressou no Partido da Social Democracia Brasileira, ocupando o cargo de Ministro da Cultura durante o governo de Fernando Henrique Cardoso.

de promover essa explicitação em formações econômico-sociais diferentes, ou seja, tanto no capitalismo quanto no socialismo.[10]

Por sua vez, Bicca afirma: "Liberdade e democracia, como valores, exigem validade universal".[11] E Weffort acrescenta:

Na própria luta dos divergentes e dos contrários em torno do sentido da democracia, está a afirmação da democracia como um valor geral. Um valor que é de todos, espaço irrenunciável de realização da dignidade humana.

A democracia aparece aqui, como expressão de componentes do ser genérico do homem, ou seja, a democracia aparece como a manifestação da liberdade e da igualdade, características essenciais do gênero humano. Segundo esses autores, a democracia constitui-se, portanto, em um *valor universal* que carrega os componentes da natureza humana. Portanto, os valores da democracia são fundamentais tanto na sociedade burguesa, quanto na sociedade socialista, pois expressam valores permanentes. Segundo essa concepção, as liberdades democráticas conquistadas na sociedade burguesa aparecem como resultado da luta de classes e deveriam ser conservadas e desenvolvidas a níveis superiores no socialismo.

Esses teóricos da democracia como *valor universal* compreendem a realização da verdadeira democracia como *vir a ser*. Coutinho afirma que

a democracia socialista pressupõe, por um lado, a criação de novos institutos políticos que não existem, ou existem apenas embrionariamente, na democracia liberal clássica.[12]

Tal concepção afirma que a democracia burguesa não é plena e que, portanto, é necessário solucionar contradições para que a democracia possa se desenvolver a níveis superiores, para que dessa forma possa realmente se realizar na plenitude.

Gravura retratando os conflitos durante a Revolução Francesa de 1789.

Esse conceito de democracia enquanto *vir a ser*, que parte de um desenvolvimento permanente das formas democráticas foi bem desenvolvido por Togliatti, que cunhou o conceito de *democracia progressiva*.[13] Esse conceito pressupõe um desenvolvimento progressivo e evolucionista da democracia. Segundo Togliatti é necessário "desenvolver a democracia até o limite extremo, que é precisamente o socialismo".[14]

Partindo da democracia burguesa, gradualmente se avança na direção de uma democracia mais plena. Trata-se de pensar um desenvolvimento gradual da democracia até que sua plenitude seja alcançada. Essa evolução se concretiza mediante conquistas democráticas que culminam na superação do capitalismo e na construção do socialismo. Diz Coutinho: "A democracia de massas que vai se construindo a partir das lutas populares é, a longo prazo, incompatível com a perpetuação do capitalismo".[15] Weffort acrescenta: "É que, então, a luta pela democracia será também a luta pelo socialismo".[16]

Segundo essa teoria, a ampliação da democracia burguesa entra em contradição direta com a apropriação privada dos meios de produção e dado que os interesses burgueses são representados por uma minoria, uma maioria explorada luta pela ampliação da democracia e pelos seus próprios interesses, colocando a dominação burguesa em cheque. Portanto, essa *democracia progressiva* culminaria na superação das relações de produção capitalistas que abririam caminho para a realização da verdadeira democracia.

Como se vê, o debate lançado pela revolução russa não se extinguiu e, durante todo o século XX, diversos autores buscaram se aprofundar no desenvolvimento dessa importante problemática. Surgiram então esses conceitos de *democracia como valor universal* e *democracia progressiva*, ambos partindo de uma defesa da legitimidade da república democrática que consolidou a liberdade e a igualdade formal entre os homens.

Democracia como forma de Estado

Vejamos agora, de maneira breve, o processo histórico de formação da democracia moderna, evidenciando sua relação direta com a consolidação do capital. A formação do modo de produção capitalista entre os séculos XV e XVIII promoveu inúmeras transformações na esfera econômica, destruindo as relações feudais baseadas na vassalagem e na auto-suficiência dos feudos. Tais transformações econômicas provocaram uma reestruturação na esfera política, destruindo o descentralizado Estado feudal, dando origem ao Estado monárquico centralizado, que, por sua vez, também caiu diante das revoluções burguesas. Afinal, o Estado absolutista

10. COUTINHO, Carlos Nelson. *A democracia como valor universal e outros ensaios*. 2 ed. Rio de Janeiro: Salamandra, 1984, p. 24. Em 2008, comentando esse seu texto, Coutinho afirmou que: "Não teria nada a modificar hoje no que está dito naquele velho ensaio, escrito há mais de vinte anos atrás: mas certamente poria outro título, ou seja, *A democratização como valor universal*, já que o que tem valor universal não são as formas concretas que a democracia adquire em determinados contextos históricos — formas essas sempre modificáveis, sempre renováveis, sempre passíveis de aprofundamento —, mas o que tem valor universal é esse processo de democratização, que se expressa essencialmente numa crescente socialização da participação política". (Disponível em: <http://www.socialismo.org.br/portal/filosofia/155-artigo/699-democracia-um-conceito-em-disputa>. Acesso em: 25 set. 2009).

11. BICCA, Luiz. *Marxismo e liberdade*. São Paulo: Edições Loyola, 1987, p. 230.

12. COUTINHO, Op. Cit., p. 26.

13. Ver os textos: *Nossa luta pela democracia e pelo socialismo* e *Por uma constituição democrática e progressista*. In: *Socialismo e democracia*. Rio de Janeiro: Edições Muro, 1980, p. 63 – 95.

14. TOGLIATTI, Palmiro. *Socialismo e democracia*. Rio de Janeiro: Edições Muro, 1980, p. 65.

15. Idem, p. 52–58.

16. WEFFORT, Op.cit., p. 113.

não era mais conciliável com o liberalismo necessário para a circulação das mercadorias.

A análise histórica nos revela a intrínseca relação entre a esfera econômica e política. Não se tratam de esferas autônomas e independentes, mas de estruturas diretamente vinculadas. O desenvolvimento do modo de produção capitalista e as modificações da base econômica produziram inúmeras revoluções que transformaram a organização política dos Estados europeus, adequando-os às novas bases econômicas, formando o Estado burguês.

A Inglaterra foi precursora no desenvolvimento capitalista, não apenas pela expansão comercial, pelo acúmulo de capitais, pela industrialização ou pela implantação do trabalho assalariado, mas também pela constituição de uma república democrática que se apresentou na forma parlamentarista. A queda de Carlos I diante da Revolução Puritana, liderada por Oliver Cromwell em 1641, e a posterior consolidação do parlamentarismo por meio da Revolução Gloriosa de 1689, representam a conciliação da base econômica capitalista e do Estado burguês, forjando as condições necessárias para o pleno desenvolvimento capitalista.

A partir da Inglaterra o modo de produção capitalista se alastrou violentamente pela Europa e se globalizou, se expandiu para além do velho continente diante do massacre colonial da América, Ásia e África. Acompanhando a expansão econômica do capital também se expandiram as revoluções políticas. Nesse processo reis foram depostos, monarquias milenares caíram, imperadores sucumbiram e populações nativas inteiras foram dizimadas pelo poder do capital e da burguesia revolucionária. Já no século XX, o Estado moderno

Liberdade, igualdade, fraternidade ou a morte.

burguês da república democrática, parlamentarista ou presidencialista, tornou-se predominante na maioria dos países.

As revoluções burguesas inspiradas pelos teóricos do Iluminismo e pelo racionalismo filosófico representaram a queda do chamado Antigo Regime e de todo o autoritarismo centrado na figura do rei. A circulação das mercadorias no mercado não era mais conciliável com os entraves colocados pelos governos absolutistas. A burguesia necessitava e construiu um Estado onde predominasse a igualdade e a liberdade individual. Nesse sentido, não apenas a burguesia ganhou a liberdade para comercializar, mas os camponeses e servos também se tornaram livres, mas, como afirma Marx em *O capital*, livres em duplo sentido, pois se tornaram livres de qualquer proprietário e livres de qualquer propriedade, transformando-se em mercadoria, vendedores da própria pele.

Para os filósofos burgueses e conservadores, entre os quais podemos citar os iluministas Rousseau, Montesquieu, Voltaire, além do alemão Hegel e outros, o Estado moderno, em sua forma democrática é o garantidor da liberdade civil dos indivíduos, bem como da igualdade jurídica entre os cidadãos.

O Estado capitalista democrático se organizou sob a bandeira da liberdade e da igualdade. Liberdade e igualdade jurídica, abstrata e formal, necessárias para a troca e circulação das mercadorias e para a implantação do trabalho assalariado. Tal Estado democrático se organizou obedecendo aos seguintes princípios: governo constitucional; divisão dos poderes; predomínio da lei; igualdade jurídica; sufrágio universal; liberdade individual; realização de eleições livres para eleger os representantes; rodízio no exercício do poder executivo e legislativo; debates de idéias e projetos de governo; predomínio dos valores da razão e um conjunto de direitos e liberdades, tais como a liberdade de opinião, expressão e imprensa. Tais são os princípios da democracia burguesa.

O Estado burguês aparece, então, como um órgão cuja função é prover o bem comum e a vontade geral, defendendo interesses universais e protegendo os direitos de todos os cidadãos. Sob a democracia os indivíduos aparecem como independentes e autônomos entre si, são postos como iguais e não divididos em classes antagônicas. Tal Estado parece ter como objetivo a realização do interesse público, legislando e executando em proveito do universal.

Mas, ao contrário do que afirmavam os filósofos iluministas, os racionalistas ou os economistas burgueses, Marx revela que o Estado é apenas a institucionalização da dominação de uma classe sobre a outra. Ao longo de sua vasta obra, Marx demonstra que o Estado moderno não é a realização da liberdade, mas expressa apenas uma nova forma de dominação de classe. Negando a democracia aparente, Marx expõe, no capítulo VIII de *O capital*, o despotismo de fábrica ao qual a classe burguesa submete a classe operária, revelando que as noções de liberdade são abstratas e formais e se reduzem ao nível do mercado. Já no capítulo XXIV, aparece claramente que a violência e a repressão do Estado constituem o fundamento da produção capitalista, que se edifica e se mantém a custa de suor e sangue da classe operária.

Já na *Crítica do programa de* Gotha, Marx é ainda mais claro na crítica ao Estado e à sua forma democrática. Criticando o programa do Partido Operário Alemão que reivindica um *Estado livre*, Marx afirma que um Estado jamais pode se tornar livre, pois ele é um órgão de dominação de uma classe sobre outra. Pensar em Estado livre é pensar "o Estado mais como uma entidade independente, que possui seus próprios princípios espirituais, morais e liberais".[17] Assim é o pensamento liberal burguês que retira do Estado o seu caráter de classe, colocando-o acima da sociedade, como instituição autônoma e defensora do bem comum.

Marx ainda acrescenta que:

Os diversos Estados apresentam confusas formas, que só se diferenciam pelo maior ou menor desenvolvimento capitalista e que a democracia vulgar é precisamente a última forma de Estado da sociedade burguesa.[18]

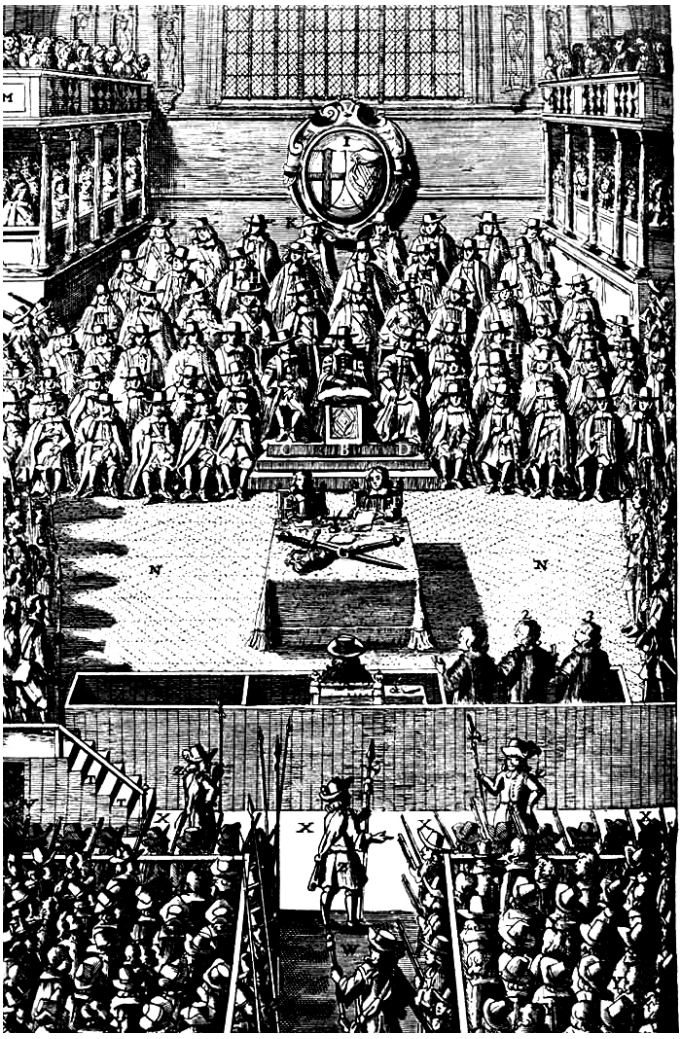
Essa passagem é clara ao afirmar que o Estado burguês pode adquirir diferentes formas que são determinadas pelo nível de desenvolvimento da produção capitalista. As formas políticas não são elaboradas de maneira autônoma, mas são determinadas pelo nível do desenvolvimento econômico.

Nesse sentido, Marx critica de maneira enérgica a democracia, afirmando que ela não passa de mais uma forma de dominação burguesa, a última e mais evoluída forma adquirida pelo Estado. Criticando o programa do partido alemão, Marx afirma:

Suas reivindicações políticas nada contêm além da velha ladainha democrática conhecida por todo o mundo: sufrágio universal, legislação direta, justiça popular, milícias populares, etc. São simplesmente ecos do partido burguês e da Liga da Paz e da Liberdade. Não mais que reivindicações vulgares.[19]

17. MARX, Karl. *Crítica do programa de Gotha*. Rio de janeiro: Ciência e Paz, 1984, p. 19.
18. Idem, p. 19 – 20.
19. Idem, p. 20.

O czar Nicolau II e a czarina Alexandra.



Julgamento de Carlos I

Essa passagem deixa claro que, para Marx, os princípios de liberdade e igualdade do Estado democrático não são nada mais que ladainha burguesa.[20] Na sua *Crítica do programa de Gotha*, Marx fala claramente em formas do Estado, e a democracia não é nada mais que uma das formas que o Estado burguês adquire. A mistificação provocada pela democracia impede que os indivíduos apareçam divididos em classes, divididos entre explorados e exploradores, mas como socialmente iguais e livres. Tal é a mistificação provocada pela república democrática, mistificação que acaba por legitimar a dominação e exploração burguesa, escondendo e camuflando as classes, por trás da ilusão forjada pela igualdade jurídica.

São precisamente essas concepções de Marx e aquelas de Engels apresentadas em *A origem da Família, da propriedade privada e do Estado*, que Lênin toma como fundamento para criticar os revisionistas da II Internacional e consolidar o poder soviético. Vejamos agora como Lênin coloca a questão da democracia.

Em 1917, semanas antes da revolução proletária ser vitoriosa na Rússia, Lênin publica *O Estado e a Revolução*, célebre texto que aborda minuciosamente o conceito de Estado em Marx, bem como o conceito de democracia. Nessa obra, o líder soviético coloca a questão do Estado como elemento central no programa revolucionário da revolução operária, demonstrando a necessidade de se tomar e destruir o Estado burguês.

Lênin começa sua exposição elaborando o conceito de Estado, revelando que ele surge da luta de classes, como aparelho para dominar e submeter os explorados. "O Estado é o produto e a manifestação do antagonismo inconciliável das classes".[21] O Estado nem sempre existiu, ele não é um produto natural, mas um produto histórico, ele surgiu mediante a abolição da propriedade comunal da terra e a apropriação do excedente produzido por uma classe privilegiada. O Estado surge ao mesmo tempo em que surge a desigualdade social e econômica, ele surge com o advento da luta de classes.

Quando o antagonismo entre as classes não podem ser conciliados, surge o Estado, não para conciliar os interesses divergentes, mas para dominar e impor por meios legais e violentos os interesses da classe dominante.

O Estado é um órgão de dominação de classe, um órgão de submissão de uma classe por outra; é a criação de uma "ordem" que legalize e consolide essa submissão, amortecendo a colisão de classes".[22]

Se o Estado surge da luta de classes, resulta em princípio que o Estado está a serviço da classe economicamente dominante, que adquire por meio de um aparelho público a legitimação da sua dominação.

Lênin acrescenta que:

O Estado se reduz precisamente a esse aparelho de governar [...] governar necessita de um aparelho especial de coação, de submissão da vontade alheia pela violência.[23]

O Estado se consolida como um aparelho de governo, aparelho formado por uma constituição, leis, direito, órgãos públicos e toda uma legalidade que é mantida a força por um destacamento

20. "Durante toda sua vida, Marx lutou acima de tudo contra as ilusões da democracia pequeno-burguesa e do democratismo burguês. Marx ridicularizou acima de tudo as palavras ocas acerca da liberdade e da igualdade". LENIN. *Relatório sobre o trabalho no campo*. In: *Obras escolhidas*. V.3. Op. cit., p. 116.

21. LENIN. *O Estado e a revolução*. São Paulo: Hucitec, 1983, p. 9.

22. Idem, p. 10.

23. LENIN. *Sobre o Estado*. In: *Obras escolhidas*. V.3. Op. cit., p. 179.

Decapitação do rei Luis XVI durante a Revolução Francesa.

de homens armados, formando uma máquina de opressão, um exército regular, a polícia e as prisões. O Estado é um aparelho de governo que é mantido pela violência, pela submissão da classe dominada aos ditames dos exploradores por meio da força repressiva e da legalidade do Estado constitucional. Trata-se de uma institucionalização da exploração, ou seja, de uma dominação legalizada.

Assim como Marx, Lênin acrescenta que o Estado pode adquirir várias formas de acordo com as condições econômicas.

As formas de Estado foram extremamente variadas. No tempo da escravidão, por exemplo, na Grécia antiga e em Roma, que assentavam inteiramente na escravidão, temos já diversas formas de Estado. Já surge então a diferença entre monarquia e república, entre aristocracia e democracia. [...] Apesar destas diferenças, o Estado da época da escravidão era um Estado escravista, quer fosse uma monarquia, ou uma república aristocrática ou democrática.[24]

Essa passagem é de extrema importância, pois revela que a democracia não é uma invenção da sociedade moderna, não é uma criação do capital e, além disso, enquanto forma do Estado é também uma forma de dominação.

Na Grécia antiga, independente da forma que o Estado adquiria, era ele que legitimava a escravidão e mantinha uma classe de privilegiados vivendo da exploração do trabalho alheio. Seja sob a forma aristocrática ou democrática, a sociedade grega se produzia mediante a exploração do trabalho escravo. A democracia grega foi construída sob uma base econômica escravista, se fundou e se legitimou com base no sangue e suor dos escravos.

O Estado e suas variáveis formas de dominação surgiram na antiguidade. A sociedade capitalista não produziu nada de novo. Assim como o Estado escravista antigo, o Estado capitalista também apresentou diversas formas. Ele já adquiriu forma monárquica, absolutista, aristocrática, bonapartista e fascista, mas é a democracia que aparece como sua forma mais desenvolvida. Mas sob todas essas variáveis formas temos em comum a defesa da propriedade privada, a exploração do trabalho assalariado, a dominação dos interesses burgueses e a opressão violenta sobre a classe operária. O conteúdo do Estado burguês é o mesmo, distinguindo-se apenas pela forma como se exerce e se legitima a dominação capitalista.

A democracia é apenas uma das formas do Estado burguês. Em períodos de crise, em momentos em que tal Estado se coloca ameaçado, ele é substituído por um Estado autoritário, tirânico e ditatorial. São inúmeros os golpes de Estado apoiados pela própria burguesia, realizados apenas para conservar com braços de ferro a ditadura do capital. É obedecendo aos movimentos econômicos e a exaltação da classe operária que a burguesia implanta a melhor forma de Estado para se conservar no poder. A história apresenta inúmeros exemplos em que a burguesia teve de renunciar à aparente democracia e recorrer à ditadura aberta.

O fundamento da exploração capitalista é a propriedade privada. Sob o domínio do capitalismo, as classes de dividem em proprietários e não-proprietários dos meios de produção. A proteção da propriedade privada é o fundamento do Estado burguês. Por isso, Lênin acrescenta que:

[...] qualquer Estado em que exista a propriedade privada sobre a terra e os meios de produção e em que domine o capital, por mais democrático que ele seja, é um Estado capitalista, é uma máquina nas mãos dos capitalistas para manter submetidos a classe operária e o campesinato pobre. E o sufrágio universal, a Assembléia Constituinte, o parlamento, são apenas a forma, uma espécie de letra de câmbio, que nada altera o fundo da questão.[25]

A democracia com seus princípios de liberdade civil e igualdade jurídica não retiram do Estado o seu caráter de classe e seu caráter de dominação. A liberdade e a igualdade formal produzida pelo capitalismo são apenas uma forma aperfeiçoada de camuflar a dominação que se perpetua na esfera econômica. Por trás dessas formas políticas, das eleições, do parlamento e de todo falatório burguês, predomina a lei do valor, a exploração da mais-valia e a acumulação do capital. Independente da forma que o Estado adquira, seja ele monárquico ou democrático, em nada altera as bases fundamentais nas quais se edifica o modo de produção capitalista. "O capital, uma vez que existe, domina toda a sociedade, e nenhuma república democrática, nenhum direito eleitoral, modifica a essência do problema".[26]

O Estado democrático é uma forma superior de dominação porque ele mistifica o Estado encobrindo seu caráter de classe e de opressão, apresentando-o como livre e universal. Lênin em sua polêmica contra os revisionistas, em especial contra Kautsky, afirma que o líder alemão está preso às ilusões e mistificações da democracia burguesa

24. Idem, p. 182 – 183.

25. Idem, p. 187.

26. Idem, p. 187 – 188.

Acima: barricadas nas ruas de Paris. Abaixo: estátua de Napoleão derrubada durante a comuna de 1871.

e não consegue enxergar para além das aparências.

Kautsky não entende nada destas explicações. Apaixonado pela democracia pura, de que não vê o caráter burguês, [...] comete aqui o pequeno erro de sempre, quer dizer, ele toma a igualdade formal pela igualdade de fato! [27]

Kautsky e os defensores do Estado democrático se mantêm prisioneiros dos conceitos burgueses e democráticos.[28]

A democracia tenta criar uma igualdade e uma liberdade onde reinam a exploração e dominação. Afinal, pergunta Lênin para Kautsky, pode haver igualdade entre explorados e exploradores, entre burgueses e proletários? Sim. Mas não é nada mais que uma igualdade formal, abstrata e vazia de conteúdo. Enfatizando a desigualdade econômica, Lênin afirma que "Com as liberdades do capitalismo democrático, as diferenças econômicas, longe de se atenuarem, acentuam-se e agravam-se".[29]

O Estado democrático não é nada mais que uma forma de dominação do capital. A liberdade jurídica e formal conquistada pela república democrática não retira do Estado o seu caráter de classe. Portanto, mesmo sob a democracia parlamentar, o Estado continua sendo um órgão de uma classe que impõe sua dominação sob outra. Dessa forma, Lênin salienta que: "É natural que um liberal fale de democracia em geral. Um marxista não deixará de perguntar: Para que classe?".[30] Enquanto a sociedade estiver divida em classes, o Estado será a legalização da dominação e exploração da classe dominante economicamente. Dessa forma, só podemos falar em democracia de classe. Sob a égide do capitalismo não se pode falar em democracia pura, mas apenas em democracia burguesa.

Democracia burguesa ou ditadura do capital

Lênin desenvolve uma importante crítica à república democrática sob a qual se edifica o Estado burguês, revelando que essa democracia só pode ser uma democracia de classe, uma democracia para a burguesia. O Estado democrático não é uma instituição autônoma e independente, mas a legalização da dominação burguesa e do capital sob a classe trabalhadora.

A liberdade na sociedade capitalista continua sempre a ser mais ou menos o que foi nas Repúblicas da Grécia antiga: uma liberdade de senhores fundada na escravidão.[31]

Sob o domínio do capital a liberdade e a igualdade são apenas formais e aparentes, dessa forma, a democracia não é nada mais que uma ilusão. Segundo a exposição de Lênin, o Estado burguês constitui apenas "uma democracia estreita, truncada, falsa, hipócrita, um paraíso para os ricos, uma armadilha e uma negaça para os explorados, para os pobres".[32] Tal democracia é estreita e limitada, pois se edifica sob uma base econômica fundada na exploração da classe operária. Uma democracia que legitima a propriedade privada, a extração da mais-valia e a separação da riqueza daqueles que a produzem só pode ser uma democracia aparente e falsa, vazia de qualquer conteúdo verdadeiramente libertário.

O Estado republicano consolida uma organização política que permite às classes exploradas o direito ao voto,

27. LENIN. *A revolução proletária e o renegado Kautsky*. São Paulo: Nosso tempo, 1971, p. 54–55.

28. "Os senhores 'socialistas' da II Internacional, cheios de preconceitos pequeno-burgueses, esquecendo-se do principal da doutrina de Marx sobre o Estado, encaram o poder de Estado como se esse fosse uma coisa sagrada, um ídolo ou a resultante de eleições formais, o absoluto da "democracia conseqüente" (ou sei lá como se chamam esses disparates do gênero). Eles não vêem no poder do Estado simplesmente um instrumento que diferentes classes podem e devem utilizar (e saber utilizar) para os seus objetivos de classe". LENIN. *As eleições para a assembléia constituinte*. In: *Obras escolhidas*. V.3. Op. cit., p. 234.

29. LENIN. *Marxismo e revisionismo*. In: *Obras escolhidas*. V.1. Op. cit., p. 44.

30. LENIN. *A revolução proletária e o renegado Kautsky*. Op. cit., p. 20.

31. LENIN. *O Estado e a revolução*. Op. cit., p. 107.

32. LENIN. *A revolução proletária e o renegado Kautsky*. São Paulo: Nosso tempo, 1971, p. 36.

A resposta da burguesia: massacre dos comunards de 1871.

por meio do sufrágio universal, além da igualdade nas condições para eleger e ser eleito. Não obstante, os veículos de participação da classe operária na política parecem se resumir ao direito do voto. A classe operária é convocada a participar da política apenas nas eleições e posteriormente devem se retirar da luta política, tornando-se meros observadores, sem qualquer forma de participação ativa. Como afirma Lênin, o parlamento é um órgão burguês distante e estranho à classe operária:

Mil barreiras se opõem à participação das massas trabalhadoras no parlamento burguês (que, numa democracia burguesa, nunca resolve as maiores questões; estas são obstruídas pela Bolsa, pelos bancos). E os operários sabem e sentem, vêem e aprendem maravilhosamente que o parlamentarismo burguês é um organismo estranho para eles.[33]

A democracia representativa periodicamente fixa datas para a realização de eleições. Esses eventos são festejados pela consciência imediata e pelos próprios políticos e ideólogos burgueses como momentos fundamentais do exercício da democracia. Durante as eleições a sociedade civil tem a oportunidade de trocar os políticos que os representam nos cargos públicos do executivo e legislativo. Segundo Lênin, o direito ao voto e a participação nas eleições parlamentares se resume a:

Decidir periodicamente, para um certo número de anos, qual membro da classe dominante que há de oprimir e esmagar o povo no parlamento, eis a própria essência do parlamentarismo burguês, não somente nas monarquias parlamentares constitucionais, como também nas repúblicas mais democráticas.[34]

Segundo a teoria clássica da representação, como foi colocada por Hobbes, em *O Leviatã*, o ator é aquele que sobe no palco dos teatros e representa a outros, ele empresta o seu corpo para que um personagem possa ganhar vida e tornar-se real. O ator personifica outros e torna-se, então, o representante de suas palavras e ações. Por sua vez, o autor, o portador original e verdadeiro, transfere sua personificação para o ator. O autor não aparece, ele é uma figura obscura e encoberta que permanece camuflado.

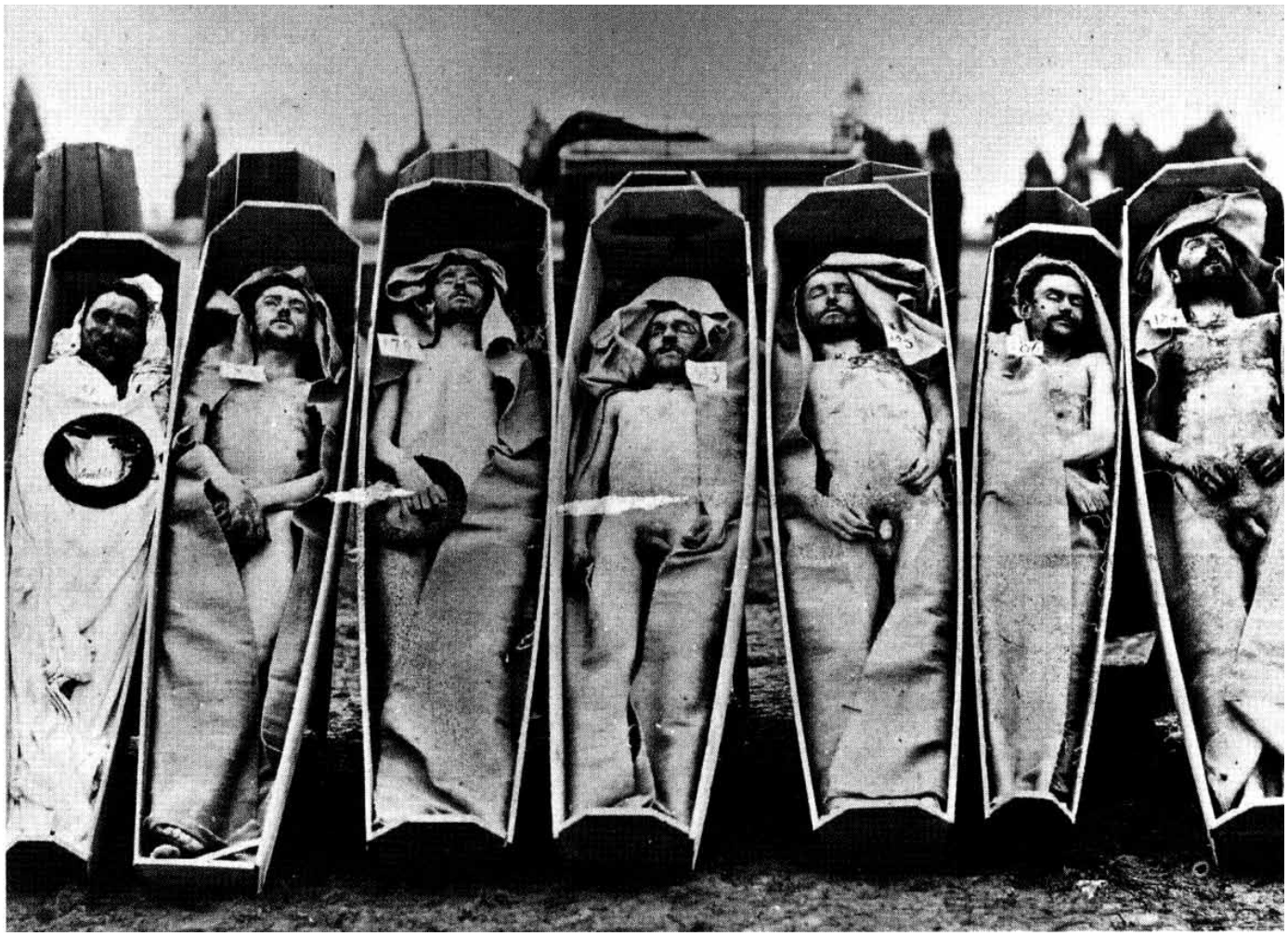
No sistema republicano da democracia representativa, as classes sociais são os *autores*, pois são os agentes econômicos e, portanto, não aparecem na esfera política diretamente. Esses agentes ou autores do processo de produção não ocupam de maneira direta e explícita as cadeiras do parlamento para defenderem os seus direitos e os seus interesses particulares, esse papel cabe aos atores, ou seja, aos políticos profissionais. Na forma democrática os diversos interesses dos agentes econômicos precisam ser necessariamente representados pelos políticos profissionais e pelos diversos partidos políticos.

Essa análise nos revela que a democracia representativa burguesa não é nada mais que um teatro, pois, se por um lado, a cada eleição os atores são trocados, por outro lado, o autor permanece o mesmo, intocado, inquestionável e oculto atrás das cortinas do palco. A consciência imediata dos homens não reconhece o autor escondido e, por isso, permanece ansiosa e esperançosa, imaginando que novos atores possam representá-la de maneira correta e melhor. Contudo, mesmo com a permanente troca de atores, ou seja, mesmo com o revezamento dos políticos profissionais no parlamento, a mesma cena sempre se repete. Em nada se altera a dominação e exploração do capital sobre a classe operária. Nada se altera, pois o autor por trás das cortinas do teatro da democracia continua o mesmo.

Mas, qual é o autor que se esconde por trás do teatro da democracia representativa? O autor encoberto pela fumaça lançada mediante a encantadora

33. Idem. p. 43.

34. LENIN. *O Estado e a revolução*. Op. cit., p. 57.



Revolucionários mortos no esmagamento da Comuna de Paris.

representação dos atores é o valor, ou seja, a incessante e inesgotável busca do capital por valorizar-se a si mesmo. A lei do valor ao regular as relações estabelecidas na esfera econômica, também exerce total influência sobre a esfera política, que é subordinada aos interesses econômicos.

Se os atores representam papéis a partir da direção dos atores, quer dizer que os políticos profissionais atuam em função de interesses econômicos, ou seja, em função dos interesses de capitais particulares e determinados. A democracia representativa faz com que os verdadeiros interesses dos agentes da produção capitalista fiquem ocultos, escondidos por trás dos ditos interesses universais. Mas, por trás dessa aparência, o parlamento se revela um órgão que serve aos interesses individuais e privados dos capitalistas.

Não é difícil compreender porque Marx e Lênin são severos críticos da democracia burguesa parlamentar. As transformações na esfera política são sempre superficiais e não alteram as relações de produção capitalista. O parlamento é apenas o lugar onde se parla, onde o discurso político se realiza. "Nos parlamentos só se faz tagarelar, como único intuito de enganar a 'plebe'".[35] Uma verdadeira transformação da sociedade não pode ocorrer mediante a simples troca de parlamentares ou presidentes, pois, como afirma Lênin, o parlamento não resolve as maiores questões.

O que realmente se precisa transformar são as relações de produção fundadas na propriedade privada, no valor e no acúmulo de capital. Tais transformações não podem ocorrer pelo alto, pelo próprio Estado. Lênin afirma que:

Tentar levar a cabo, por meio deste aparelho de Estado, transformações como a abolição da propriedade fundiária da terra sem indenização ou o monopólio dos cereais, etc. é a maior das ilusões, o maior engano de si próprio e o engano do povo.[36]

Tal transformação das relações de produção, só podem ocorrer mediante a luta econômica e política da classe operária, em torno de um programa que busque lhe assegurar uma existência digna com emprego e salário.

Contudo, Lênin ainda ressalta um importante aspecto positivo na democracia burguesa, pois ela carrega em si os pressupostos para a sua própria negação. A liberdade formal e abstrata é o pressuposto para a transformação da sociedade, abrindo a possibilidade de se alcançar uma liberdade e igualdade real. Afirma Lênin que

a certa altura do seu desenvolvimento, a democracia levanta, logo de início, contra o capitalismo, a classe revolucionária do proletariado e lhe fornece os meios de quebrar, de reduzir a migalhas, de aniquilar a máquina burguesa do Estado.[37]

A democracia é a forma mais desenvolvida do Estado burguês e a sua última forma. São as liberdades democráticas da constituição republicana parlamentar que possibilitam o desenvolvimento da consciência da classe operária e a sua organização na forma de partido, abrindo caminho para a luta revolucionária do proletariado e a derrubada da burguesia juntamente com a destruição do seu Estado. Para Lênin:

A república burguesa, o parlamento, o sufrágio universal, tudo isso constitui do ponto de vista do desenvolvimento mundial da sociedade, um enorme progresso. [...] deu a possibilidade à classe oprimida dos proletários de adquirir a consciência de si mesma e de criar o movimento operário mundial, de organizar milhões de operários de todo o mundo em partidos, os partidos socialistas, que dirigem conscientemente a luta

35. Idem. p. 58.

36. LENIN. *Uma das questões fundamentais da revolução*. In: *Obras escolhidas*. V.2. Op. cit., p. 203.

37. LENIN. *O Estado e a revolução*. Op. cit., p. 124.

das massas. Sem parlamentarismo, sem eleições, este desenvolvimento da classe operária teria sido impossível.[38]

A democracia burguesa é apenas formal e abstrata, mas ela contém os pressupostos necessários para que se desenvolva a luta da classe operária contra a burguesia. Por isso, o partido de Lênin e todos os partidos socialistas devem lutar pelas liberdades democráticas, denunciando o Estado autoritário e bonapartista. As eleições e as disputas parlamentares são superficiais e não atingem diretamente a base econômica da produção capitalista, mas a organização em partido contribui para o desenvolvimento consciente da classe operária.

Não obstante, ao contrário do que afirmam os revisionistas, a luta da classe operária não pode ficar presa aos pressupostos da democracia liberal, pois ela não é e jamais poderá realizar o socialismo, ela apenas abre o caminho para a organização da classe operária na luta pela derrubada do capitalismo. Não se pode deixar enganar pelas ilusões da democracia burguesa. Ela é necessária para que a luta operária se desenvolva, mas é preciso que a classe trabalhadora e suas direções tenham consciência de que é necessário ir além da democracia formal, que é preciso romper e destruir o Estado burguês. A democracia burguesa é apenas o ponto de partida, uma condição necessária para a organização e luta da classe operária, pois o fim a ser alcançado é a negação completa da democracia e de todas as formas de dominação.

Democracia socialista ou ditadura do proletariado: o poder soviético

Toda a obra de Marx carrega em seu interior o objetivo de orientar a classe operária na luta pela transformação da sociedade. A derrubada da burguesia e supressão do capitalismo é a missão histórica que somente os trabalhadores organizados podem realizar. Quando a revolução triunfou na Rússia em 1917, a viabilidade histórica das teses de Marx foi comprovada. O proletariado russo conquistou o poder e deu início à realização de sua maior tarefa, que é a construção de um novo Estado e de novas formas de relações econômicas.

Uma importante pergunta se coloca. Qual o tipo de Estado surge diante da derrubada da burguesa pela revolução proletária? Na *Crítica do programa de Gotha*, Marx deixa claro que:

Entre a sociedade capitalista e a comunista há um período de transformação revolucionária da primeira para a segunda. Neste período político de transição, o Estado não pode ser outro que a ditadura revolucionária do proletariado.[39]

Foi em torno dessa questão central que Lênin travou debates contras os revisionistas da II Internacional, defensores da democracia burguesa.

A ditadura do proletariado é o período de transição para o comunismo no qual o proletariado vitorioso na revolução toma o poder do Estado e o utiliza para expropriar os meios de produção das mãos da burguesia. O processo de expropriação dos expropriadores só pode ser um processo violento, baseado no uso da violência do Estado pelo proletariado organizado como classe dominante, sufocando e esmagando a resistência da burguesia contra-revolucionária. O Estado é a organização especial de uma força legalizada destinada a subjugar outra classe. Quando o proletariado toma o Estado em suas mãos, a revolução usa o aparelho repressor do Estado para quebrar a resistência dos exploradores, destruindo as relações de produção baseadas na propriedade privada e construindo novas formas de relações de trabalho.

A destruição de um modo de produção não é um processo que se realiza mediante acordos e negociações, mas, pelo contrário, trata-se de um processo violento. A burguesia irá reivindicar o seu direito à propriedade privada; por sua vez, o proletariado exigirá o seu direito ao controle dos meios de produção e o resultado desse confronto é decidido na luta. Como afirma Marx em *O capital*: "Entre direito iguais decide a força".[40] A força do proletariado é o Estado em suas mãos, eliminando a resistência burguesa e construindo um novo futuro, uma nova sociedade, organizada sob novas bases de produção.

No entanto, ideólogos da burguesia, revisionistas e falsos socialistas, se recusam a reconhecer que por trás da aparência democrática reina a violência e a opressão e não reconhecem a ditadura do proletariado como legítima. Mas os revisionistas não conhecem nada de história. Pois, quando a burguesia revolucionária derrubou o poder monárquico na Inglaterra em 1649 e na França em 1789, ela tomou o Estado em suas mãos e utilizou-se de toda violência necessária para reprimir a contra-revolução organizada pela monarquia e pela nobreza. Os reis Carlos I na Inglaterra e Luis XVI na França perderam suas cabeças no período em que a ditadura burguesa reprimia as forças do velho regime.

O poder da violência também foi exercido para reprimir os trabalhadores. Foi por meio de um processo violento que a burguesia expropriou os camponeses autônomos e implantou a legislação sanguinária contra os trabalhadores. Esse processo histórico é narrado minuciosamente por Marx, no capítulo XXIV de *O capital*. Não reconhecer que a violência é uma força histórica é cair nas ilusões da democracia.

O cerne da transformação sofrida pelo Estado quando este se torna instrumento de opressão dos operários organizados como classe dominante é que ele se torna muito mais democrático. Lênin escreve:

O Estado dessa época deve ser, pois, um Estado democrático (para os proletários e os não-possuidores em geral) inovador e um Estado ditatorial (contra a burguesia) igualmente inovador.[41]

A ditadura do proletariado é um novo tipo de Estado, no qual a violência não é mais destinada às massas pobres e exploradas, a repressão não atinge mais os operários em greve e os desempregados, mas a ditadura e a opressão passam a atingir a classe possuidora dos meios de produção, os exploradores e senhores do capital.

Se sob o domínio do capital a democracia é, sobretudo, uma democracia para a classe burguesa, com a conquista do poder pela revolução operária a situação se inverte, trata-se agora de uma democracia operária. É nesse sentido que o Estado soviético instaura um processo de definhamento do Estado, pois ele começa a perder sua característica de opressão, na medida em que as classes começam a ser suprimidas. Marx e Lênin afirmam que não basta à classe operária se apoderar do controle do Estado, é preciso destruí-lo. Esse processo de definhamento do Estado ocorre concomitante à reorganização da base econômica da sociedade, que anula a exploração do homem sobre o homem, liquidando as classes.

O novo Estado que surge na época de transição ao comunismo é o Estado soviético. Os sovietes são a forma russa da ditadura proletária.

O poder soviético é um novo tipo de Estado em que o democratismo burguês é substituído por uma nova democracia – uma democracia que avança para primeiro plano a vanguarda das massas trabalhadoras, fazendo delas tanto

38. LENIN. *Sobre o Estado*. In: *Obras escolhidas*. V.3. Op. cit., p. 188.

39. MARX, Karl. *Crítica do programa de* Gotha. Op. cit., p. 19.

40. MARX, Karl. *O capita*l. V. I, Tomo I. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 190.

41. LENIN. *O Estado e a revolução*. Op. cit., p. 44.

Reunião do Soviete de Petrogrado em 1917.

Lenin

o legislador como executor e o protetor militar, e cria o aparelho que pode reeducar as massas.[42]

O velho conceito de democracia burguesa parlamentar se encontra superado por um novo tipo de democracia, uma forma superior, mais completa e mais ampla, construída de baixo para cima. Trata-se de um meio de administrar o Estado sem a burguesia e contra a burguesia. O poder soviético é o novo tipo de Estado que implanta uma democracia muito superior à democracia burguesa. Os sovietes de deputados operários e camponeses eleitos democraticamente em cada unidade produtiva são um novo tipo de aparelho de Estado.[43]

Os sovietes são a organização direta das massas trabalhadoras e exploradas, sem representatividade parlamentar, sem burocracia, a partir de baixo, de cada fábrica. Dessa forma, o poder soviético representa uma transformação radical de todo o velho aparelho de Estado burguês, tornando o Estado infinitamente mais elevado e incomparavelmente mais democrático. Na forma soviética, a classe operária deixa de ser mera observadora da administração, deixa de ser simples executora das tarefas que lhe são impostas, deixa de ser apenas subordinada e dependente, para se tornar dirigente da produção. Para Lênin:

Os sovietes representam uma forma e um tipo infinitamente superior de democracia, precisamente porque, agrupando e fazendo participar na política a massa dos operários e camponeses, são a instituição que está mais próxima do povo.[44]

O novo Estado se organiza de baixo, a partir dos sovietes, dos conselhos de fábrica que são organizados em cada unidade produtiva. O projeto de regulamento sobre o controle operário dizia em seu primeiro artigo:

É introduzido o controle operário sobre a produção, conservação e compra-venda de todos os produtos e matérias-primas, em todas as empresas industriais, comerciais, bancárias, agrícolas e outras.[45]

A principal tarefa do poder soviético é implantar o controle operário, desenvolvendo a democracia a níveis inimagináveis na sociedade burguesa.

A tomada do poder pelos operários levou a cabo a expropriação dos expropriadores. A terra, os bancos, as indústrias e todas as demais propriedades passaram para as mãos da classe operária. Portanto, a tarefa de administrar e organizar a produção só pode ser dos próprios operários. A revolução proletária coloca sob os ombros dos trabalhadores a tarefa de organizar toda a produção, afastando de uma vez os preconceitos burgueses de que os assuntos do Estado e da administração são impossíveis para os operários.

O Poder Soviético é um aparelho, um aparelho destinado a que a massa comece imediatamente a aprender a administrar o Estado e a organizar a produção à escala de todo país.[46]

Sob o poder soviético os operários deixam de ser submissos para ocupar o papel de dirigentes, mediante a participação prática na administração. Os sovietes possibilitam aos trabalhadores as oportunidades e os meios para que participem ativamente na construção da nova sociedade, organizando e administrando o próprio trabalho.

Essa tarefa de implantar uma democracia superior, de romper com a burocracia burguesa e com a administração pelo alto não é simples. Trata-se de uma tarefa muito complexa e só a experiência revolucionária poderá indicar quais os melhores caminhos a seguir na construção dessas novas relações sociais. As tarefas do poder soviético são o registro rigoroso da produção a nível nacional, o controle da distribuição dos produtos e a elevação da produtividade. Administrar e organizar conscientemente a produção e a distribuição dos produtos. Esses são os pontos fundamentais para a socialização da produção.

Sob o Estado soviético, cada comuna de produção estabelece de baixo o controle rigoroso sobre a produção e a distribuição dos produtos. Sob o domínio do capital a administração da produção era um assunto restrito aos patrões

42. LENIN. *Relatório sobre a revisão do programa e a mudança de nome do partido*. In: Obras escolhidas. V.2. Op. cit., p. 522.

43. "Os sovietes combinariam os poderes legislativo e executivo, e o governo seria responsável perante eles. Os eleitores tinham o direito de revogar, mudar seus representantes em qualquer momento e não apenas em eleições periódicas; os sovietes poderiam, a qualquer momento, depor o governo com um voto de desconfiança. A existência da oposição e a luta continuada dos partidos dentro dos sovietes eram aceitos sem discussão. Ninguém pensava que o partido dominante devesse sozinho, formar a opinião pública." DEUTSCHER, Isaac. *Trotski: O profeta armado*. Rio de janeiro: Civilização brasileira, 2005, p. 384.

44. LENIN. *A revolução proletária e o renegado Kautsky*. Op. cit., p. 149.

45. LENIN. *Projeto de regulamento sobre o controle operário.* In: Obras escolhidas. V.2. Op. cit., p. 408.

46. LENIN. *Relatório sobre a revisão do programa e a mudança de nome do partido*. In: Obras escolhidas. V.2. Op. cit., p. 528.

e a distribuição era dada pelas leis cegas do mercado. Sob o poder soviético a administração da produção e distribuição dos produtos passa a ser tarefa executada conscientemente pela própria classe operária, da maneira mais democrática possível.

A negação da democracia

O poder soviético mediante a implantação do controle operário da produção e distribuição dos produtos constitui uma nova forma de democracia. Uma democracia que, diferentemente da burguesa, não transforma os homens em meros apêndices das máquinas, mas os transforma em administradores de fato. Trata-se de uma democracia que já perde suas características de democracia. Lênin afirma que:

Soldados revolucionários nas ruas em 1917.

É preciso olhar para frente, para a nova democracia nascente, que deixa já de ser democracia, pois democracia significa dominação do povo, e o povo próprio armado não pode exercer dominação sobre si próprio.[47]

Não se pode perder de vista que democracia é uma forma de Estado e, portanto, uma forma de dominação. Com o poder soviético a democracia definha e desaparece na medida em que são abolidas as classes e a necessidade de opressão e exploração.

Esse novo tipo de Estado a ser construído pela revolução socialista, organizado de baixo pelos sovietes é o princípio para a própria abolição do Estado, como Estado. O marxismo concebe o Estado como uma força repressiva utilizado pela classe dominante economicamente para legalizar opressão. Contudo, na medida em que a revolução socialista avança, os meios de produção são socializados e a classe burguesa desaparece e, estabelecendo-se o controle operário da produção, a luta de classes também é abolida e o Estado, assim como a democracia, morre. Em sua polêmica com os revisionistas, Lênin afirma:

Mas, nenhum dos oportunistas, que imprudentemente desvirtuam o marxismo, concebe que Engels se refiria à "letargia" e à "morte" da democracia. À primeira vista parece estranho, mas, só é incompreensível para quem não reflete que a democracia é também Estado e, por conseguinte, desaparecerá quando o Estado desaparecer.[48]

A sociedade capitalista se funda sob o antagonismo de classe, sob a luta entre burguesia e proletariado. A burguesia tinha necessidade do Estado para institucionalizar a sua dominação sobre os trabalhadores. Mas na medida em que as classes desaparecem, na medida em que o Estado se torna representante e instituição de todo o povo, ele se torna supérfluo e só pode definhar. Afirma Lênin que: "a supressão do Estado é igualmente a supressão da democracia e que o definhamento do Estado é o definhamento da democracia".[49] O objetivo final da revolução operária é a supressão do Estado, ou seja, o desaparecimento de toda violência organizada e sistemática. A negação das classes é a negação do Estado que, por conseguinte, é a negação da democracia.

Se não há nenhuma classe para oprimir, se desaparece o confronto entre classes antagônicas, desaparece a necessidade do Estado. Assim, o governo das classes é substituído pela administração das coisas. Surge um aparelho amplamente democrático que possibilita aos trabalhadores uma liberdade e uma igualdade que não conheciam sob o domínio da burguesia. Aqui não se trata de uma liberdade e igualdade formal, abstrata e aparente, mas de uma liberdade e uma igualdade real, que se constrói com base na participação direta na organização da produção.

Essa participação ativa dos homens na administração do trabalho é a base da democracia socialista. Mas afirma Lênin que:

Só o comunismo está em condições de realizar uma democracia realmente perfeita, e, quanto mais perfeita for, mais depressa se tornará supérflua e por si mesmo se eliminará.[50]

Ao contrário do que afirmam os teóricos revisionistas da II Internacional e os teóricos da teoria da democracia como valor universal, Lênin deixa claro que a democracia não é nada mais que uma forma de dominação do Estado burguês. Nesse sentido, o comunismo não é a realização da democracia plena, mas a morte da democracia, a sua negação, juntamente com a negação de todas as formas de dominação.

O conceito de democracia em Marx e Lênin é fundamental para orientar a classe operária em sua luta contra a dominação burguesa, pois desmistifica a democracia, revelando que, por trás da aparente igualdade entre os homens, predominam os interesses de classes, a dominação e a exploração. Nesse mesmo sentido, a luta da classe operária não pode ficar presa aos limites impostos pela democracia burguesa, ao parlamento, às eleições e às reformas democráticas que não libertam os trabalhadores, mas apenas aprimoram a forma de dominação burguesa. ■

47. LENIN. *As tarefas do proletariado na nossa revolução*. In: Obras escolhidas. V.2. Op. cit., p. 44.
48. LENIN. *O Estado e a revolução*. Op. cit., p. 23.
49. Idem. p. 100.
50. Idem. p. 111.

A GUERRA CIVIL ESPANHOLA E A FRENTE POPULAR

Ann Talbot*

Introdução

Em 2006, o Comitê Internacional da Quarta Internacional (CIQI — 1953) e o *World Socialist Web Site* (wsws.org) foram convidados para realizar uma palestra numa grande conferência em Madri, organizada em comemoração ao aniversário de 70 anos da Guerra Civil Espanhola. O próprio convite já evidenciava que o CI se estabelecera como voz legítima do trotskismo e como referência a partir da qual seria possível obter uma perspectiva claramente trotskista sobre a Guerra Civil Espanhola. Também evidenciava o estado extremamente tenso das relações de classe na Espanha, assim como o apetite genuíno por conhecimento histórico desse importante período do Séc. XX.

Pouco depois da conferência, bispos espanhóis emitiram uma declaração condenando o governo do Partido Socialista por reabrir as "velhas feridas da Guerra Civil". O governo, por sua vez, implementou a "Lei da Memória Histórica", na tentativa de controlar e conter a pesquisa de informações sobre os crimes do regime Franco. Mas, ainda assim, enraiveceu a direita tradicional.

A conferência teve bom comparecimento e, além de seminários acadêmicos, sessões públicas ocorreram por toda noite, enchendo um grande teatro no centro de Madri.

A exposição de abertura da conferência foi ministrada pelo escritor e ex-ministro da cultura Jorge Semprun, que denunciou o que chamou de "a tese trotskista, de que a guerra civil teria sido ganha se a revolução não fosse traída". Segundo ele, Stalin e o Partido Comunista Espanhol estavam corretos, apesar de não aprovar seus métodos. Com algumas exceções, os historiadores que falaram na conferência concordavam acriticamente com as políticas do governo Republicano da Frente Popular e negavam a tese de que a uma revolução estava em processo na Espanha durante a década de 1930.

A conferência que apresentei em nome do WSWS foi atacada por um dos principais historiadores da Espanha, Angel Viñas. Viñas chegou ao ponto de afirmar que os Dias de Maio, levante da classe trabalhadora que ocorreu em maio de 1937, foram incitados por agentes provocadores fascistas. Como um membro da platéia disse no momento, é impressionante que alguém tente descartar a responsabilidade da burocracia stalinista pela repressão em Barcelona, uma vez que está tão bem documentada. Viñas, desde então, sustenta seus argumentos com um livro onde apenas recicla as velhas mentiras stalinistas.

Esse não é um fenômeno puramente espanhol. No início do ano, o historiador Eric Hobsbawn publicou uma defesa da Frente Popular espanhola no *Guardian*, onde lançou um ataque amargo contra qualquer um que tentasse apresentar uma visão objetiva sobre a Guerra Civil Espanhola. "A única escolha", escreveu ele, "era entre dois lados — e a opinião liberal-democrática escolheu majoritariamente o anti-fascismo". Os únicos que não podem ver isso, e que também não podiam vê-lo na época, disse ele, são aqueles que olham para a Guerra Civil Espanhola de "um ângulo sectário, trotskista". O que Hobsbawn defende e o que Viñas e Semprun defendem é a Frente Popular.

A Frente Popular

A Espanha é a expressão mais genuína da política da Frente Popular, iniciada por Stalin depois que Hitler tomou o poder na Alemanha, em 1933. Foi imposta a todos os partidos stalinistas no último

*Dirigente da seção inglesa do Comitê Internacional da Quarta Internacional (CIQI —1953). O texto foi traduzido do original por Pedro Ribeiro (graduação, Filosofia — PUC SP).

À esquerda, *Guernica*, de Picasso.

VII Congresso da Internacional Comunista em 1935.

congresso [sétimo] da Internacional Comunista (Komintern), em 1935. Significava que todos os Partidos Comunistas renunciariam ao objetivo da revolução proletária e, em seu lugar, se engajariam na colaboração inter-classes com partidos liberais, republicanos ou social-democratas em uma luta supostamente comum contra o fascismo, se comprometendo com a defesa de seus próprios estados-nação.

Ainda que os stalinistas já tivessem seguido políticas errôneas, que levaram à traição e derrota sangrenta de revoluções no passado, com a Frente Popular se tornaram pela primeira vez uma força conscientemente contra-revolucionária, uma vez que era impossível manter uma aliança aberta com partidos capitalistas e, ao mesmo tempo, encorajar a revolução, mesmo que de uma maneira puramente verbal. Anteriormente, podiam ser caracterizados como centristas burocráticos que vacilavam e hesitavam sempre que a revolução estava em pauta, mas, a partir de então, se tornaram uma tendência definitivamente contra-revolucionária.

A intervenção soviética na Espanha pode ser melhor compreendida como uma tentativa de estrangular uma revolução em desenvolvimento, liquidar fisicamente seus principais dirigentes, aterrorizar amplas camadas de trabalhadores e camponeses e impedir que seus anseios revolucionários espontâneos ganhassem uma forma política consciente.

O acordo eleitoral que se tornou a Frente Popular espanhola foi assinado em janeiro de 1936, mas sua origem é muito anterior — 1931, o ano em que começou a revolução espanhola. Na época em que o acordo da Frente Popular foi assinado, a Espanha passava, após muitos sobes e desces, por uma revolução que já durava 4 anos, dado que a monarquia fora derrubada em 1931. Pode parecer um longo período, mas o ritmo e desenvolvimento das revoluções não é o mesmo sempre e em todo lugar. A revolução francesa esteve em andamento por quase quatro anos antes de alcançar seu clímax, quando os jacobinos chegaram ao poder. No caso da Rússia, o ritmo de desenvolvimento foi muito mais rápido, em parte porque o Partido Bolchevique já existia na véspera da revolução, como, também, em parte por causa da Primeira Guerra Mundial. Na Espanha não havia partido revolucionário e não havia a guerra. O ritmo de desenvolvimento foi correspondentemente lento.

Em 1931, uma república foi estabelecida, abolindo a monarquia, separando igreja e estado, dissolvendo ordens religiosas, secularizando a educação e garantindo autonomia às nacionalidades. Essas eram medidas democráticas comparáveis àquelas introduzidas por todas as revoluções burguesas anteriores. Mas, aquele não era o século XVIII — mesmo as mais modestas medidas democráticas ameaçavam a propriedade privada capitalista.

As reformas agrária e religiosa desafiavam não apenas a riqueza da igreja e dos latifundiários, mas a da elite financeira e empresarial com quem estavam conectados por irredutíveis laços de classe. O programa democrático da república sucumbia diante da oposição enraizada entre essas camadas privilegiadas.

Quase tão rápido quanto chegou ao poder, a república se mostrou incapaz de levar adiante suas medidas democráticas mais elementares. Os trabalhadores e os camponeses que haviam trazido a república ao poder se viram cada vez mais separados do governo republicano. Dentro de semanas foi imposta a lei marcial para reprimir as manifestações de rua. O governo republicano liberal lutou por dois anos antes de ser substituído por um governo de direita que acabou com o programa de reformas e rechaçou os anseios da classe trabalhadora e dos camponeses da forma mais brutal.

Leon Blum preside a Frente Popular francesa, 1936.

Mas, desde o início, a república demonstrava ser incapaz de resolver em um sentido progressista quaisquer questões confrontadas pela sociedade espanhola. A burguesia liberal na Frente Popular não era mais que a sombra da burguesia. A maior parte da burguesia, da Igreja e dos militares já rumava ao fascismo, e é por isso que a Frente Popular na Espanha foi dominada de tal forma pelo stalinismo. Os republicanos e os socialistas eram fantasmas políticos que apenas podiam agir devido ao apoio político que recebiam dos stalinistas.

A única classe capaz de resolver a situação pela qual passava a sociedade espanhola era a classe trabalhadora, uma vez que não tinha qualquer interesse velado pela propriedade privada. Já em maio de 1931, Trotsky antecipava uma segunda revolução, que seria uma revolução do proletariado arrastando os camponeses pobres atrás de si.

Por essa razão, a guinada de Stalin para a Frente Popular deu uma sobrevida à burguesia liberal dos partidos republicanos e social-democratas da Espanha. A Frente Popular ofereceu-lhes os meios de confinar o movimento revolucionário da classe trabalhadora e dos camponeses em um quadro parlamentar para, assim, suprimi-lo.

Embora os defensores da Frente Popular possam deplorar os métodos

dos stalinistas e afirmem que os líderes da república os desconheciam, há uma clara conexão, em um sentido lógico e histórico, entre a Frente Popular e os crimes do stalinismo. Tanto os líderes da república espanhola quanto os stalinistas compartilhavam o interesse em suprimir a revolução e defender a propriedade privada na Espanha.

Stalin estava determinado a manter a paz com as democracias ocidentais — Grã-Bretanha, França e EUA — que, acreditava ele, defenderiam a União Soviética contra o ataque da Alemanha nazista. Em prol dessa aliança, preparava-se para destruir a revolução espanhola e provar ser um aliado confiável para as potências imperialistas. Os políticos republicanos e socialistas, igualmente determinados a defender a propriedade privada e prevenir a revolução, encontraram em Stalin, como disse Trotsky, "um carrasco experiente com a autoridade de um revolucionário".

A Frente Popular espanhola não pode ser entendida em um contexto meramente nacional. A Frente Popular na França forneceu o modelo para todas as outras Frentes Populares. O ascenso de Hitler ao poder causou pânico na burguesia francesa. Edouard Herriot, o líder do Partido Radical, foi à Moscou em 1933, onde foi muito bem recebido por Stalin.

A assinatura do pacto franco-soviético em 1934 preparou o caminho para a criação da Frente Popular francesa. Quando o Ministro de Relações Exteriores francês, Laval, insistiu que Stalin reforçasse esse pacto de assistência mútua — ordenando que o Partido Comunista Francês aprovasse as medidas que o governo francês havia tomado para a defesa nacional — Stalin simplesmente afirmou: "Eu concordo". Stalin e Laval emitiram um comunicado conjunto que declarava: "O Sr. Stalin compreende e aprova totalmente a política de defesa nacional implementada pela França, com o objetivo de manter sua força armada no nível requerido para sua segurança".

Muito já foi dito sobre o 4 de agosto de 1914.[1] Aqui, trata-se de um evento do mesmo caráter. Stalin se solidarizava politicamente com o governo francês e insistia que o Partido Comunista Francês fizesse o mesmo.

Na Espanha, o ímpeto para a Frente Popular veio do republicano de esquerda Manuel Azaña. Com o exemplo da França, Azaña tinha motivos para acreditar que Moscou seria um aliado internacional confiável e forneceria recursos contra a classe trabalhadora espanhola.

1.Data em que o Partido Social-Democrata Alemão votou pelos créditos da Primeira Guerra Mundial, enveredando de uma vez por todas no chauvinismo e traindo definitivamente a classe operária. Para Lenin, o fato evidenciou a falência da Segunda Internacional.

O POUM, Nin e a Frente Popular

Ora, para os republicanos e os socialistas, as atrações pela Frente Popular são evidentes, mas e para o POUM [Partido Operário da Unificação Marxista]? O POUM foi formado em 1935 pela fusão do partido de Andrés Nin, a "Esquerda Comunista", e o "Bloco de Trabalhadores e Camponeses" de Joaquín Maurín. Como Trotsky escreveu na época: "Os ex-'Esquerda Comunista' espanhóis se tornaram um mero cortejo da burguesia de 'esquerda'. É difícil conceber uma queda mais vergonhosa". O POUM foi o exemplo-chave de um partido esquerdista-centrista desse período.

Depois de trocar correspondências com Nin por vários meses, Trotsky chegou à conclusão de que "Nin, honesto e devotado à causa, não era um marxista, mas um centrista". O POUM foi incapaz de tirar as conclusões táticas e organizacionais necessárias das concepções gerais que adotou. Teve um papel vital em dar à Frente Popular uma imagem esquerdista.

Nin foi um revolucionário conhecido internacionalmente. Sua presença, por si só, já era uma garantia aos trabalhadores mais conscientes de que a Frente

Manuel Azaña dirige a Frente Popular na Espanha.

Popular era uma aliança revolucionária. Ele esteve na conferência de fundação da Internacional Vermelha de Associações Trabalhistas em 1921 e se tornou seu secretário assistente. Juntou-se ao Partido Comunista e foi eleito para o Soviete de Moscou. Sua oposição ao stalinismo era de longa data. Foi expulso do partido e demitido de seu trabalho pelo apoio à Trotsky em 1928. Incapaz de retornar à Espanha por razão de suas atividades políticas, ficou em Moscou e foi salvo da prisão somente por sua reputação internacional. Forçado a retornar para a Espanha em 1930, Nin foi encarcerado. Sua reputação não tinha mácula.

Trotsky e Nin trocaram correspondências por quase três anos após o retorno de Nin à Espanha. Seu diálogo ocorria nos termos mais amigáveis, mas, na realidade, era de uma polêmica constante. Já se afirmou que Trotsky era duro demais em seu juízo sobre Nin. Mas, a característica mais marcante das cartas que Trotsky escreveu a Nin é o modo extremamente paciente com o qual procurou explicar sua análise da situação espanhola e o que era necessário que Nin fizesse.

Por volta de junho de 1936, ou seja, seis meses após o POUM aderir à Frente Popular, Trotsky não descartou uma reconciliação com Nin, caso este estivesse preparado para levantar o estandarte da Quarta Internacional na Espanha de forma não-ambígua. Mesmo duas semanas após o golpe de Franco, Trotsky disse a Victor Serge:

Se Nin retomasse a compostura hoje e percebesse como está desacreditado aos olhos dos trabalhadores, se chegasse às conclusões necessárias, então nós o ajudaríamos como um camarada.

Ao longo da correspondência, Nin expressou sua concordância com o programa da Oposição, mas sempre se recusou a retirar dele as conclusões necessárias. A questão crucial, à qual Trotsky retornava sempre e sempre, era o internacionalismo e a necessidade do partido revolucionário trabalhar na mais próxima colaboração com seus co-pensadores internacionais e sob a disciplina de uma organização internacional. Em março de 1932, Trotsky escreveu uma carta à Oposição de Esquerda na Espanha, comemorando o fato de que haviam sido capazes de realizar sua primeira conferência. Ele dizia:

Outra questão para a qual eu gostaria de chamar sua atenção diz respeito ao caráter internacional de nosso trabalho. Oportunistas como Maurín e seus seguidores em Madri constroem toda a sua política com base em suas particularidades nacionais. É verdade que não conhecer tais particularidades seria uma grande idiotice. Mas, sob elas, nós precisamos descobrir quais são as forças

motivadoras dos desenvolvimentos internacionais e assimilar a dependência dessas particularidades nacionais com essas forças mundiais. A grande vantagem do marxismo e, portanto, da Oposição de Esquerda, consiste precisamente nessa maneira internacional de resolver os problemas nacionais e as particularidades nacionais.

Para sua jovem organização, uma tarefa importante é acompanhar cuidadosamente o trabalho das outras seções da Oposição de Esquerda Internacional e fazer seu trabalho sempre em conformidade com os interesses do todo. Sem o critério internacional, sem ligações internacionais regulares, sem controle sobre uma seção nacional, a formação de uma organização proletária revolucionária verdadeira é impossível em nossa época.

Em outra carta do mesmo período, Trotsky faz uma observação análoga bastante sintética. Como escreveu ele:

Não há dúvida que você concorda que, da mesma forma que o socialismo não pode ser construído em um só país, uma política marxista não pode ser almejada em um único país.

Já em 1931 Trotsky estava ciente de que existia o perigo dos camaradas espanhóis se adaptarem a Maurín. Maurín, alertava Trotsky, tentava disfarçar o isolacionismo nacional de comunismo e adotar slogans esquerdistas para se aproximar dos anarco-sindicalistas da CNT. Em dezembro de 1932, Trotsky criticava Nin diretamente pelo isolamento nacional de seu grupo e sua adaptação a Maurín. A Oposição de Esquerda Internacional acabara de realizar uma conferência improvisada em Copenhague, onde Trotsky realizou uma palestra. Várias seções européias enviaram delegados, mas não os camaradas espanhóis.

Eu tomo a liberdade, escreveu Trotsky*, de expressar minha certeza de que os principais camaradas espanhóis, se tivessem se fechado menos em seu ambiente e mostrado maior interesse em sua organização internacional, teriam encontrado seu caminho para a conferência de Copenhague sem dificuldade.*

Mas é precisamente o maior infortúnio da Oposição Espanhola, continuou ele*, o fato de seus dirigentes repetidamente manterem sua organização afastada da vida interna e das lutas internas das outras seções. Assim, a desligam de uma experiência internacional insubstituível. Mas, na medida em que a seção espanhola foi, até o momento presente, compelida a tratar de questões internacionais por conta de sua posição oficial, seus dirigentes, não influenciados pela experiência das outras seções ou pela opinião pública de sua própria organização, se permitiram ser guiados por conexões pessoais, simpatias e antipatias. Demasiadas vezes eles substituíram abertamente uma análise marxista da situação por psicologismo e sentimentalismo pequeno-burguês. Assim foi no caso da Federação Catalã (Maurín) onde a confiança de vários camaradas de Barcelona em 'relações pessoais amigáveis' tomou por um longo tempo o lugar de uma luta principista contra o nacionalismo pequeno-burguês, colocando um freio ao desenvolvimento da Oposição de Esquerda em seu período mais decisivo.*

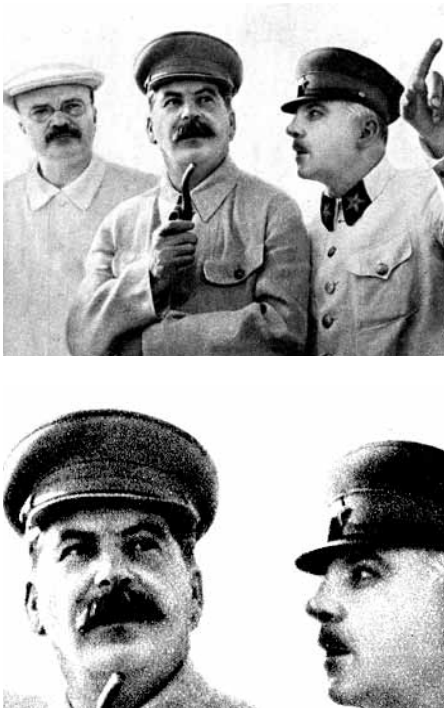
Delineando as tarefas da Oposição de Esquerda na Espanha, Trotsky alarmou:

Na Catalunha, onde o proletariado oferece uma base natural para o rápido crescimento da influência bolchevique-leninista, os camaradas dirigentes perderam tempo de uma forma imperdoável. Em vez de se apresentarem abertamente sob sua própria bandeira, ainda que apenas com pequenos núcleos, brincaram de esconde-esconde com seus princípios durante os meses determinantes da revolução. Primeiro, engajaram-se na diplomacia com o pequeno-burguês nacionalista e enrolador provinciano Maurín para, depois, segui-lo por completo.

Esse longo período de adaptação ao ambiente político nacional, aliado à resistência de Nin em relação às propostas de Trotsky sobre desenvolver uma orientação internacional entre os oposicionistas de esquerda em 1935, resultaram na fusão com o Bloco de Trabalhadores e Camponeses de Maurín e, dentro de um ano, na sua adesão à Frente Popular.

A Frente Popular e o caminho para a ditadura contra revolucionária

A Frente Popular fez, aos camponeses, promessas vagas sobre crédito barato e preços mais altos dos produtos agrícolas. Nenhuma delas poderia ser cumprida, mesmo que o governo estivesse preparado para resistir às pressões dos latifundiários e bancos; ela também



Joseph Stalin em 1937.

Manuel Azaña.

Manifestações do POUM [Partido Operário da Unificação Marxista].

Andrés Nin da "Esquerda Comunista" funda o POUM em 1935.

rejeitava explicitamente a nacionalização da terra — a única maneira de resolver a questão agrária. Além disso, rejeitava a nacionalização dos bancos.

O sistema bancário deveria ser controlado — dizia o programa da Frente Popular — mas não pelos trabalhadores. O controle deveria ser governamental, ou seja, os representantes políticos do capital financeiro deveriam exercer controle sobre seus próprios bancos.

A política externa da Frente Popular deveria ser conduzida em acordo com os preceitos da Liga das Nações.

Sob todos os aspectos, era um programa que tinha como objetivo defender os interesses do capital e era idêntico ao programa da Frente Popular francesa.

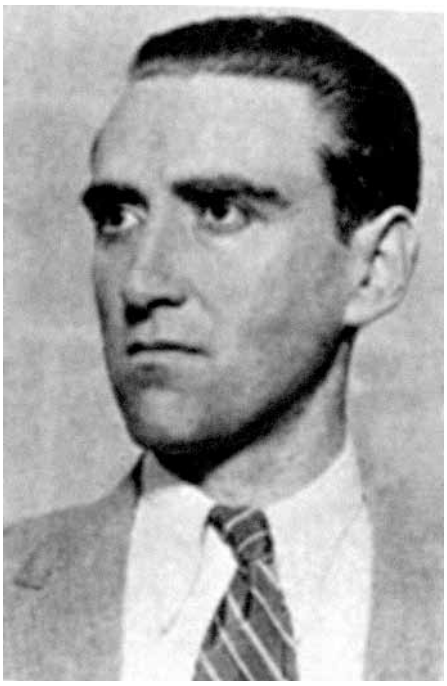
Quando a Frente Popular francesa foi eleita em maio de 1936, sua orientação capitalista manifestou-se imediatamente através da maneira pela qual o Partido Comunista Francês pôs fim à greve geral, que tinha implicações revolucionárias. Trotsky saudou a greve como o começo de uma revolução na França. Curiosamente, o jornal conservador francês *Le Temps* concordou com ele e alarmou que as greves em massa e as ocupações representavam "manobras práticas da revolução".

O Partido Comunista Francês pôs fim às greves, dizendo aos trabalhadores que já haviam obtido uma vitória decisiva — quando, na verdade, haviam conquistado pequenas reformas. O comportamento dos stalinistas na França era um aviso prévio do papel que teriam na Espanha. Além disso, quando a classe trabalhadora espanhola se voltou à francesa para receber ajuda, nada recebeu. Quando traíram o movimento revolucionário dos trabalhadores franceses em 1936, os stalinistas privaram os trabalhadores e camponeses espanhóis de um forte aliado em um país revolucionário vizinho.

A eleição do governo da Frente Popular na Espanha precedeu um levante revolucionário renovado. Nessa época, o POUM poderia ter assumido a direção do movimento revolucionário no país, caso não tivesse deixado tal situação revolucionária excepcional escorrer por entre as mãos, orientando-se para um caminho político criminoso ao juntar-se à Frente Popular.

Trotsky avisou que o governo usaria as forças do estado para reprimir os trabalhadores e camponeses. Escreveu:

As organizações trabalhadoras, porém, permanecem completamente imobilizadas nas teias da Frente Popular. As convulsões das massas revolucionárias (sem um programa, sem uma



Joaquin Maurín

direção digna de confiança) ameaçam assim abrir os portões para a ditadura contra-revolucionária.

Como explicou Trotsky:

A questão principal no momento é a Frente Popular. Os centristas de esquerda procuram apresentar essa questão como uma manobra tática ou mesmo técnica, de modo que possam vender suas mercadorias sob a sombra da Frente Popular. Na realidade, a Frente Popular é a principal questão da estratégia proletária desta época. Também oferece o melhor critério para a diferença entre bolchevismo e menchevismo, pois é frequentemente esquecido que o maior exemplo histórico de Frente Popular é a revolução de fevereiro de 1917. Em fevereiro-outubro, os mencheviques e os socialistas-revolucionários, que estão num paralelo muito próximo aos 'Comunistas' [stalinistas] e aos social-democratas, estabeleceram uma aliança estreita e uma coalizão permanente com o partido burguês dos KDTs. Sob o signo dessa Frente Popular se prostrava toda a massa do povo, incluindo os conselhos de trabalhadores, camponeses e soldados. É certo que os bolcheviques participavam dos conselhos. Mas eles não faziam a mínima concessão à Frente Popular, para destruir a aliança com os KDTs e criar um genuíno governo dos trabalhadores e camponeses.

Isso foi escrito em 16 de julho de 1936. No dia seguinte, Franco deu um golpe militar. O governo de Frente Popular que o POUM ajudara a colocar no poder havia deixado intactos o exército e a corporação de oficiais. Tal situação não foi acidental, apenas refletiu o fato de que a classe dominante do país, quando se via forçada a fazer uma aliança com organizações de esquerda dos trabalhadores, precisava mais do que nunca dos militares para proteger a propriedade privada. Isso era parte da perspectiva da Frente Popular desde o início, quando Stalin havia assegurado a Laval que o Partido Comunista Francês aceitaria todas as medidas que ele considerasse necessárias para defender a nação. Stalin esperava contar com o exército francês para defender a União Soviética contra a Alemanha nazista e estava preparado para deixá-lo intacto independentemente do custo para a classe trabalhadora francesa. Na Espanha, o POUM havia participado da Frente Popular que havia, segundo Trotsky

mantido a casta militar com o dinheiro do povo, provendo autoridade, poder, armas e comando sobre jovens trabalhadores e camponeses, facilitando, assim, as preparações para um ataque esmagador contra os trabalhadores e camponeses.

O governo da Frente Popular não teve qualquer ação para impedir a deflagração do golpe militar em julho de 1936 e recusou todas as demandas por armamento aos trabalhadores. Mas, em Barcelona, uma das cidades mais industrializadas da Espanha, a classe trabalhadora resistiu.

A maior organização da classe trabalhadora na Catalunha era a federação sindical anarquista CNT (*Confederación Nacional del Trabajo*). A influência do Partido Socialista e do Partido Comunista era pequena se comparada à do POUM. Trabalhadores comandavam armas, explosivos e veículos motorizados. Eles convocavam os soldados a recusar as ordens dos oficiais.

Inspirados pelos trabalhadores catalães, trabalhadores em Madri e Valença fizeram o mesmo. Os mineradores asturianos enviaram uma coluna de 5.000 dinamiteiros em auxílio a Madri. Em Malaga, os trabalhadores não tinham acesso às armas e primeiro usaram combustível para atear fogo ao redor das bases militares. Os marinheiros tomaram o controle de suas embarcações. Diante dos fascistas, o governo da Frente Popular ficou sem exército, sem força policial, sem guardas de fronteira ou qualquer meio de imposição de autoridade. Em âmbito nacional, regional e local, a máquina do Estado entrara em colapso.

Todo o aparato estatal se desintegrara, e seu papel fora assumido por comitês improvisados conforme os trabalhadores tomavam o controle das fábricas e começavam a organizar as cidades, enquanto no campo os camponeses ocupavam a terra e estabeleciam cooperativas. A campanha militar continuada contra os fascistas estava nas mãos de milícias de trabalhadores, que iniciavam uma ofensiva e estendiam a revolução ao território que recapturavam.

Escrevendo sobre essa experiência, Trotsky afirmou:

O proletariado espanhol apresentava atributos militares de primeira ordem. Em seu peso específico quanto à vida econômica do país, em seu nível político e cultural, o proletariado espanhol estava, no primeiro dia da revolução, não abaixo, mas acima do proletariado russo do começo de 1917.

Na Rússia, os bolcheviques não tinham sido capazes de resolver o problema da coletivização imediata da terra, mas, na Espanha, os próprios camponeses, altamente proletarizados pelo desenvolvimento do capitalismo, começaram a coletivização. Franco havia precipitado a revolução que ele esperava prevenir.

Os republicanos e os socialistas sabiam perfeitamente onde o verdadeiro poder estava. O presidente Luis Companys disse a um grupo de anarquistas em 20 de julho:

Hoje vocês são senhores da cidade de Catalunha... Vocês a conquistaram e tudo está em seu poder. Se não precisam de mim ou não me querem como presidente da Catalunha, me digam agora e tornarei-me um simples soldado na luta contra o fascismo.

Companys fora um advogado sindical e sabia o que fazia. Estava preparado para aceitar os comitês de trabalhadores como o poder *de facto* na Catalunha até que pudesse desestabilizá-los e restaurar o Estado burguês.

Mas o Estado trabalhador espanhol permaneceu embrionário. O que havia emergido na Espanha era uma situação de dualidade de poder. Felix Morrow, o autor de *Revolução e Contra-Revolução na Espanha*, se refere à "Revolução de 19 de Julho", como uma revolução incompleta que permaneceu equilibrada no fio da navalha. Nenhum dos partidos, certamente não o POUM, exigiu que os comitês de trabalhadores fossem centralizados em conselhos nacionais de soldados e trabalhadores. Em vez disso, os comitês permaneceram locais e espalhados fragmentadamente. O governo foi capaz de usar seu controle do banco nacional e das reservas de ouro para exercer o controle financeiro. O POUM e a CNT nunca tentaram assumir os bancos.

No decurso das sete semanas seguintes, as organizações de trabalhadores se aproximaram dos republicanos porque, ao não construir sovietes, o POUM concedeu tacitamente o direito de governar à Azaña, Companys e todo sua camarilha. Em 7 de setembro, o próprio Nin exigiu que os ministros burgueses fossem derrubados, mas, em

Trabalhadores em 1936 na França.

18 de setembro, a posição do POUM havia mudado. Seu jornal declarou que o movimento de esquerda republicano era "de uma profunda natureza popular". Agora, afirmava que o governo da Frente Popular podia garantir o socialismo.

Nin chegou à conclusão lógica decorrente e se juntou ao governo catalão. Foi a violação de um século de experiência revolucionária acumulada. Marx reconhecera na época da Comuna de Paris que a classe trabalhadora não poderia simplesmente tomar o controle das instituições estatais existentes, mas deveria substituí-las por uma nova forma de Estado que refletisse seus próprios interesses de classe. Os bolcheviques não entraram no governo de Kerensky, mesmo quando foi ameaçado por Kornilov.

Um dos primeiros atos do novo governo na Catalunha foi dissolver os comitês revolucionários que os trabalhadores haviam estabelecido em 19 de julho. Esse foi o primeiro grande avanço da contra-revolução. Foi seguido de um decreto que desarmou os trabalhadores.

No curso dos 8 meses que se seguiram, os governos de Madri e Barcelona destruíram as conquistas obtidas pelos trabalhadores em Julho. A presença de Nin deu aos governos a autoridade que precisavam para tomar tais medidas. O processo contra-revolucionário se movia mais lentamente na Catalunha, mas seu sentido era o mesmo que no resto da Espanha republicana.

Em dezembro, quando já não era mais necessário, o POUM foi expulso do governo graças à insistência do cônsul soviético, Antonov-Oyvseyenko. Mas Nin não aprendera nada e ainda dizia que a Espanha não precisava de sovietes. Suas críticas ao governo eram, na realidade, conselhos e sugestões. Embora tenha clamado pelo controle do exército pelos trabalhadores, Nin respeitosamente pediu ao governo que realizasse tal ação. Semanas antes do Estado apontar suas armas para os trabalhadores da Catalunha, Nin ainda argumentava que os trabalhadores tomariam o poder pacificamente. Ele permaneceu, assim, comprometido com a perspectiva da Frente Popular.

Em março de 1937, Trotsky avisou: "Se essa política [do POUM] continuar, o proletariado catalão será vítima de uma terrível catástrofe, comparável àquela da Comuna de Paris de 1871". Suas palavras se provaram completamente proféticas.

Em maio de 1937, o governo e os stalinistas deflagraram um assalto militar contra a companhia telefônica de Barcelona, ocupada pelos trabalhadores desde julho de 1936. O prédio não era apenas um símbolo visível da dualidade de poder, mas também um elemento estratégico, cujo controle permitia aos trabalhadores monitorar as conversas telefônicas dos ministros do governo. O governo republicano jamais teria o controle de Barcelona se não retomasse o controle da central telefônica.

A tentativa pegou os líderes do POUM e da CNT de surpresa, mas provocou a resistência massiva da classe trabalhadora, que espontaneamente se levantou em defesa das conquistas da revolução. Todos os documentos disponíveis hoje confirmam que os trabalhadores conseguiriam tomar o poder, mas, em vez disso, os líderes do POUM e os anarquistas insistentemente chamaram pelo cessar-fogo durante as batalhas de rua que se seguiram. Apenas um pequeno grupo de bolcheviques-leninistas, filiados à Oposição de Esquerda, alguns membros de base do POUM e o grupo anarquista Amigos de Durruti defenderam a tomada do poder pelos trabalhadores e denunciaram o cessar-fogo.

Nos dias 3 e 4 de maio, a cidade de Barcelona estava completamente nas mãos dos trabalhadores. Naquela noite, dirigentes do POUM, CNT, FAI (*Federación Anarquista Ibérica*) e Juventude Libertária se encontraram numa sessão conjunta. Julián Gorkin relembrou, mais tarde:

Colocamos o problema nestes termos

precisos: 'Nenhum de nós chamou as massas de Barcelona a realizar essa ação. Essa é uma resposta espontânea a uma provocação stalinista. É um momento decisivo para a revolução. Ou nos colocamos na liderança do movimento para destruir o inimigo interno ou então o movimento cairá e o inimigo nos destruirá. Precisamos fazer nossa escolha entre revolução e contra-revolução'.

A questão não poderia ter sido colocada com maior clareza e, ainda assim, eles fizeram sua escolha.

"Não nos sentíamos espiritual ou fisicamente fortes o bastante para assumir a direção e organizar as massas para a resistência", disse mais tarde um membro da executiva do POUM. A executiva do POUM admitiu:

Teria sido possível tomar o poder, mas nosso partido, uma força minoritária no movimento da classe trabalhadora, não pôde assumir a responsabilidade de emitir essa palavra-de-ordem.

Se tivessem chamado pela tomada do poder, fossem ou não um partido pequeno, os trabalhadores da CNT, que estavam muito à esquerda de seus dirigentes, certamente os teriam ouvido. O próprio POUM possuía por volta de 40.000 membros e um destacamento de milícia de 10.000 militantes.

Mas, se os trabalhadores de Barcelona tivessem tomado o poder, como os líderes do POUM e da CNT admitem que poderia ter acontecido, ficariam isolados? De forma alguma.

Se uma república dos trabalhadores fosse declarada em Barcelona, isso teria muitas implicações sobre a classe trabalhadora francesa. Teria sido muito difícil para o governo de Frente Popular na França manter um embargo de armas com sua própria classe trabalhadora em alerta. Trabalhadores e camponeses do resto da Espanha, tanto na área republicana quanto na nacionalista, certamente teriam respondido se os trabalhadores de Barcelona tomassem medidas socialistas para colocar as fábricas nas mãos dos trabalhadores e a terra nas mãos dos camponeses. O exército de Franco teria se despedaçado, principalmente se uma república dos trabalhadores tivesse declarado seu apoio à auto-determinação colonial. Tal slogan teria impacto não somente nas colônias espanholas, mas também nas britânicas e francesas.

Não se luta em uma guerra civil apenas por meios militares. É preciso ter uma estratégia política. A história dá muitos exemplos disso. A abolição da escravidão por Lincoln foi descrita por um político europeu como "a mais insana e infame revolução da história". Ainda assim, ela se provou um meio de ganhar apoio entre os escravos por trás das

Francisco Franco

Cenas dos conflitos durante o levante de 1936—1937.

linhas inimigas e internacionalmente. Os trabalhadores do algodão nas cidades fabris se mobilizaram aos milhares em apoio à abolição da escravidão e à vitória do Norte. O governo britânico não ousou intervir em prol dos donos de escravos sulistas. Em Barcelona, o POUM não possuía uma estratégia revolucionária tão ousada como essa.

Quando o cesar-fogo finalmente foi acordado, provou ser o prelúdio do expurgo sangrento de todos os elementos de oposição em Barcelona e outros lugares da Espanha. O POUM foi acusado de organizar um golpe em coalizão com as polícias secretas alemã, italiana e franquista. Sua imprensa foi banida, Nin foi preso e sua organização foi posta na ilegalidade. Os líderes do POUM foram levados a uma prisão stalinista em Madri — uma ex-igreja em Calle Atocha.

O próprio Nin foi separado dos outros e levado à Alcalá de Henares, onde o interrogaram por três dias. Quando se recusou a confessar ser um agente fascista, foi torturado até a morte. Seu corpo foi enterrado nos arredores da cidade. A GPU, então, ordenou aos voluntários da Brigada Internacional Alemã que tomassem de assalto a prisão onde Nin fora mantido. Para dar a impressão de que a Gestapo veio resgatá-lo, deixaram para trás notas do banco nacionalista, distintivos falangistas e documentos falsos.

Depois da morte de Nin, Trotsky o descreveu como um "velho e incorruptível revolucionário". Os membros do POUM, afirmou Trotsky, "lutaram heroicamente em todas as frentes contra os fascistas da Espanha". Mas ao entrar na Frente Popular, participar do governo de Frente Popular na Catalunha e recusar a tomada do poder em maio de 1937, Nin cometeu uma traição fatal não apenas à sua história, mas à classe trabalhadora e à revolução espanhola.

Nas semanas seguintes, a polícia secreta stalinista juntou todos os

Barricadas nas ruas de Barcelona.

elementos de oposição na Catalunha, os aprisionou e torturou, executando muitos milhares. Um Tribunal Especial para Espionagem e Alta Traição foi estabelecido para julgar os militantes do POUM e os anarquistas acusados por colaborarem com a insurreição. Quase todos os enviados a esse tribunal foram considerados culpados. Outros desapareceram, como Nin, nas prisões secretas da GPU — conhecidas como Preventoriums. Cerca de 20.000 prisioneiros foram enviados a campos de trabalho forçado. Sobreviventes relataram privação de sono, negação de alimento, falsas execuções, isolamento, confinamento em espaços minúsculos, mutilação, negação de atenção médica, total escuridão, luzes ofuscantes, quase-afogamento e, é claro, espancamentos.

A repressão havia começado muito antes dos Dias de Maio. Alexander Orlov, o cabeça da GPU na Espanha, enviou um número de agentes a Barcelona com ordens para confraternizar com o POUM e identificar alvos para sequestro e assassinato. Erwin Wolf, o ex-secretário de Trotsky, foi assassinado na Espanha. Um voluntário inglês, David Crook, contou depois como foi recrutado da Brigada Internacional para prestar serviços especiais. O relato que faz de sua vida nos dá um bom entendimento de como as operações na Espanha se encaixavam em uma campanha contra-revolucionária mais ampla, que possuía sua face mais pública nos Processos de Moscou.

Crook foi levado à escola de treinamento de oficiais em Albacete, onde Ramon Mercader, que depois assassinaria

Trotsky no México, ensinou-lhe a língua espanhola. De lá, foi a Barcelona para espionar o POUM e seus apoiadores britânicos do Partido Trabalhista Independente (ILP — *Independent Labour Party*). Crook caiu nas graças de Eileen Blair, esposa de George Orwell, o que lhe deu a oportunidade de roubar documentos dos escritórios do ILP. Quando os líderes do POUM foram presos, ele foi posto conjuntamente na cela da prisão, para coletar informações. Crook também desempenhou um papel importante no sequestro do trotskista austríaco Kurt Landau.

Da Espanha, Crook foi a Xangai, onde espionou suspeitos de trotskismo. Fica claro, a partir do relato de Crook, que os Dias de Maio não foram um evento único e isolado, mas parte de uma campanha muito mais ampla e previamente preparada para ter ramificações globais. A Espanha se tornou um campo de treinamento para os espiões, provocadores e assassinos stalinistas. Quando Ignace Reiss — o agente do serviço secreto soviético que rompeu com Stalin e se aproximou de Trotsky — foi assassinado na Suiça, seus carrascos esqueceram no país uma peça de roupa feita na Espanha.

Alguns historiadores afirmam que nunca houve mais que 20 ou 40 operativos da GPU em toda a Espanha. Esse número parece estar em discrepância com as evidências e, em todo caso, ignora os stalinistas que, não sendo membros da polícia secreta, estavam de qualquer modo engajados em exterminar os oposicionistas. O Partido Comunista da Espanha era pequeno em 1936, mas um ano depois havia se tornado o mais poderoso partido da Frente Popular. Havia crescido em parte pela absorção do movimento de juventude do Partido Socialista, mas também pelo recrutamento de camponeses que estavam insatisfeitos com a coletivização e mesmo trabalhadores das áreas rurais, além de funcionários civis, magistrados e oficiais do exército nas cidades. Nessas camadas sociais, a GPU encontrou o material humano para seu trabalho: entre eles estavam gangsters, ladrões e ex-fascistas — todos encontraram um lar natural no aparato de terror stalinista.

E a atividade repressora dos stalinistas não estava confinada à Catalunha. José Cazorla e Santiago Carillo, ambos membros do Comitê Central do PCE, aprisionaram ilegalmente trabalhadores antes inocentados pelos tribunais populares em Madri e os enviaram à frente de batalha, para servirem como "fortificações" humanas. O jornal da CNT, *Solidaridad Obrera,* identificou uma rede de prisões privadas "operando sob uma liderança unificada e um plano pré-concebido em escopo nacional".

Na medida em que as derrotas militares se acumulavam, um ar de pânico tomava o comando militar stalinista após o esmagamento da classe trabalhadora catalã. Relatórios da inteligência soviética falam de uma "bactéria contaminante" entre as Brigadas Internacionais. Um relatório em tom quase histérico descreve como toda uma companhia foi desarmada, aprisionada e seus oficiais, mortos. Uma "organização trotskista de espionagem e terrorismo" de suposta larga escala foi exposta na décima-quarta brigada e um homem morreu sob interrogatório. André Marty, o dirigente do Komintern francês, responsável pela organização das Brigadas Internacionais, admitiu ter matado 500 membros dessas brigadas. Trata-se de um décimo do total de mortos dentro das Brigadas Internacionais.

Todos esses crimes foram executados sob cobertura dos liberais e "democráticos" políticos Socialistas e Republicanos da Frente Popular. Seus defensores afirmam que eles ignoravam as ações da GPU, o que é facilmente refutado pelos registros históricos. Um documento interessante que grava a conversa entre um conselheiro soviético e o Presidente Juan Negrin em dezembro de 1938 lança um pouco de luz sobre a atitude do governo da Frente Popular em relação à democracia.

Nessa conversa, Negrin parece ter mapeado uma estratégia política de pós-guerra que envolvia um Estado unipartidário — "Pode ser chamado de frente nacional, frente espanhola ou união", disse Negrin. O regime que vislumbrou estaria sob a liderança de uma figura militar. Para Negrin e os outros líderes da República, a democracia podia ser desejável, mas a verdadeira questão era a ordem, a supressão da revolta vinda de baixo. Para isso, uma aliança com o Kremlin era essencial e estavam dispostos a dar ao aparato repressivo, que havia sido criado na luta contra o trotskismo, o controle sobre a Espanha caso fosse a única forma de defender a propriedade privada. A GPU agia meramente como o braço mais resoluto da Frente Popular.

Ao final de 1937, Trotsky escreveu em "Lições da Espanha: Um Último Aviso":

Quando os trabalhadores e camponeses entram no caminho da revolução — quando tomam as fábricas e fazendas,

Brigada de trabalhadores em Barcelona.

expulsam os velhos proprietários, conquistam o poder nas províncias — então a contra-revolução burguesa — tanto faz se democrática, stalinista ou fascista — não tem outro modo de pôr em xeque esse movimento senão a coerção sangrenta, suplementada por mentiras e artifícios. A superioridade da camarilha stalinista nessa via baseia-se em sua habilidade para aplicar instantaneamente medidas que, no momento, estavam além da capacidade de Azaña, Companys, Negrin e seus aliados de esquerda.

Na Espanha, escreveu Trotsky, dois programas irreconciliáveis se confrontavam. Havia o programa que consistia em

salvar do proletariado, a qualquer custo, a propriedade privada, e salvar de Franco, na medida do possível, a democracia; e, do outro lado, o programa de abolição da propriedade privada pela conquista do poder pelo proletariado. O primeiro programa expressou os interesses do capitalismo através da aristocracia trabalhista, da cúpula dos círculos pequeno-burgueses e, especialmente, da burocracia soviética. O segundo programa traduziu para a linguagem do marxismo as tendências do movimento revolucionário de massas, não plenamente consciente, mas poderoso. Com pesar para a revolução, entre o punhado de bolcheviques e o proletariado estava a parede contra-revolucionária da Frente Popular.

O heroísmo dos trabalhadores e dos camponeses da Espanha, além dos voluntários internacionais que foram para lá, é demasiadamente usado como meio para encobrir o verdadeiro caráter das políticas da Frente Popular. Qualquer um que critique a República e seus apoiadores é acusado de sujar a reputação desses lutadores abnegados. Na realidade, a reputação dessas figuras heróicas somente pode ser mantida por meio de um exame objetivo da história e, particularmente, da Frente Popular.

Nesta palestra, tentei mostrar que uma revolução proletária vitoriosa seria possível na Espanha e que a razão de sua derrota não foi a imaturidade do proletariado espanhol, o atraso da economia ou o desfavorecimento das condições internacionais, motivos tão frequentemente apontados, mas a existência da Frente Popular. As massas da Espanha permaneceram na teia da Frente Popular até o momento em que já era tarde demais, pois nenhuma direção genuinamente revolucionária foi construída.

O partido que estava em melhor posição para levar adiante a tarefa de construir uma direção revolucionária era o POUM, mas ele se mostrou o maior obstáculo a isso. Se houvesse adotado uma política intransigentemente revolucionária, o POUM teria se tornado a direção inconteste da classe trabalhadora em maio, senão antes. Uma enorme responsabilidade pela derrota na Espanha recai sobre o POUM e suas políticas centristas. As massas, como Trotsky disse uma vez em seus últimos escritos, buscaram seu caminho na direção correta, mas descobriram ser impossível construir uma direção revolucionária no calor da revolução. Se a revolução espanhola tivesse sido vitoriosa, a história do século vinte teria sido imensuravelmente diferente. ■

Alexander Orlov

David Crook

TROTSKY, BRETON E LEMINSKI

Trotsky como símbolo para uma poética futura

Alexandre Benoit*

Trotsky, além do seu grande papel histórico na Revolução Russa de 1917, na criação do Exército Vermelho, na fundação da Oposição de Esquerda e, posteriormente, na fundação da IV Internacional, possui uma enorme produção e reflexão teórica que não se reduz aos textos diretamente politicos.

Entre os aspectos pouco conhecidos das reflexões de Trotsky, situa-se a sua defesa de Freud e da Psicanálise. Como narra Deutscher, já no começo da década de 1920 manifestou-se uma grande resistência na URSS à teoria freudiana, resistência esta que aumentaria depois, com o avanço da contra-revolução stalinista. No período stalinista, com a eliminação dos direitos individuais e democráticos, praticamente se expulsaria da União Soviética o pensamento de Freud.[1] No entanto, ainda em 1922, Trotsky escreveu a Pavlov, um dos fundadores da Psicologia embasada na experiência, procurando argumentar a favor de uma melhor compreensão da Psicanálise.[2] Evidentemente, Trotsky considerava que as determinações da história de um indivíduo não são redutíveis totalmente nem a processos histórico-sociais assim como tampouco a processos fisiológicos.

Essa mesma compreensão das determinações individuais reaparece nos seus escritos sobre literatura, arte e modo de vida. Enquanto o stalinismo eliminará toda a liberdade na criação artística e defenderá uma arte e uma vida totalmente submetida à propaganda e agitação do partido, Trotsky verá com grandes restrições as tentativas de regulamentar totalmente a produção artística, assim como verá limites sérios na procura da criação de uma cultura dita "proletária".

Nesse sentido, essas concepções de Trotsky expressas em alguns de seus escritos, tais como *Literatura e Revolução* e *Questões do Modo de Vida*, atrairão a atenção de diversos artistas que se identificavam com a revolução socialista, mas que não se conformavam com as concepções estéticas retrógradas do chamado "realismo socialista", que proibiam todas as inovações formais ou estéticas. Por isso mesmo, grande parte da vanguarda artística européia e mundial identificou-se com Trotsky, percebendo que o marxismo não era, de forma alguma, a negação da liberdade de criação, tal como parecia transparecer pelo realismo socialista de inspiração stalinista.

Exemplos significativos dessa identificação da arte de vanguarda com as concepções de Trotsky foram as vinculações deste com André Breton, uma das principais figuras do movimento Surrealista. Como se sabe, Breton encontrou-se com Trotsky no seu exílio no México. Foi das conversas entre Breton, Diego Rivera, Frida Kahlo e Trotsky que nasceu a idéia de criar a Federação Internacional da Arte Revolucionária Independente (FIARI), logo divulgada na revista intitulada *Clé* (*Chave*), publicada na França.

A seguir, reproduzimos trechos das recordações pessoais de Breton desse período, concedidas a uma rádio francesa e posteriormente publicadas, originalmente, em 1952, na coleção *Le Point du Jour.*

Apesar do pouco sucesso institucional da Federação Internacional de artistas revolucionários, que teve caráter efêmero, mesmo porque, pouco tempo depois, Trotsky foi assassinado pelo stalinismo e teve início a II Guerra Mundial, que dispersou, em grande parte, a própria IV Internacional, essas atividades estéticas de Trotsky com Breton e outros artistas de vanguarda sempre

1.Isaac Deutscher, *O Profeta Desarmado*, p. 192, Civilização Brasileira, RJ, 1968.
2.Idem, ibidem, p. 192-193.

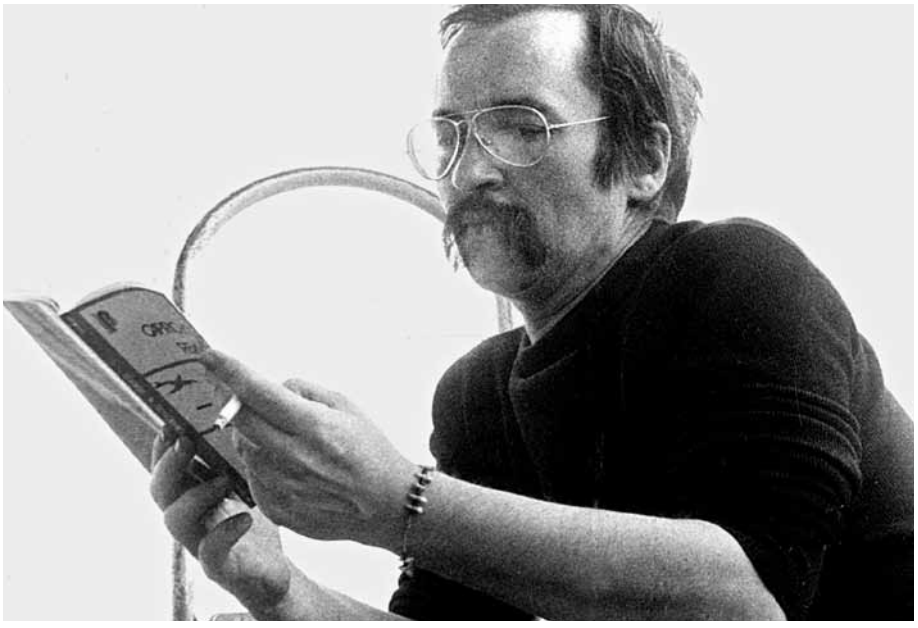
*Arquiteto (FAU-USP)

À esquerda, Trotsky no México em 1938.

Trotsky, Diego Rivera e André Breton quando do lançamento da FIARI

permaneceram e ressurgiram como símbolos, aqui e ali, entre (e) (n)os versos e (n)a vida dos grandes poetas.

Um exemplo, no Brasil, desse ressurgimento simbólico daquelas experiências estéticas encontra-se na obra e vida do grande poeta de Curitiba, Paulo Leminski, faixa preta e professor de judô, conhecedor de muitas língüas, quase um filólogo, professor de muitas coisas, mas, também, beberrão, "cachorro louco" (como ele próprio se descrevia), meio anárquico, mas, à sua maneira, trotskista. A respeito de Leminski, abaixo escrevo algumas linhas, reproduzo alguns versos e esboço alguns desenhos inspirados nessa sua figura, acima de tudo, individual.



O "cachorro louco" Paulo Leminski.

TROTSKY POR BRETON

No México. Trotsky visto de perto. Por uma arte revolucionária independente.

PARINAUD Sr. Breton, gostaria que comentasse algo sobre sua relação com Trotsky, relação que abordou em nossa última entrevista. Assim, gostaria que comentasse as dificuldades por que passou para encontrar o grande revolucionário. Você poderia nos relatar o momento em que o entrevistou, assim como a impressão que lhe causou?

BRETON Essa entrevista, eu nem mesmo a solicitei. O pintor Diego Rivera, que desde minha chegada ao México ofereceu a hospitalidade de sua casa, não descansou enquanto não conseguiu o encontro. Trotsky, aliás, sabia que por diversas vezes levantei minha voz em sua defesa e, por isso, desejava me ver. Naquela época, quando errava pelo mundo sem passaporte, foi à Rivera que deveu o asilo no México e a disposição do presidente Cárdenas a seu favor. Desde então, tornou-se hóspede de Rivera, ainda que ocupando outra casa, com sua mulher, seus secretários e os homens encarregados da segurança. Um atentado era considerado tão provável que a casa era flanqueada por dois postos de guarda, de um lado e de outro, a cerca de cinquenta metros, com cinco ou seis homens armados permanentemente e encarregados de inspecionar todos os carros que passassem por lá. Em um pronunciamento feito quando do meu regresso, num encontro do Partido Operário Internacionalista, reproduzido na revista Quarta Internacional, relatei as impressões que guardei do meu primeiro encontro com Trotsky, ao qual seguiram-se muitos outros. Não me estendi muito sobre o prodígio de sua capacidade mental, que lhe permitia, por exemplo, ditar três textos de uma só vez. Nesse dia, falava para homens nutridos por seu pensamento, que não corriam o risco de subestimar-lhe a capacidade. Pareceu-me mais importante mostrar a todos o que havia de humano em Trotsky, no sentido mais elevado do termo, e assim chamar atenção sobre sua capacidade, que pude apreciar durante nossos passeios pelo México, de vincular cada mero fato observado a um dado geral, orientando-o — sem que nele houvesse jamais algo de artificial ou forçado — para a esperança de um reajuste dos valores deste mundo, que fortaleça o sentimento da necessidade da luta revolucionária.

PARINAUD Qual era o "clima" dos seus encontros com Trotsky?

BRETON Não chego ao ponto de afirmar que, no relacionamento diário, as diferenças extremas de formação e outras que poderiam existir entre Trotsky e seus interlocutores habituais — Rivera, sua mulher [Frida] e eu — não tenham gerado algumas escaramuças. Por maior que fosse nossa deferência para com ele, e a despeito de tentarmos não o incomodar o máximo possível, às vezes, nós nos opusemos em comum, contra ele, através de nossa face "artística", que lhe era fundamentalmente estranha. Uma das coisas mais singulares no destino desse homem, no entanto, foi justamente esse de haver despertado uma profunda atração da parte dos artistas, ainda que ele próprio não tivesse uma preocupação prioritária com o problema artístico. Era visível seu sofrimento quando um de nós se demorava acariciando uma cerâmica pré-colombiana... Ainda posso ver o olhar de reprovação que lançou sobre Rivera quando este defendeu (o que não é nada exagerado) que outra coisa não aconteceu ao desenho senão decair desde a época das cavernas, e a violência com que reagiu numa noite em que nos permitimos pensar em voz alta, em sua presença, que, uma vez instaurada a sociedade sem classes, novas causas

*Publicado em *Entretiens, 1913—1952, avec André Parinaud*, traduzido da Collection Idées, ed. Gallimard, 1969.

Em cima Natalia Sedova, Frida Kahlo, Trotsky e André Breton. Em baixo o grupo surrealista em 1930: Tzara, Eluard, Breton, Dali, Arp, Targay, Ernst, Crevel e Man Ray.

de conflitos sangrentos, ou seja, causas outras que não as econômicas, não deixariam de surgir. Mas eram discordâncias de caráter fugidio, que não comprometiam a harmonia das nossas relações.

PARINAUD Poderia nos apresentar Trotsky no seu aspecto mais interior, se é que se pode dizer isso, evidenciando os traços de caráter mais originais de sua personalidade?

BRETON Do interior, não. Mas jamais conheci uma pessoa menos distante, tão atenta à maneira de sentir e de pensar dos outros. Admirava ver que um homem como ele, homem de um sistema e que acima de tudo se pretendia instrumento de sua realização prática, mantinha um contato com a natureza: não esqueço as pescarias que fizemos juntos, nem suas lembranças animadíssimas das peripécias nas caçadas a lobos que participou na Sibéria. Sem falar no que poderia constituir sua grande atração pessoal, não por acaso, além do prestígio que lhe valera seu papel histórico em 1905 e 1917 [dois momentos revolucionários da Rússia], seus dons intelectuais eminentes expressos em obras como Minha Vida ou História da Revolução Russa. Era algo muito diferente quando podíamos assistir o funcionamento de tal pensamento, que se exprimia da maneira mais viva, sem jamais ser exageradamente dogmático, e que sabia expandir-se numa conversação livre à que conferia um tom jovial, muitas vezes brincalhão, num estilo muito próprio. Penso que ninguém jamais encarou com maior altivez a grande perseguição que sofria, mantendo-se tão imperturbável, nesse momento que era atingido diretamente e na figura dos seus filhos, de seus companheiros de luta, e que sabia que essa perseguição se estenderia. Limitava-se mesmo a gracejar sobre ela, de vez em quando...

PARINAUD E hoje, o que resta a você dessa importante figura?

Em cima Breton, fotografia de Man Ray. Em baixo Trostky durante sua estadia no México, ao lado Frida Kahlo.

BRETON É inegável que a guerra de 1939 e suas consequências baixaram um véu de sombra sobre ele. Sem dúvida, as novas gerações já não sentem aquilo que eletrizava nesse nome, Trotsky, por muito tempo carregado do mais alto potencial revolucionário. Mas, para alguns, inclusive eu, esse nome está definitivamente vinculado a um regime que não recuou diante de nada que tenha tentado abolilo. Parece-me que seu destino ultrapassa de longe o assassinato do Duque de Enghien[3]... É muito importante, para o surrealismo, a máxima de Lautréamont: "Toda a água do mar não bastaria para lavar uma mancha de sangue intelectual"; e não se trata, aqui, de tomá-la somente em sentido figurado...

PARINAUD E qual foi o fruto de seus encontros com Trotsky?

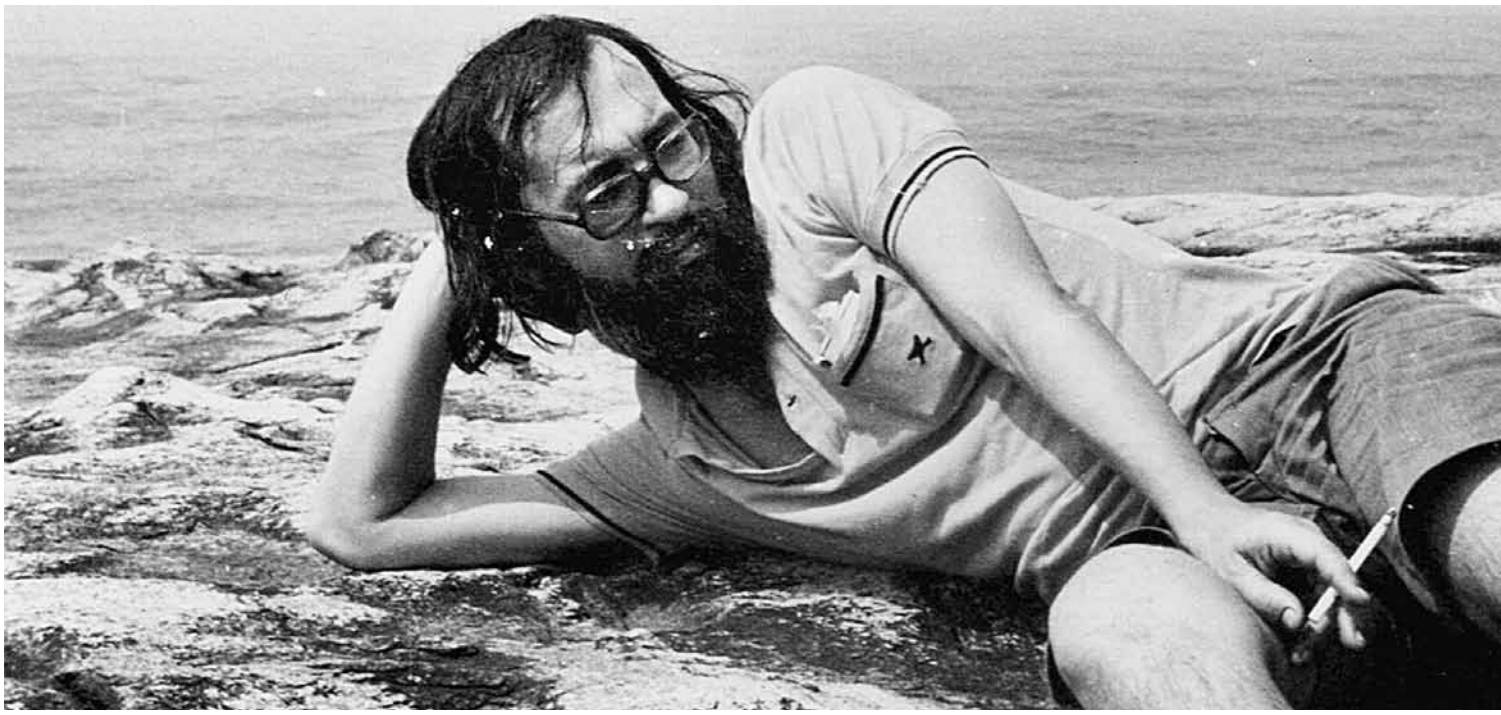
BRETON Conseguimos chegar a um acordo a respeito das condições em que, do ponto de vista revolucionário, deve ser atribuída à arte e à poesia uma participação na luta emancipatória, permanecendo inteiramente livres em seu domínio específico. Esse acordo está expresso num texto chamado "Por uma arte revolucionária independente", reproduzido nos *Documentos Surrealistas.* Ele conclama à fundação de uma "Federação Internacional da Arte Revolucionária Independente", designada mais brevemente por F.I.A.R.I. No entanto, por razões táticas, para a publicação, Trotsky quis que seu nome fosse substituído pelo de Diego Rivera, que não teve nenhuma participação em sua redação.

PARINAUD Parece que nessa ocasião se constatou novamente uma agitação dentro do surrealismo...

BRETON Essa agitação... As reflexões às quais cheguei durante minha passagem pelo México a tornaram inevitável. A revista *Clé*, órgão da F.I.A.R.I., fez com que fosse estabelecida uma determinação muito precisa entre aqueles que se posicionam ao lado do manifesto do México e aqueles que, com fins muitas vezes oportunistas, procuraram apoiá-lo de viés. Mas, nada afetou tanto o surrealismo, de forma profunda, como a ruptura com Éluard.[4]

3.Nobre francês executado por Napoleão Bonaparte em 1804. Tornou-se um símbolo retomado pelo romantismo.

4.Como explica Breton, mais adiante, o poeta Paul Éluard acreditava que podia colaborar com qualquer revista, independente de suas linhas políticas. Nesse sentido, colaborou com publicações fascistas e stalinistas.



Paulo Leminski ao lado de Caetano Veloso e Moraes Moreira.

POETA PAULO LEMINSKI: REFLEXO BRASILEIRO DE UMA POÉTICA FUTURA

O pauloleminski
é um cachorro louco
que deve ser morto
a pau a pedra
a fogo a pique
senão é bem capaz
o filhodaputa
de fazer chover
em nosso piquenique

Há 20 anos morria Paulo Leminski, em 7 de junho de 1989. O "cachorro louco" da poesia — como um dia se auto-proclamou Leminski — encerrava sua turbulenta vida aos 45 anos, vítima de uma cirrose hepática em decorrência do álcool. Deixava para trás uma trajetória de múltiplas facetas, algo como uma composição dadaísta, uma imagem fragmentária de mil pedaços: poeta, compositor, roqueiro, apresentador de TV, judoca, trotskista, publicitário, jornalista, tradutor, professor, guru, seminarista e outras tantas profissões e outras faces mil que não citei aqui.

Primeiros Anos

O percusso inusitado de sua vida se inicia mais ou menos aos 13 anos, quando pediu ao pai para deixar Curitiba e ir para São Paulo, estudar no Colégio de São Bento, onde poderia conviver com a famosa biblioteca do mosteiro. Lá aprendeu latim e se empenhou em uma vida disciplinada, como relata Toninho Vaz, biógrafo de Paulo Leminski.

Sua passagem pelo mosteiro seria curta, mas marcaria profundamente sua formação. Relembrando esse período 30 anos mais tarde, Leminski dedica um poema aos beneditinos:

IN HONORE ORDINIS SANCTI BENEDICTI
à ordem de são bento
a ordem que sabe
que o fogo é lento
e está aqui fora
a ordem que vai dentro
a ordem sabe
que tudo é santo
a hora a cor a água
o canto o incenso o silêncio
e no interior do mais pequeno
abre-se profundo
a flor do espaço mais imenso

Depois do latim, Leminski se lança aos estudos do grego clássico e do hebraico. Essa fascinação pela linguagem o aproxima de Joyce, Pound e Mallarmé, escritores que exploram justamente a estrutura e os jogos de linguagem. Consequentemente, desenvolve grande admiração pelo movimento da Poesia Concreta no Brasil — encabeçado pelos irmãos Campos e por Décio Pignatari.

Do Catatau aos hai-kais

Logo aos 18 anos se apresenta ao grupo concretista, passando a ser um representante informal e "curitibano" do movimento. É desse período que começa a formular o seu livro mais enigmático, o famoso *Catatau*, um "Ulisses tupiniquim" em que narra uma visita imaginária do filósofo francês René Descartes ao Brasil. *Catatau* foi escrito e reescrito, em cerca de uma década por Leminski, em diversos papéis soltos, guardanapos de bares, versos de contas e documentos. A finalização e a publicação desse livro se torna algo mítico. O poeta passa a ter a sua imagem associada ao livro, pois aonde quer que fosse sempre

carregava os manuscritos do *Catatau* debaixo do braço. E assim se seguiu quase uma década. O livro dá bastante a idéia de quem era Leminski: um bandido que sabia latim. Se se tratava de uma obra erudita, era também o seu carro de batalha das noitadas sem fim, da boemia e foi lançado com amplas "técnicas" e recursos publicitários — como num esforço do próprio Leminski para des-sacralizar o *Catatau*.

Nos anos de 1970, o poeta vai além dos jogos de palavras e da pesquisa sobre a estrutura da linguagem. Aproximando-se mais de Baudelaire e Rimbaud, de um lado, da contra-cultura beatnick, de outro, Leminski vai até o limite do limite nas experiências com os ácidos e as drogas, desenvolvendo a sua marca inconfundível: poemas curtos, concisos, entre o erudito e o popular, irônicos e épicos, repletos de jogos e trocadilhos, brincadeiras muito sérias, hai-kais, um apropriação revolucionária, moderna e urbana da linguagem e da cultura oriental que sempre admirou.

A poesia passa a ser a sua própria vida. Desse momento até o final da vida, Leminski vai seguir marginal, sem documentos, sem emprego fixo, entrando e saindo de todas as estruturas. Seus empregos em diversas áreas são apenas formas de sair de um período de dívidas até que o próximo chegue logo em seguida. Vai do jornalismo à publicidade, de tradutor a apresentador de TV. Sempre endividado, sobreviveu também com a ajuda dos amigos e da poetisa Alice Ruiz, sua grande companheira.

Essa vida marginal, entregue à poesia, vai cultivar a sua figura como um mito e, logo, artistas e poetas do Brasil inteiro começam a se aproximar de Leminski. Desde os tropicalistas Wally Salomão até jovens "titãs", como Arnaldo Antunes, passando pelos "novos baianos", Paulinho Boca de Cantor e Moraes Moreira. Em 1981, Caetano Veloso musicou um poema de Leminski. Esse poema chama-se *Verdura* e, por suas imagens abertamente tropicalista-oswaldianas foi logo incorporado, em sua versão musicada, ao lendário filme *O Rei da Vela,* de Zé Celso e Noílton Nunes.

Enquanto a maioria de seus amigos e seguidores — porque ele tinha uma legião de seguidores! — deixava pouco a pouco a boemia para se inserir na rotina de uma vida burguesa, Leminski seguia convicto em seu caminho. Na verdade, o poeta assumia — sem saber? — a encruzilhada de alguns dos malditos desde Baudelaire: salvar-se ou não?

Toninho Vaz relata um episódio que ilustra bem as escolhas de Leminski. Trata-se de um encontro entre o poeta e Gilberto Gil. Foi em 1976, durante a passagem da turnê *Doces Bárbaros* por Curitiba. Gil teria se impressionado com a bebedeira de Leminski — que dava sinais de ter bebido muito naquela noite — e cantarolou:

— Pare de beber, pare de beber
pare de beber, rapaz...

Após um momento de grande silêncio, Leminski então pediu o violão e retrucou:

— Pare de parar, pare de parar
pare de parar, rapaz...

Rimbaud curitibano

Vivendo a "120 por hora", Leminski não tirava o pé do acelerador. Ele não queria envelhecer, nem ser assimilado pelo gosto burguês, como atestou um ano antes de sua morte, em versos escritos num pedaço de papel:

nunca estive muito interessado em envelhecer,
eu que sempre amei a juventude.
quero repousar em Curitiba, ao som dos Beatles.

Com meu quimono de faixa preta.
Saio da embriaguez de viver para o sonho de outras esferas.

Para ele, a poesia era sagrada, como seu quimono de judô, como a vida dos beneditinos ou então como a libertinagem dos boêmios malditos. E, por ser sagrada a poesia, era ato, era vida.

Como lembra Roman Jacobson, o suicídio sempre esteve presente também na obra do poeta russo Vladimir Maiakóvski — que tanto Leminski admirava! Maiakóvski era um poeta que não queria envelhecer, que buscava a eternidade, que travava uma luta de vida e morte contra o cotidiano, contra a rotina do cotidiano — que para ele representava o mais desprezível aspecto da vida e da sociedade burguesa. Não por acaso, Leminski se refere ao suicídio de Maiakóvski como "um buraco de chumbo na cabeça de todos nós".

Perspicaz, Haroldo de Campos apresentou seu jovem discípulo ainda poeta-erudito-concreto como "rimbaud curitibano". Ora, Rimbaud não era exatamente aquele poeta que produziu seus versos antes dos 20 anos, que se eternizou como um símbolo da marginália anti-burguesa? Não foi Rimbaud quem calou-se prematuramente e foi em busca do "ouro" no deserto africano?

E Leminski parecia meditar sobre o caminho de Rimbaud. No poema *Lápide1*, Leminski, ao falar sobre o silêncio como as "obras completas do poeta" parece diretamente evocar Rimbaud:

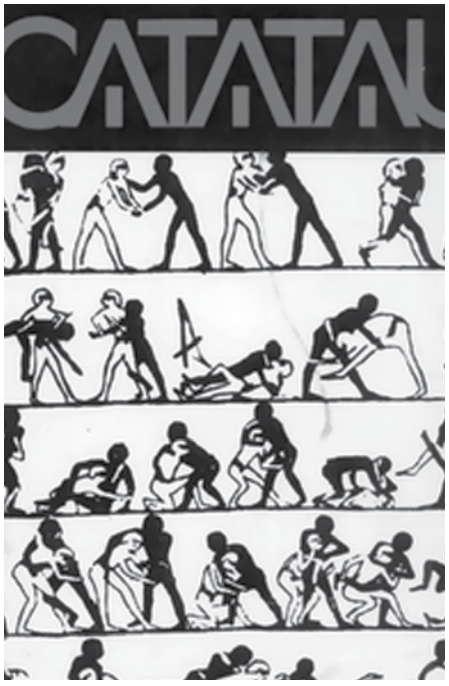
Aqui jaz um grande poeta.
Nada deixou escrito.
Este silêncio, acredito
são suas obras completas.

Trotsky

Por outro lado, Leminski não busca na poesia uma forma de alienar-se do mundo. Ainda que chamasse a poesia de um "inutensílio", ou seja algo que não tem função alguma, Leminski tinha nesse viver poético em que estava mergulhado uma forma de suportar esse mundo burguês e, sobretudo, de não se render a ele. Assim sua admiração pelo "silêncio como as obras completas do poeta" se complementa, por outro lado, com seu desejo de ver nascer uma nova sociedade livre. Nessa direção, Leminski se aproxima de Trotski e do trotskismo, que vão aparecer em alguns poemas, textos e cartas suas.

Leminski encontra em Trotsky e em sua luta revolucionária uma grande obra poética. Seria, talvez, também uma forma de luta contra o destino trágico dos poetas que isolados nas torres de marfim de suas existências amaldiçoadas rapidamente sucumbiam à morte da poesia. Curiosamente, em seu poema "Leon e Natália em Coyoacan", Trotsky aparece exatamente vinculado à imagem do silêncio, como se o revolucionário bolchevique exilado vivesse uma condição similar aos dos poetas malditos:

silêncio nós dois murmúrios azuis
eu e você dormindo e sonhando



Edição original de Catatau.

Mas, por outro lado, o revolucionário, diferentemente dos poetas, viveu o projeto histórico da revolução, foi sujeito de seu tempo e recitou também "versos" nos comícios, nas passeatas, nas petições do governo revolucionário, no exílio e nos documentos da nova internacional. Daí aparece nesse mesmo poema a lembrança das "multidões gritando como em Petrogrado aquele dia".

A oposição entre os anos de Petrogrado – da Revolução Russa, de Trotsky no poder, cercado pelas massas – e os anos de Coyoacan, seu exílio solitário no México misturam-se com a própria realidade de Leminski. O poema é narrado em primeira pessoa deixando em aberto quem realmente está sonhando, quem realmente medita, quem realmente contempla o sol a brilhar:

desta vez não vai ter neve como em
petrogrado aquele dia

o céu vai estar limpo e o sol brilhando

você dormindo e eu sonhando

nem casacos nem cossacos como em
petrogrado aquele dia
apenas você nua e eu como nasci

eu dormindo e você sonhando

Em outro poema, novamente, os dois caminhos – do líder revolucionário russo Leon Trotsky e do poeta Arthur Rimbaud a vagar errante pelo deserto – reaparecem como horizontes a serem sonhados pelo próprio poeta, que debilitado pela doença, no final da vida, alimentava-se de sopas ralas:

eu queria tanto
ser um poeta maldito
a massa sofrendo
enquanto eu profundo medito
eu queria tanto
ser um poeta social
rosto queimado
pelo hálito das multidões
em vez
olha eu aqui
pondo sal
nesta sopa rala
que mal vai dar para dois

No poema dedicado à tendência estudantil de inspiração trotsquista Liberdade e Luta, a Libelu, Leminski novamente aproxima os madiltos e os revolucionários. Como o diz um verso do poema, são aqueles que "o poder não corrompeu":

Leminski com Gilberto Gil.

me enterrem com os trotskistas
na cova comum dos idealistas
onde jazem aqueles
que o poder não corrompeu
me enterrem com meu coração
na beira do rio
onde o joelho ferido
tocou a pedra da paixão
A linha, uma vida inteira

Hoje, homenageando os vinte anos de sua morte, esdrúxulas flores artificiais caem sobre seu nome em festejos da cultura oficial. Como compreenderão a poesia de Leminski aqueles que a digerem entre caviar e champagne? O distanciamento de vinte anos e o caráter oficial da celebração acabam por "apagar", ou pelo menos empastelar, a dor de sua poesia, a inquietação do poeta, sua permanente angústia criativa. Leminski escreveu, certa vez, em carta a Régis Bonvicino, que o poeta tinha de "se dar ao luxo de ser uma revolução permanente". Essa definição irônica, rimbaud-trotsquista, do seu fazer poético não deixa dúvidas... De qualquer modo, Leminski certamente iria tirar uma onda e ia achar tudo uma curtição, pois saberia muito bem que pra além desses festejos, sua poesia continuará a circular sempre por essas vias tortas, de caminhos

O poeta Rimbaud.

curvos, nas linhas que vão das ruas para o papel, alimentando o "caminho difícil" da poesia marginal revolucionária.

Vim pelo caminho difícil,
a linha que nunca termina,
a linha bate na pedra,
a palavra quebra uma esquina,
mínima linha vazia,
a linha, uma vida inteira,
palavra, palavra minha.

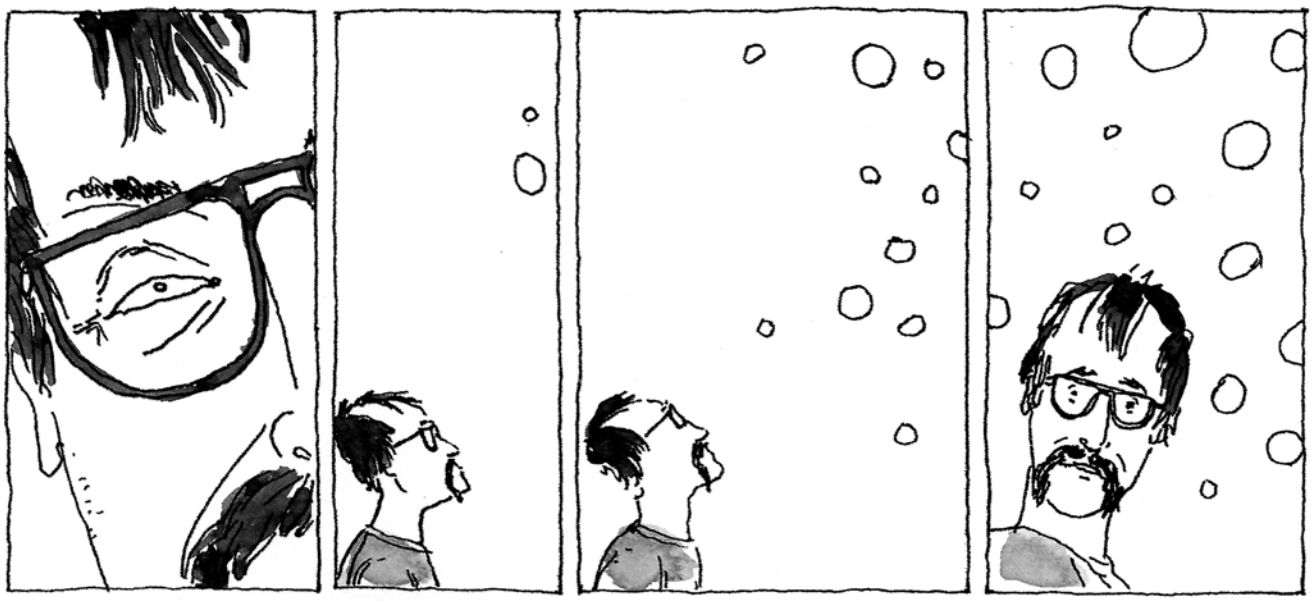
HEY! I THINK THE TIME IS RIGHT FOR A PRACTICE REVOLUTION...
BUT WHERE I LIVE THE SOLUTION IS COMPROMISE
...WELL, THEN WHAT CAN A POOR BOY DO EXCEPT TO SING FOR A ROCK 'N' ROLL BAND...
TAC!
TAC-TAC
TAC-TAC
TAC-TAC TA
TAC TACT
TAC

TAC-TAC
TAC-TAC
...
TAC
TACTAC
TAC
CAUSE IN LONDON TOWN THERE'S JUST
SLEEPY
FOR A STREET
MAN NO!
TAC TAC TAC-TAC-TAC
TAC-TAC
TAC-TACT
TACTACT
TACTACTAC
TAC
TAC
TAC
TAC
TAC
..TIME IS RIGHT FO
A PALACE REVO
DESTA VEZ NÃO VAI TER NEVE...
TAC!

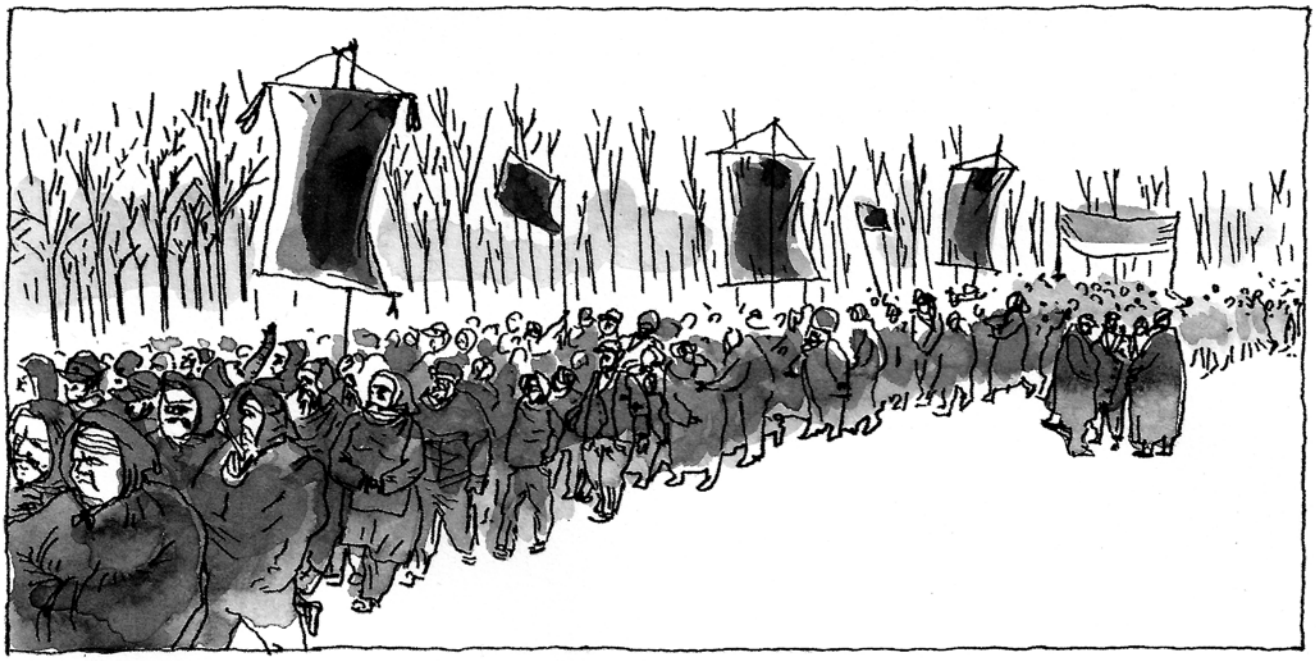
COMO EM PETROGRADO AQUELE...

O CÉU VAI ESTAR LIMPO E O SOL **BRILHANDO**...

...EU DORMINDO E VOCÊ

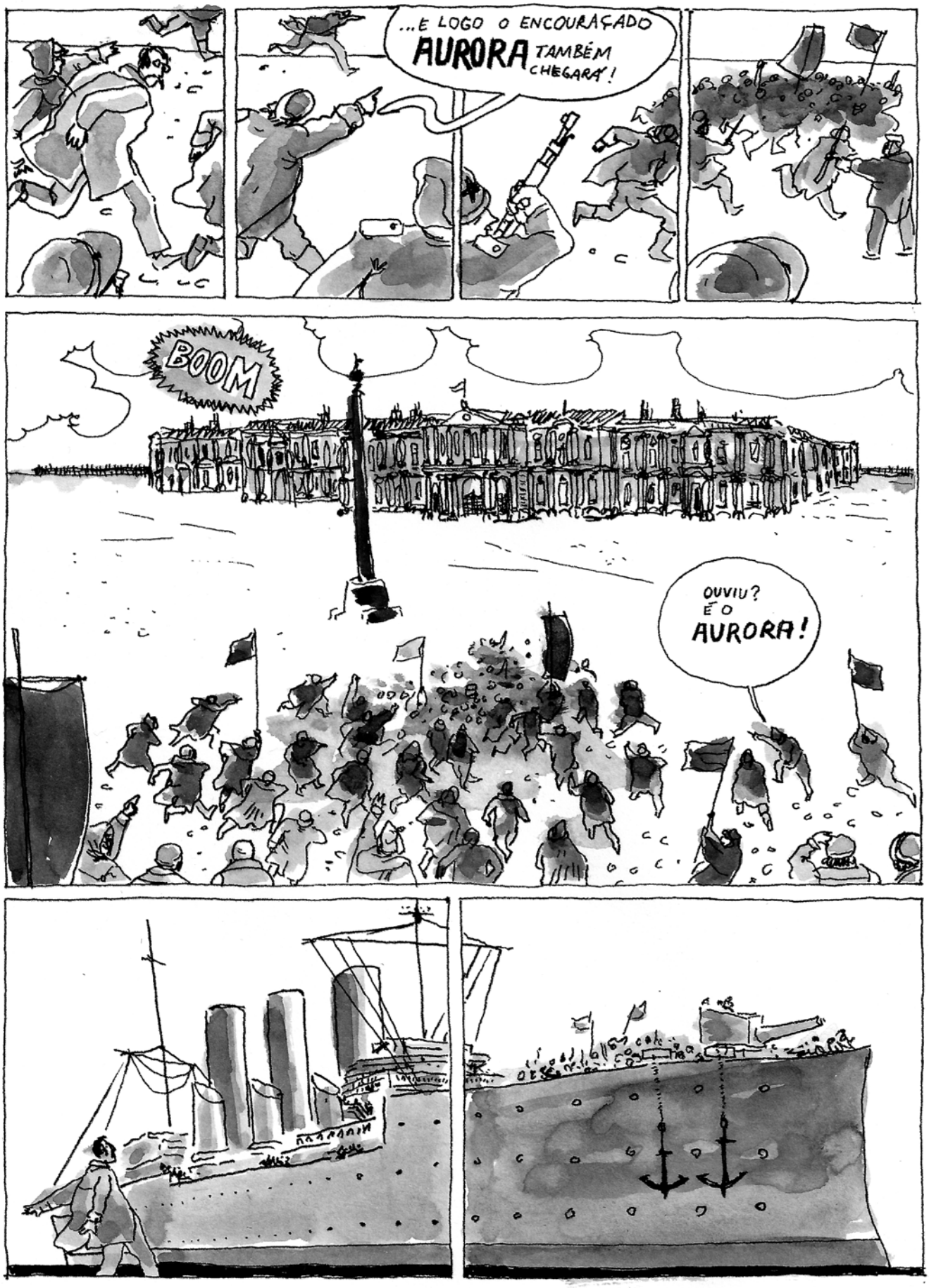


NEM CASACOS NEM COSSACOS
COMO EM PETROGRADO AQUELE DIA



HUMM...
NÃO VAI TER MAIS MULTIDÕES GRITANDO COMO EM PETROGRADO AQUELE DIA...
...
ESPEREM AÍ!
VOCÊS ESTÃO INDO PARA ONDE?
PETRO-GRADO
...
SOU UM OPERÁRIO DA LINGUAGEM, VOU SEGUIR COM O CORTEJO. TÔ DENTRO!
!

...PETROGRADO!
PIIIII!
TEK-TEK-TEK
TEK-TEK-TEK-T
-TEK-TEK-TE
TEK-TEK-TEK-
K-TEK-TEK-TE
TEK-TEK-TEK-
PIIIIIII!
K-TEK-TEK-TE
EK-TEK-TEK-T
TEK-TEK-TEK-T
PPIIIIII!
CAMARADA LEMINSKI, É O SINAL! É O SINAL!
...O TREM AVANÇA SOBRE PETRO-GRADO!


...E LOGO O ENCOURAÇADO AURORA TAMBÉM CHEGARÁ!
BOOM
OUVIU? É O AURORA!

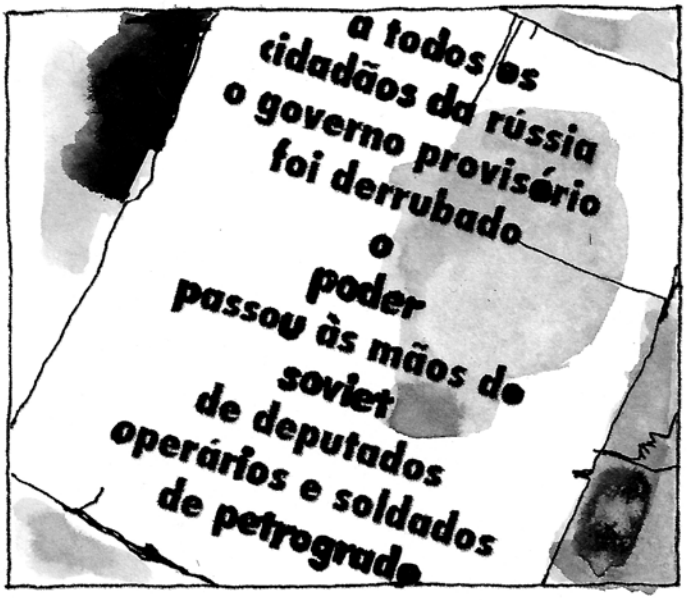
CAMARADA LEMINSKI?
EU.

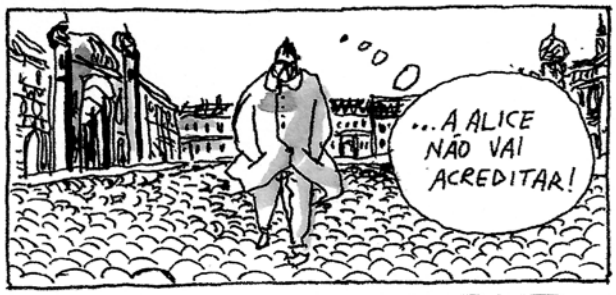
DEIXA SÓ A ALICE FICAR SABENDO...

ESTÁ CONVOCADO PELO CAMARADA LÊNIN A INTEGRAR O COMISSARIADO DE "AGITPROP" DO GOVERNO DOS SOVIETS!

...NÃO HÁ CONTEÚDO REVOLUCIONÁRIO, SEM FORMA REVOLUCIONÁRIA JÁ DIZIA M...

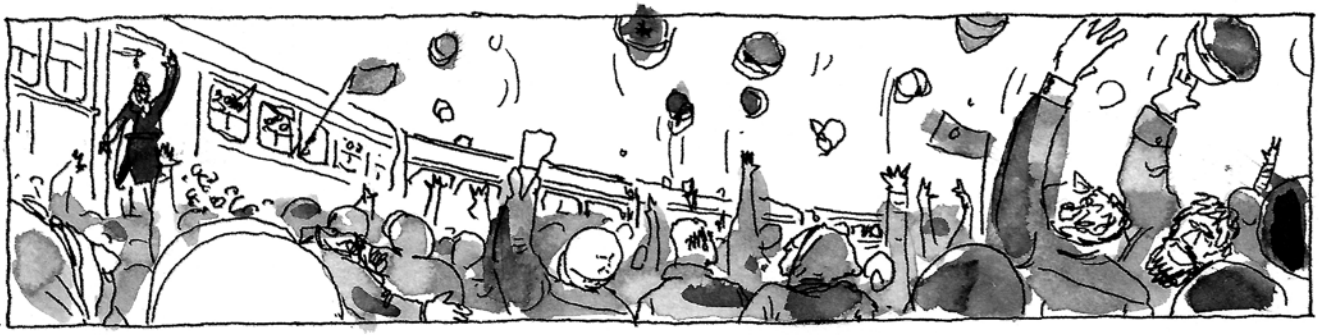
!


a todos os cidadãos da rússia
o governo provisório foi derrubado
o poder passou às mãos do soviet de deputados operários e soldados de petrogrado

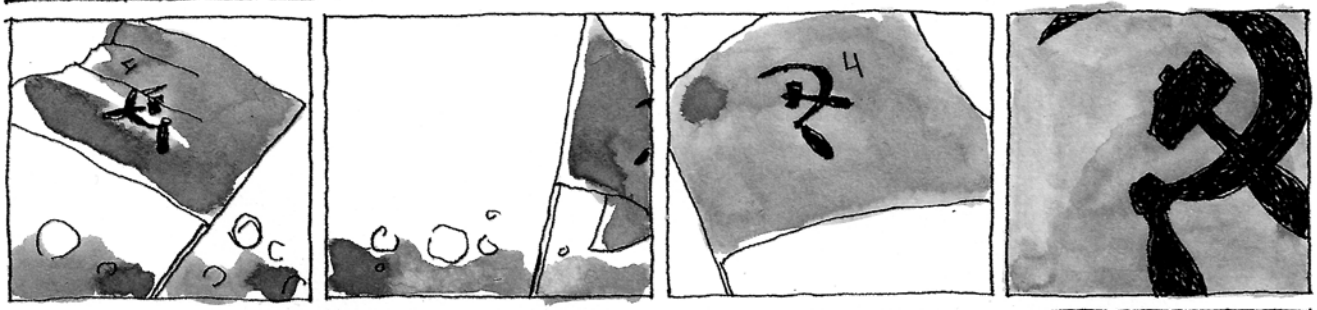

...A ALICE NÃO VAI ACREDITAR!

TODOS À ESTAÇÃO!

QUE DIABOS TÁ ACONTECENDO...
CAMARADAS



VIVA A INTERNACIONAAAL!!!



...OS HOMENS DE STÁLIN CHEGARÃO EM BREVE! PARA STÁLIN É O MOMENTO DE EDIFICAR O ESTADO PROLETÁRIO...

... ESTA MANIFESTAÇÃO "JÁ FOI LONGE DEMAIS" CRACK SERÁ DISPERSADA...

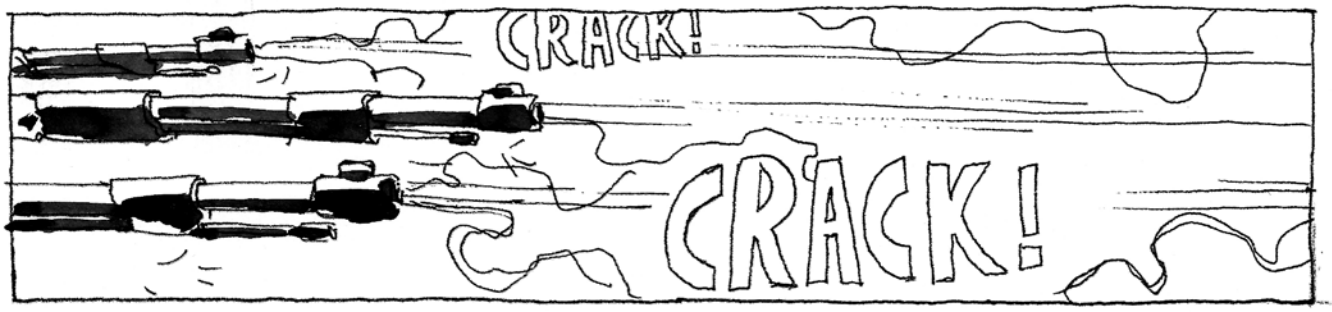
...O COMANDANTE DO **EXÉRCITO VERMELHO**, AQUELE HOMEM SOBRE O TREM, SERÁ BANIDO E **ASSASSINADO** EM COYOACAN...

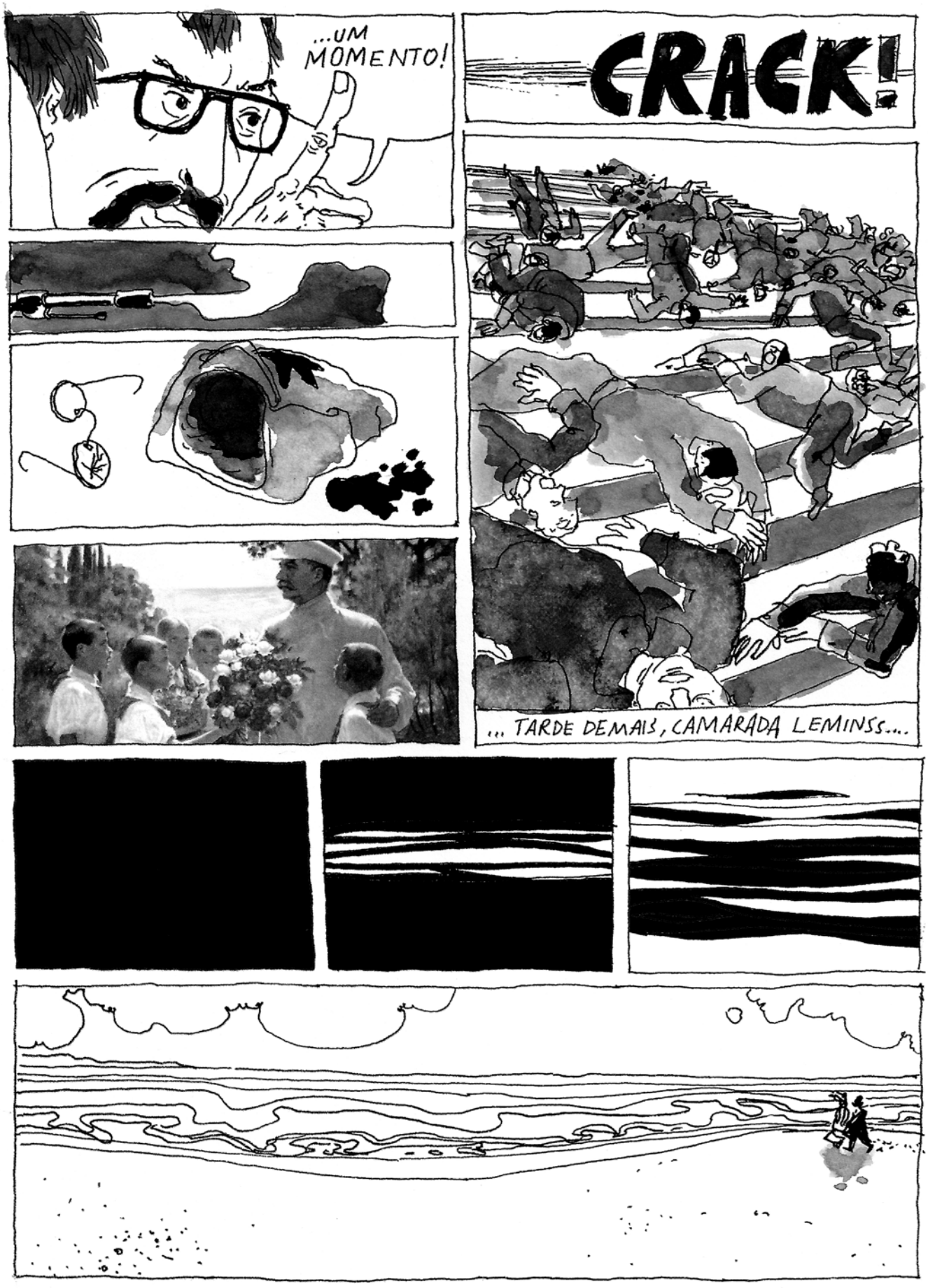
...NUM DIA ENSOLA ADO!

SEUS ALIADOS PERECERÃO NOS CONFINS DA **SIBÉRIA**!

E AOS POETAS QUE **NÃO** CANTAREM ODES A STÁLIN E SUA SUJA...

... CAMARILHA RESTARÁ O **SUICÍDIO**!




...UM MOMENTO!
CRACK!
... TARDE DEMAIS, CAMARADA LEMINSS....

BOA TARDE?
ESTÁ MORTO!
ABRIU OS OLHOS, AMOR!
COMO SE CHAMA?
LEMINSKI
LEMINSKI?
RUSSO?
POLONÊS
TROTSQUISTA ?!
ONDE ESTOU
QUEM SÃO VOCÊS?
COYOACAN!
EU E MEU MARIDO VIEMOS A PEDIDO DO GRANDE LÍDER STÁLIN!
VIEMOS EM BUSCA DE UM VELHO CONHECIDO ...
NÃO!
VÃO EMBORA!

"DESTA VEZ NÃO VAI TER NEVE
COMO EM PETROGRADO AQUELE DIA
O CÉU VAI ESTAR LIMPO E O SOL BRILHANDO
VOCÊ DORMINDO E EU SONHANDO

NEM CASACOS NEM COSSACOS
COMO EM PETROGRADO AQUELE DIA
APENAS VOCÊ NUA E EU COMO NASCI

EU DORMINDO E VOCÊ SONHANDO...

NÃO VAI TER MAIS MULTIDÕES GRITANDO
COMO EM PETROGRADO AQUELE DIA
SILÊNCIO NÓS DOIS MURMÚRIOS AZUIS

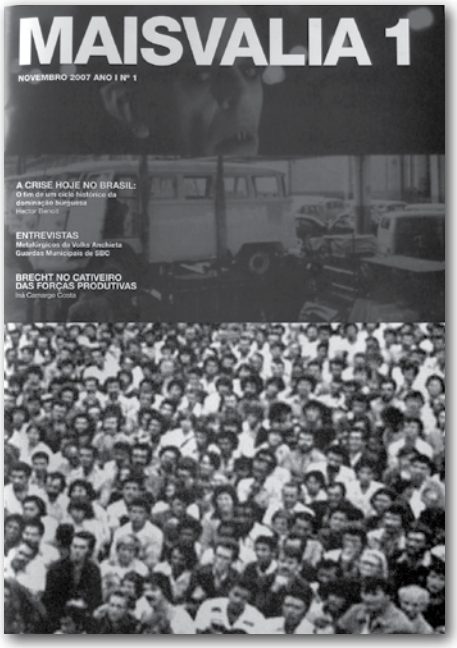
EU E VOCÊ DORMINDO E SONHANDO...

...NADA COMO UM DIA INDO
ATRÁS DO OUTRO VINDO...

BENOIT 19.11.09 A.R.D.

FIM

Ganhe um número anterior da MAISVALIA



A MAISVALIA quer saber mais sobre seus leitores.

Responda uma breve pesquisa em nosso site, escolha o número de sua preferência e receba de graça um exemplar em sua casa.

www.tykhe.com.br/pesquisa

A promoção vale apenas para os números ainda não esgotados.

www.maisvalia.org

ARTIGOS

REVOLTA CONTRA FÁBRICA-QUARTEL E SINDICATO
Entrevista com trabalhadores da Cinpal em greve

"O SINDICATO É COMO A ESTÁTUA DA JUSTIÇA: CEGO"
Entrevista com trabalhador da Volks

GREVES SE ESPALHAM POR TODO O PAÍS
Joanir Ribeiro

A CRISE E A NEGAÇÃO DA NEGAÇÃO
Hector Benoit

O MITO DA "PRODUÇÃO SIMPLES DE MERCADORIAS"
Christopher J. Arthur

LENIN E A TEORIA NEGATIVA DA DEMOCRACIA
Carlos Prado

A GUERRA CIVIL ESPANHOLA E A FRENTE POPULAR
Ann Talbot

TROTSKY, BRETON E LEMINSKI
Trotsky como símbolo para uma poética futura
Alexandre Benoit

Trotsky por Breton

Poeta Paulo Leminski: reflexo brasileiro de uma poética futura

Poema-gibi: Leminski-Trotsky

MAISVALIA 7
R$ 10,00 ISSN 1982676-1
07
9 771982 676002